



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19- N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2019**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Newton Araújo Silva Júnior

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Guilherme Soria Bastos Filho

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19 - N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2019**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 6 Safra 2018/19 - Sétimo levantamento, Brasília, p. 1-119, abril 2019.

Copyright 2019 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

Candice Mello Romero Santos (Geot); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); Patrícia Maurício Campos (Suinf).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Inicial: Lavoura de milho, Suerg-TO - / Final: Colheita do arroz, Sureg-RS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	12
--	-----------



4. Análise climática - Inmet	24
---	-----------



5. Mapemaneto do arroz irrigado em Goiás	29
---	-----------



6. Análise das culturas	31
--------------------------------------	-----------

6.1. Culturas de verão	31
------------------------------	----

6.1.1. Algodão	31
----------------------	----

6.1.2. Amendoim	36
-----------------------	----

6.1.3. Arroz	40
--------------------	----

6.1.4. Feijão	48
---------------------	----

6.1.5. Girassol	71
-----------------------	----

6.1.6. Mamona	72
---------------------	----

6.1.7. Milho	74
--------------------	----

6.1.8. Soja	85
-------------------	----

6.1.9. Sorgo	95
--------------------	----

6.2. Culturas de inverno	98
--------------------------------	----

6.2.1. Aveia branca	98
---------------------------	----



6.2.2. Canola -----	99
6.2.3. Centeio -----	100
6.2.4. Cevada -----	101
6.2.5. Trigo -----	102



7. Balanço de oferta e demanda -----	104
7.1. Algodão -----	104
7.2. Arroz -----	105
7.3. Feijão -----	106
7.4. Milho -----	107
7.5. Soja -----	108
7.6. Trigo -----	109



8. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	111
---	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

A estimativa da produção de grãos, para a safra 2018/19, é de 235,3 milhões de toneladas. O crescimento deverá ser de 3,4% ou 7,7 milhões de toneladas acima da safra anterior.

A área plantada está prevista em 63 milhões de hectares. O crescimento calculado foi de 2,1%, comparando-se com a safra 2017/18. Os maiores aumentos de área são de soja (626 mil hectares), milho segunda safra (702,8 mil hectares) e algodão (410,8 mil hectares).

Algodão: a área plantada prevista é de 1.585,5 mil hectares, sendo 35% maior que a safra passada, sobretudo pelo aumento de área no Mato Grosso e na Bahia.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de 419 mil toneladas produzidas, representando redução de 16,7% em comparação à produção obtida em 2017/18.

Amendoim segunda safra: a projeção é que 6,2 mil hectares sejam semeados com a cultura, nesta temporada.

Arroz: a produção deverá ser 11,7% menor que a safra passada, principalmente em razão das reduções ocorridas nos estados produtores de destaque: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Tocantins. A estimativa nacional é de 10,6 milhões de toneladas produzidas.

Feijão primeira safra: apresenta diminuição de 11,9% na área e 24,5% na produção estimada em comparação a 2017/18. Destaque para as variações no Piauí e

no Paraná.

Feijão segunda safra: lavouras em final de plantio. Expectativa de cultivo de 1.535,7 mil hectares. Os estados do Ceará, Mato Grosso e Paraná estão entre as maiores áreas plantadas nesse período.

Milho primeira safra: redução de 1,3% na área cultivada, especialmente em Minas Gerais e no Piauí. Produção estimada em 25,9 milhões de toneladas, com destaque para a Região Sul do país, com cerca de 45% desse total.

Milho segunda safra: perspectiva de acréscimo de 6,1% na área cultivada e de 26,4% na produção em

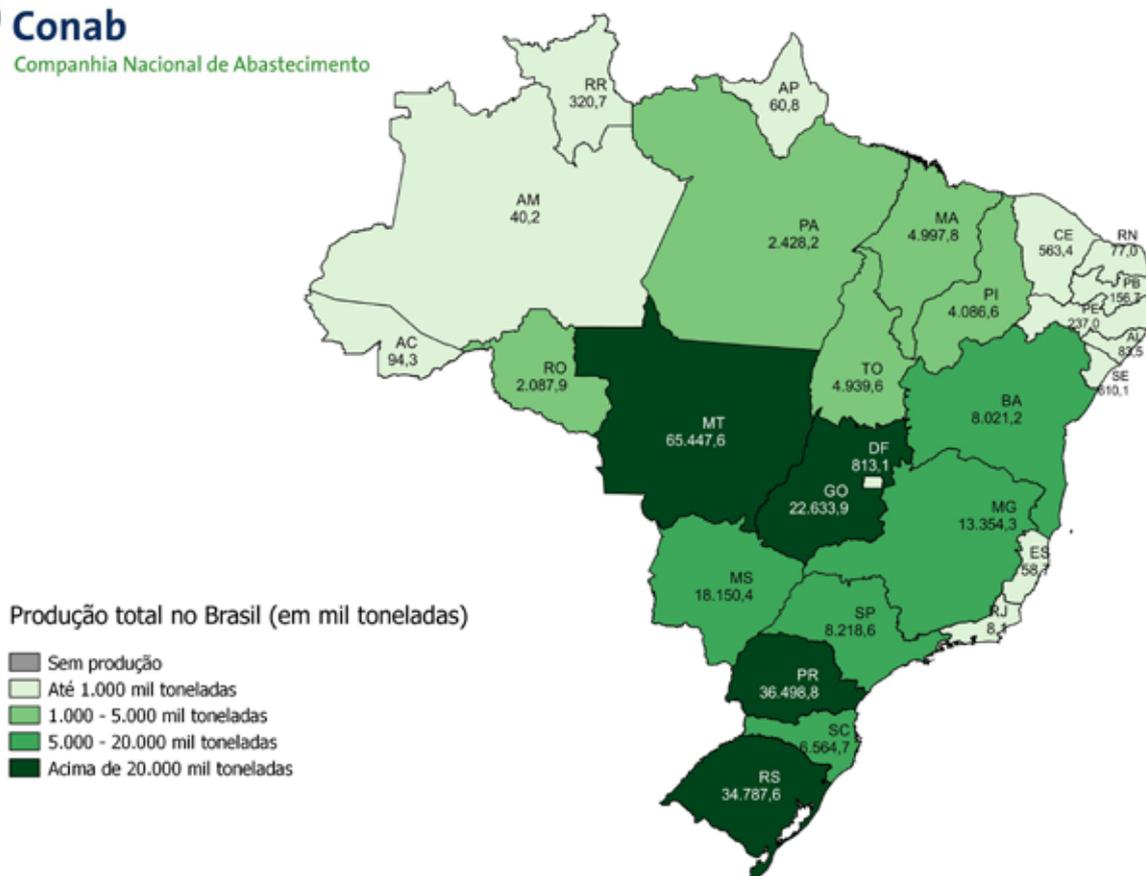
comparação 2017/18. Impulsionado principalmente pelos incrementos esperados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Soja: crescimento de 1,8% na área de plantio e redução de 4,6% na produção, atingindo 113,8 milhões de toneladas. As Regiões Centro-Oeste e Sul representam mais de 78% dessa produção.

Safra inverno 2019

Com o início do plantio, a partir de abril, estima-se a produção das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) em cerca de 3,4% superior à obtida em 2018.

Figura 1 – Produção de grãos no Brasil





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), acompanha mensalmente a safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

Nos acompanhamentos de safra se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo desse trabalho é subsidiar esse ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a obtenção desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim, o resultado das pesquisas da safra. São informações de área plantada e/ou a ser

plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com

diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Companhia agradece o empenho e dedicação de todos, quando solicitados a colaborarem



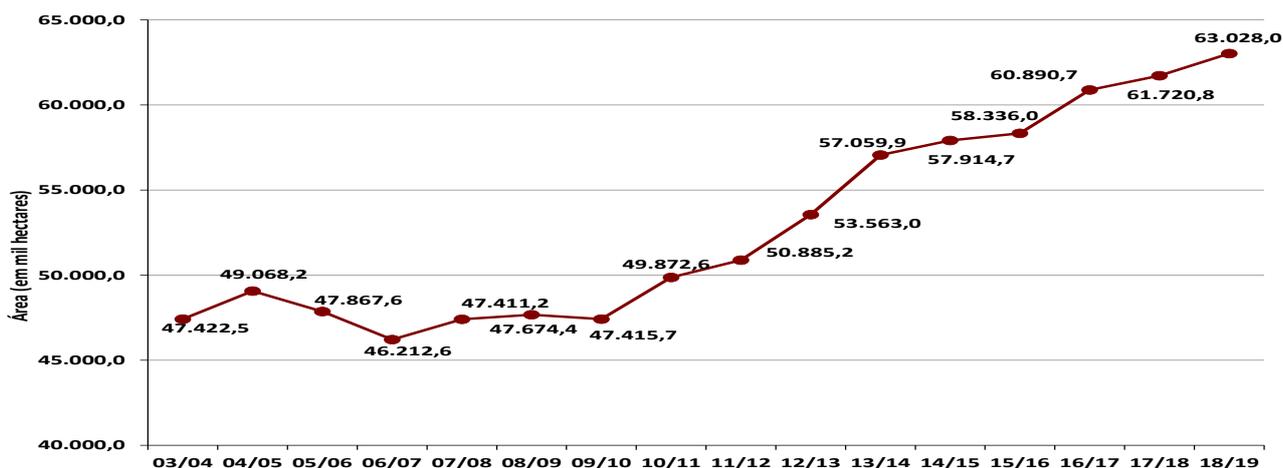


3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Para a safra 2018/19, a área plantada de grãos no Brasil, está estimada em 63.028 mil hectares. A perspectiva é de aumento de 2,1% em relação à temporada passada, que equivale a um acréscimo de 1.307,2 mil hectares, influenciado pelo incremento nas áreas de milho, algodão e soja.

O clima no início da safra contribuiu decisivamente para o avanço do plantio, sobretudo para a soja, criando uma expectativa positiva de janela favorável à semeadura das culturas de segunda safra. Nessa temporada, a semeadura da segunda safra praticamente foi encerrada nos principais estados produtores, especialmente naquelas áreas colhidas com as variedades precoces da soja, e o plantio neste exercício ocorrerá, de forma geral, mais rápido que o verificado na safra passada.

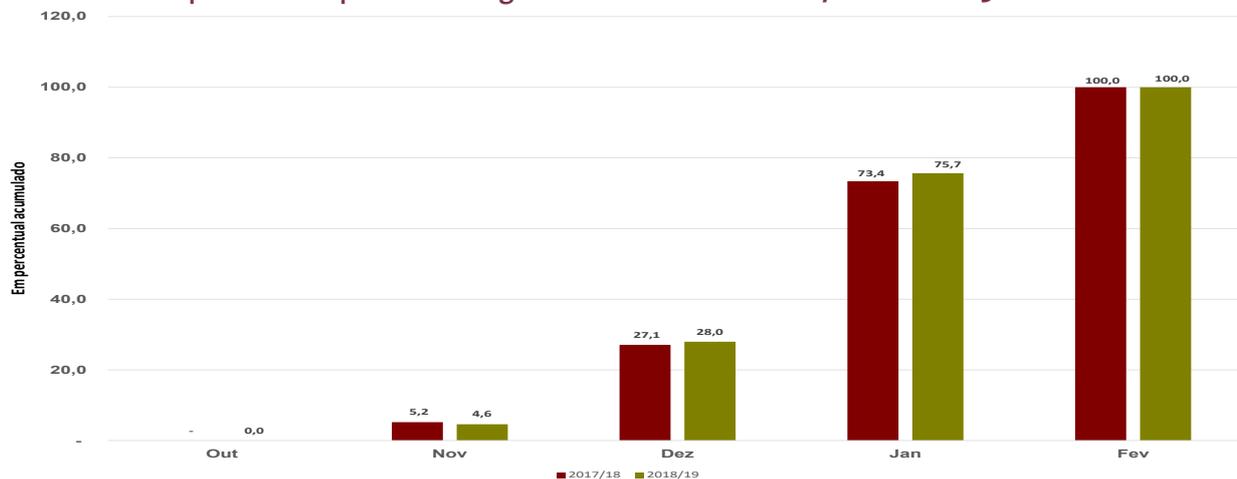
Gráfico 1 – Comportamento da área cultivada - Total Brasil



Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 86,6% da produção).

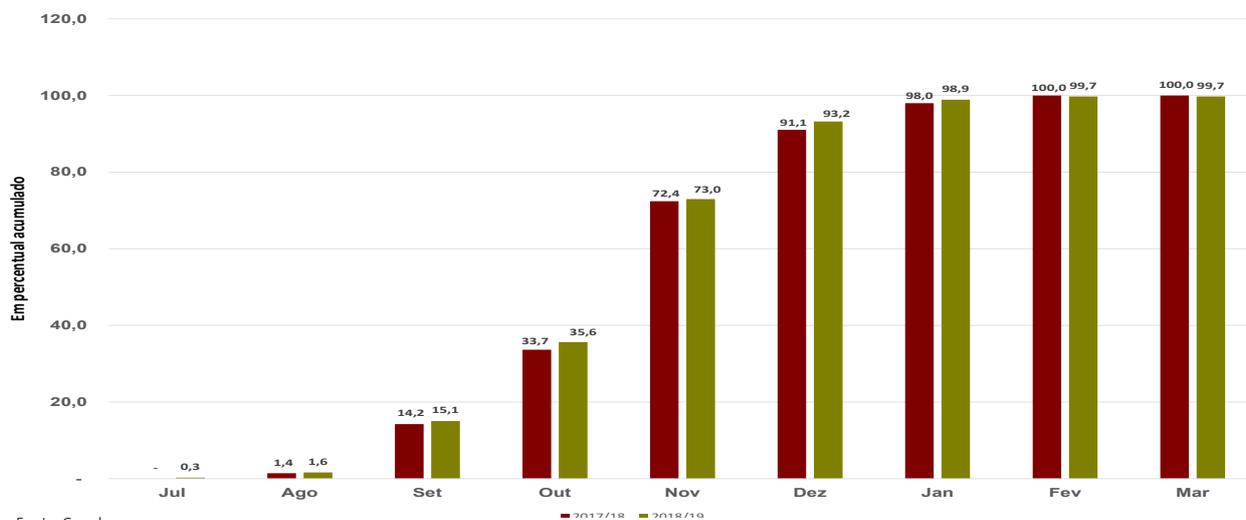
Gráfico 2 – Comparativo de plantio de algodão entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente à Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais (corresponde a 95,8% da produção).

Gráfico 3 – Comparativo de plantio de arroz entre as safras 2017/18 e 2018/19

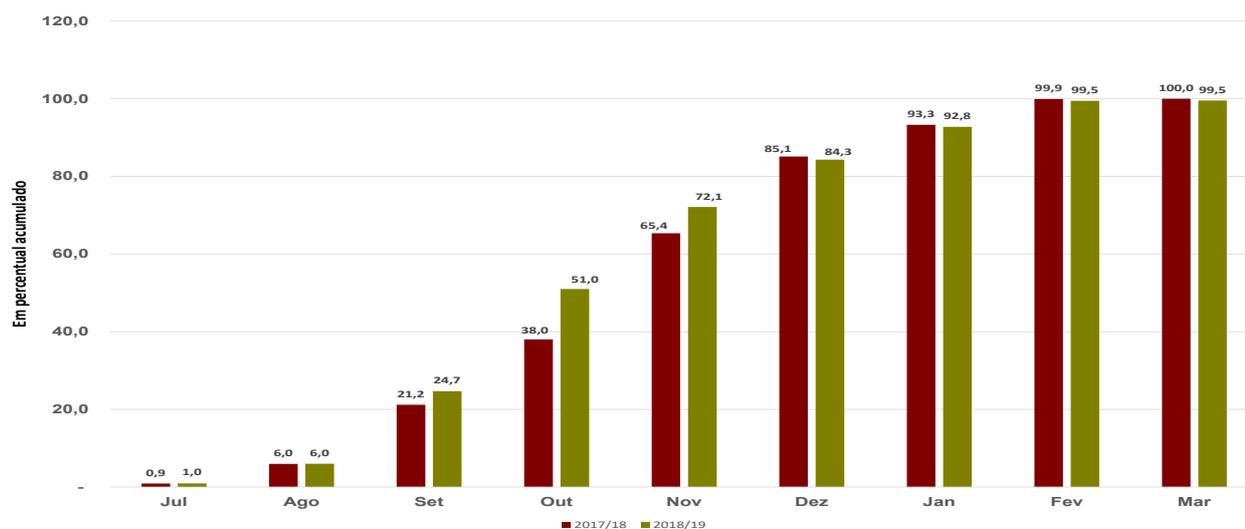


Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 86,6% da produção).



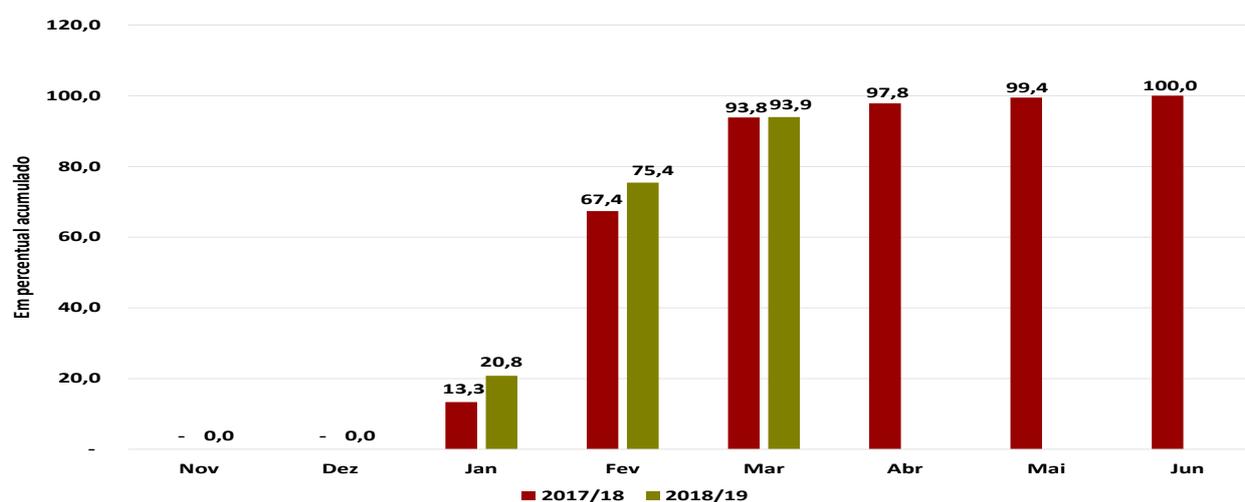
Gráfico 4 – Comparativo de plantio de milho primeira safra entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente a Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 80% da produção).

Gráfico 5 – Comparativo de plantio de milho segunda safra entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

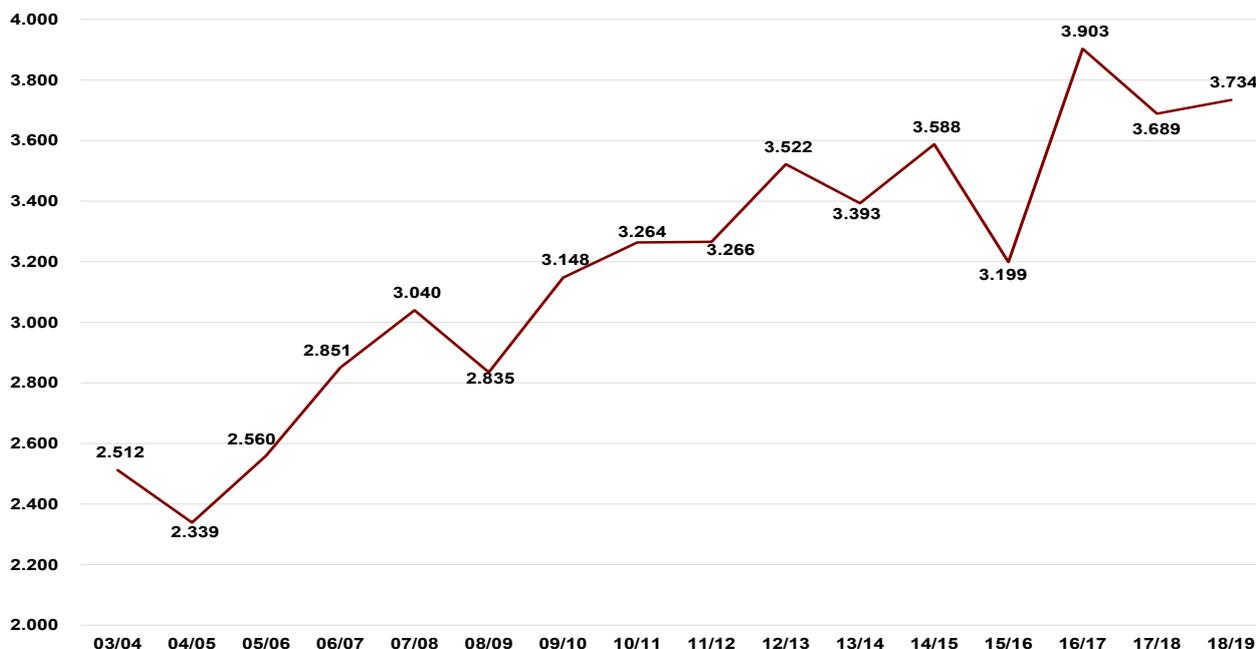
Nota: Percentual referente a Tocantins, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná (corresponde a 93,5% da produção).



As alternâncias das condições climáticas, ao longo do plantio da safra de verão, atreladas à incidência de temperaturas elevadas, sobretudo no Centro-Sul brasileiro, prejudicaram as culturas que se encontravam nas fases de enchimento de grãos e fechando o ciclo

produtivo, especialmente aquelas semeadas no início da safra. Mesmo assim, a expectativa de produtividade a ser alcançada é positiva e deverá ser a segunda maior registrada na série histórica da Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Fonte: Conab.

A produção estimada, nesse levantamento, indica um volume de 235,3 milhões de toneladas, apresentando variação positiva de 3,4% em relação à safra passada. Esse resultado representa a possibilidade de aumento na produção de 7,7 milhões de toneladas.

A soja, milho, arroz e algodão apresentam-se como as principais culturas produzidas no país. Esses quatro produtos correspondem a 94,4% do que será produzi-

do nesta safra. A produção da soja deverá ser de 113,8 milhões de toneladas, o milho, distribuído entre a primeira e segunda safras, poderá atingir 94 milhões de toneladas, o arroz, 10,6 milhões e o algodão em pluma, 2,6 milhões de toneladas. Para a atual safra, destaca-se também a expectativa de aumento da produção para o amendoim e mamona. O feijão possui três safras e a estimativa é que sejam produzidos 3,1 milhões de toneladas.



3.1. ALGODÃO

Diante do bom desempenho das cotações da pluma, os produtores nacionais investiram mais no cultivo de algodão nessa safra e é esperado incrementos recordes na área plantada. Além do aumento de área em regiões que tradicionalmente cultivam algodão ocorre incorporação de novas áreas ao processo produtivo.

A área plantada, nessa temporada, deverá apresentar aumento de 35% em relação aos 1.174,7 mil hectares efetivados na safra passada. Fatores como clima favorável, taxa de câmbio, níveis de estoques internacionais, evo-

lução dos preços nas principais praças produtoras e o bom ritmo das exportações, contribuirão para que esse quadro se consolide.

Quase todos os estados produtores de algodão no país (exceção de Ceará e Rio Grande do Norte) apresentaram incremento em área plantada nesta safra, comparada à temporada anterior. Nesse crescimento se destacam o Mato Grosso e a Bahia que, juntos, dispõem de mais de 88% da área estimada para a cotonicultura em 2018/19.

3.2. ARROZ

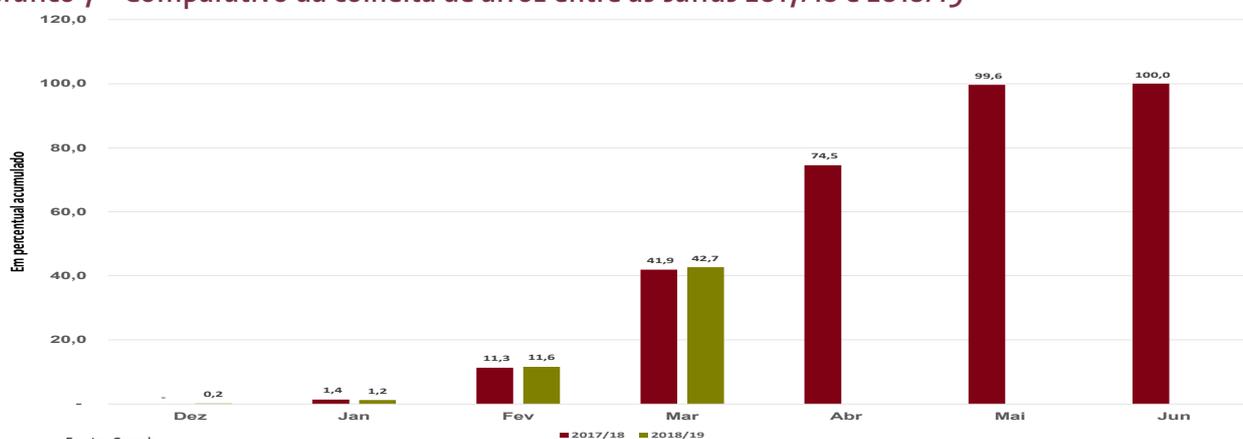
A cultura do arroz é essencial para a segurança alimentar e nutricional para mais da metade da população mundial, além de ser integrante do hábito alimentar da nossa população. Sua produção ocorre em todo o país, mas tem maior concentração na Região Sul do país, que é responsável por mais de 80% da oferta nacional.

O arroz tem perdido área ao longo dos anos. Nas últimas dez safras, a área cultivada com arroz reduziu aproximadamente 38%, sobretudo em áreas de sequeiro, uma vez que o produtor tem optado por cul-

turas mais rentáveis. De acordo com as estimativas da Conab, a área brasileira de arroz, nessa safra, deverá ser 13,5% menor que a área cultivada na safra passada.

Apesar da produção não ter sofrido grandes variações nesse período, o rizicultor nacional tem mantido a produção ajustada ao consumo, incrementando a produtividade com a utilização de um melhor pacote tecnológico. O salto de produtividade entre a safra 2000/01 e 2017/18 foi de 95% (de 3.197 para 6.118 kg/ha). Nesta safra, a produção deverá experimentar redução, estimada em 11,7% quando comparada à safra passada.

Gráfico 7 – Comparativo da colheita de arroz entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 90,2% da produção).

3.3. FEIJÃO

O grão está no hábito alimentar dos brasileiros. Por isso é cultivado em todos os estados, variando a preferência entre os diferentes tipos de feijão, de acordo com os costumes regionais.

Por ser uma cultura de ciclo curto, possibilita o plantio em até três momentos durante a safra, mantendo o mercado em equilíbrio. Diante dessa dinâmica, a pro-

dução nacional de feijão tem média de 3,15 milhões de toneladas nos últimos 20 anos, valor próximo ao consumo interno.

Na primeira safra deste ano, a menor área semeada e os problemas decorrentes de adversidades climáticas prejudicaram a produção. O processo de colheita, já encerrado, resultou na produção de 971,7 mil toneladas,

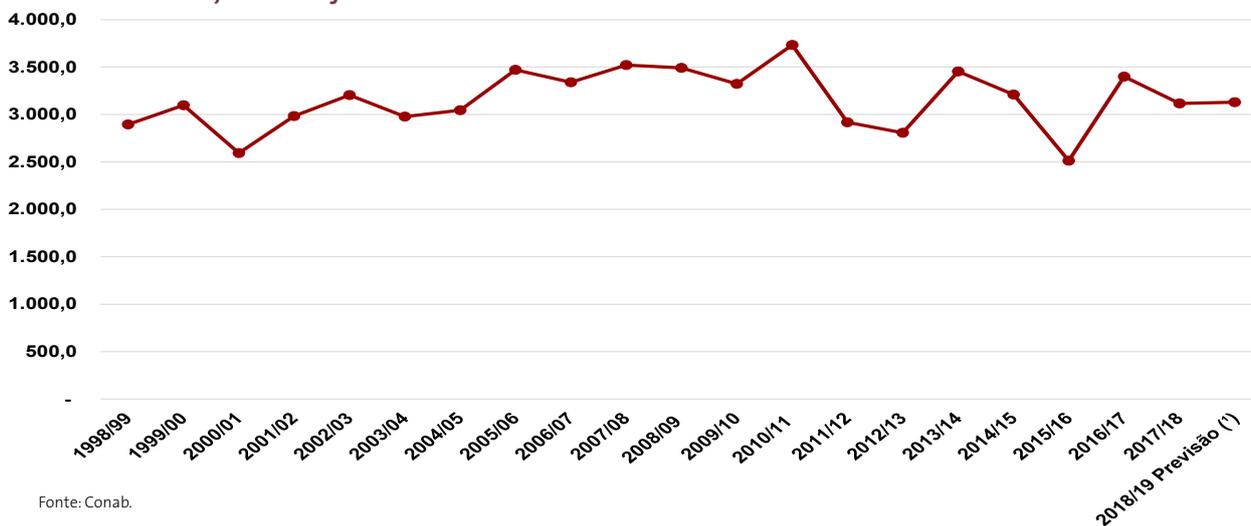


representando diminuição de 24,5% em comparação a 2017/18.

Na segunda safra, a situação favorável de mercado foi um fator motivador para a expansão da área plantada

com o feijão-comum cores e o feijão-comum preto. No entanto, isto não se projetou para o feijão-caupi, principalmente pela expectativa de redução de área cultivada no Mato Grosso.

Gráfico 8 – Produção de feijão nas últimas duas décadas



Fonte: Conab.

3.4. MILHO

O milho plantado na primeira safra apresenta produção para atendimento a demandas internas, a exemplo da ração animal para confinamento e nas áreas próximas às granjas de aves e suínos, uma vez que o foco do produtor, neste primeiro momento, é a soja. Na segunda safra é onde se concentra a maior parte da produção de milho.

Nessa temporada, apesar de ter sido verificado a migração de áreas de feijão primeira safra, cana-de-açúcar e pastagens, para o milho primeira safra, a competição por culturas mais rentáveis resultou em diminuição de área em relação à safra passada. A área plantada atingiu 5.018,5 mil hectares, representando diminuição de 1,3%. Já a área do milho segunda safra deverá obter um

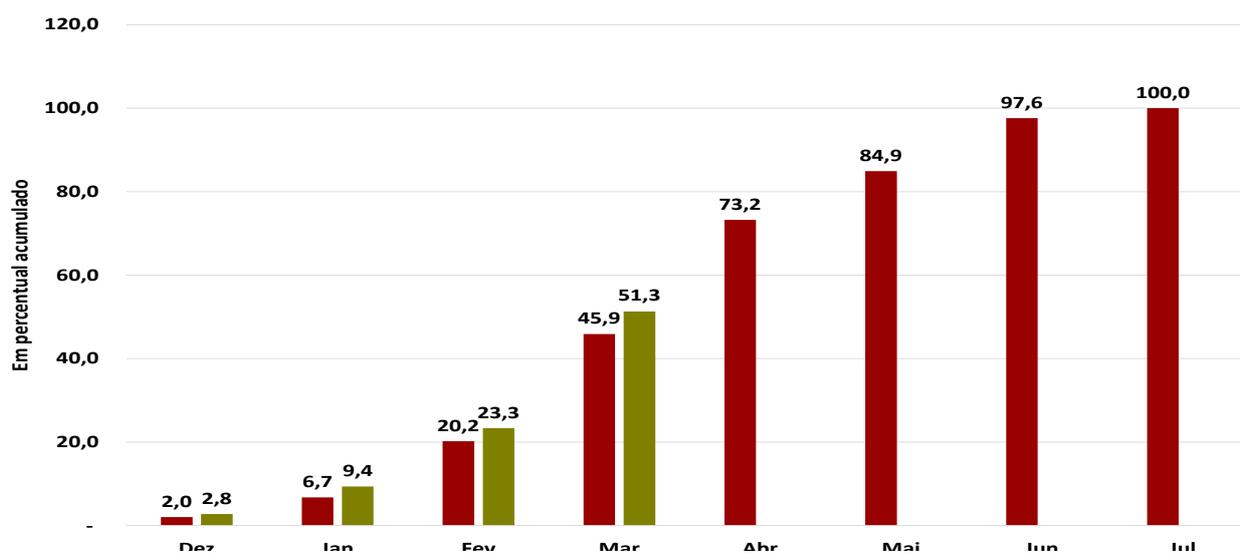
aumento de 6,1% em relação à safra passada.

A área de milho segunda safra foi bastante estimulada pela antecipação da colheita da soja e pela possibilidade do aproveitamento integral da janela climática, criando a expectativa de bons rendimentos na lavoura. O forte aumento na área plantada e a expectativa positiva na produção deverão estabelecer novos recordes nacionais, contribuindo para que a produção, englobando a primeira e segunda safras, se transforme na segunda maior safra do cereal produzida no país.

A produção total de milho deverá atingir 94 milhões toneladas, representando um aumento de 16,5% em relação à temporada passada, acometida por problemas climáticos na segunda safra.



Gráfico 9 – Comparativo da colheita de milho primeira safra entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

3.5. SOJA

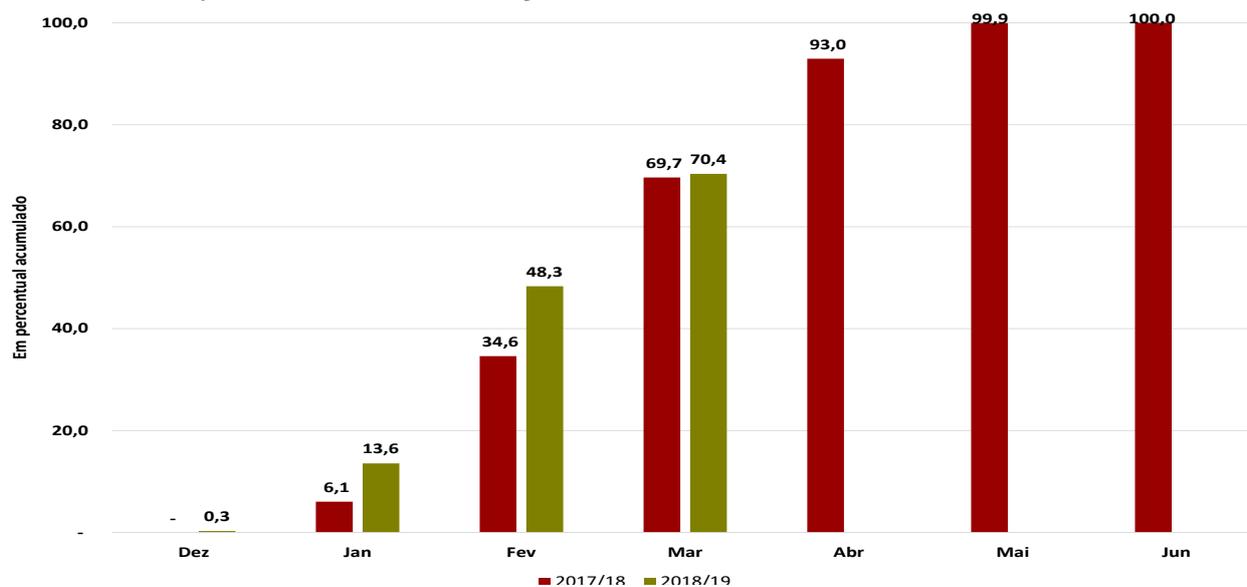
As expectativas para a temporada 2018/19 mantêm a tendência de crescimento da área plantada, atingindo 1,8% de crescimento em relação à safra passada, correspondendo ao plantio de 35.775,2 mil hectares. A soja é um produto com forte liquidez, que tem proporcionado um quadro de suporte dos preços no âmbito interno, reforçando a aposta anual dos produtores no incremento de área para esse produto.

O produtor tem incrementado o uso de tecnologia a fim de aumentar a produtividade e, dessa forma, melhorar sua rentabilidade. Assim, a produtividade da soja saltou de 2.823 kg/ha na safra 2006/07, para 3.394 kg/

ha na safra 2017/18, um salto de 20%. Nesta safra, a estimativa é de redução na produtividade, ocasionada por adversidades climáticas severas em importantes estados produtores, como Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Paraná, quando comparada à excelente produtividade da safra passada. Ainda assim, as lavouras com espécies de ciclo médio e tardio foram menos impactadas por essas intempéries climáticas e isso suavizou a previsão de diminuição do rendimento médio. Nesse levantamento, a estimativa é que a produção seja de 113,8 milhões de toneladas. Quando comparada à safra passada, que foi recorde, é inferior em 4,6%, ainda sendo a terceira maior safra de soja da série histórica da Conab.



Gráfico 10 – Comparativo da colheita de soja entre as safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: Percentual referente a Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (corresponde a 97,2% da produção).



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.174,7	1.569,2	1.585,5	1,0	35,0	16,3	410,8
AMENDOIM TOTAL	138,3	144,2	144,7	0,3	4,6	0,5	6,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	132,1	138,1	138,5	0,3	4,8	0,4	6,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	6,4	6,1	6,2	1,6	(3,1)	0,1	(0,2)
ARROZ	1.972,1	1.716,9	1.705,4	(0,7)	(13,5)	(11,5)	(266,7)
ARROZ SEQUEIRO	539,0	366,9	354,5	(3,4)	(34,2)	(12,4)	(184,5)
ARROZ IRRIGADO	1.433,8	1.350,0	1.350,9	0,1	(5,8)	0,9	(82,9)
FEIJÃO TOTAL	3.171,7	3.044,1	3.043,9	-	(4,0)	(0,2)	(127,8)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.327,0	1.254,6	1.286,8	2,6	(3,0)	32,2	(40,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	328,7	334,1	341,2	2,1	3,8	7,1	12,5
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.516,0	1.455,4	1.415,9	(2,7)	(6,6)	(39,5)	(100,1)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.061,2	941,8	935,4	(0,7)	(11,9)	(6,4)	(125,8)
CORES	462,4	375,9	376,5	0,2	(18,6)	0,6	(85,9)
PRETO	180,2	170,4	169,8	(0,4)	(5,8)	(0,6)	(10,4)
CAUPI	411,0	395,5	389,1	(1,6)	(5,3)	(6,4)	(21,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.532,7	1.524,5	1.535,7	0,7	0,2	11,2	3,0
CORES	378,0	396,4	433,0	9,2	14,6	36,6	55,0
PRETO	131,4	146,6	154,3	5,3	17,4	7,7	22,9
CAUPI	1.023,3	981,5	948,4	(3,4)	(7,3)	(33,1)	(74,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	577,8	577,8	572,8	(0,9)	(0,9)	(5,0)	(5,0)
CORES	493,5	482,3	477,3	(1,0)	(3,3)	(5,0)	(16,2)
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-	-	-
CAUPI	78,4	78,4	78,4	-	-	-	-
GIRASSOL	95,5	79,0	65,8	(16,7)	(31,1)	(13,2)	(29,7)
MAMONA	31,8	47,9	46,4	(3,1)	45,9	(1,5)	14,6
MILHO TOTAL	16.616,4	17.072,1	17.255,6	1,1	3,8	183,5	639,2
MILHO 1ª SAFRA	5.082,1	5.024,6	5.018,5	(0,1)	(1,3)	(6,1)	(63,6)
MILHO 2ª SAFRA	11.534,3	12.047,5	12.237,1	1,6	6,1	189,6	702,8
SOJA	35.149,2	35.818,8	35.775,2	(0,1)	1,8	(43,6)	626,0
SORGO	782,2	784,7	816,6	4,1	4,4	31,9	34,4
SUBTOTAL	59.131,9	60.276,9	60.439,1	0,3	2,2	162,2	1.307,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018 (a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	375,6	375,6	375,6	-	-	-	-
CANOLA	35,5	35,5	35,5	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	111,9	111,9	111,9	-	-	-	-
TRIGO	2.042,4	2.042,4	2.042,4	-	-	-	-
TRITICALE	19,9	19,9	19,9	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.588,9	2.588,9	2.588,9	-	-	-	-
BRASIL	61.720,8	62.865,8	63.028,0	0,3	2,1	162,2	1.307,2

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.560	2.460	2.503	1,7	(2,2)	42,8	(56,8)
ALGODÃO EM PLUMA	1.708	1.641	1.670	1,7	(2,2)	28,5	(37,7)
AMENDOIM TOTAL	3.698	3.261	2.978	(8,7)	(19,5)	(283,2)	(719,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.798	3.321	3.026	(8,9)	(20,3)	(294,6)	(772,3)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.541	1.915	1.905	(0,5)	23,6	(10,5)	363,6
ARROZ	6.118	6.195	6.247	0,8	2,1	52,2	129,6
ARROZ SEQUEIRO	2.409	2.430	2.434	0,2	1,0	4,5	25,0
ARROZ IRRIGADO	7.513	7.218	7.248	0,4	(3,5)	29,5	(265,5)
FEIJÃO TOTAL	982	1.010	1.028	1,8	4,7	18,2	46,0
CORES	1.384	1.481	1.478	(0,2)	6,8	(3,2)	93,6
PRETO	1.489	1.449	1.564	8,0	5,0	115,2	75,0
CAUPI	521	504	491	(2,5)	(5,8)	(12,6)	(30,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.212	1.049	1.039	(0,9)	(14,3)	(9,7)	(173,1)
CORES	1.728	1.537	1.498	(2,5)	(13,3)	(38,8)	(230,2)
PRETO	1.655	1.497	1.513	1,1	(8,5)	16,5	(141,3)
CAUPI	449	392	388	(1,0)	(13,5)	(3,9)	(60,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	793	890	939	5,5	18,3	49,2	145,5
CORES	1.268	1.548	1.583	2,2	24,8	34,5	314,4
PRETO	1.368	1.484	1.719	15,8	25,7	235,0	351,0
CAUPI	522	535	518	(3,2)	(0,7)	(16,9)	(3,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.062	1.265	1.251	(1,1)	17,8	(14,1)	189,2
CORES	1.137	1.382	1.367	(1,1)	20,2	(15,6)	229,8
PRETO	677	671	671	-	(0,8)	-	(5,7)
CAUPI	593	674	674	-	13,7	-	81,3
GIRASSOL	1.489	1.548	1.693	9,4	13,7	145,0	203,9
MAMONA	631	638	659	3,3	4,3	21,0	27,3
MILHO TOTAL	4.857	5.436	5.448	0,2	12,2	11,8	590,8
MILHO 1ª SAFRA	5.275	5.216	5.155	(1,2)	(2,3)	(61,4)	(119,5)
MILHO 2ª SAFRA	4.673	5.528	5.568	0,7	19,2	40,3	895,2
SOJA	3.394	3.168	3.182	0,4	(6,2)	14,0	(211,9)
SORGO	2.731	2.446	2.789	14,0	2,1	343,1	58,5
SUBTOTAL	3.737	3.756	3.780	0,6	1,2	24,0	43,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018 (a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.116	2.228	2.228	-	5,3	-	112,0
CANOLA	1.394	1.270	1.270	-	(8,9)	-	(124,0)
CENTEIO	2.083	1.833	1.833	-	(12,0)	-	(250,0)
CEVADA	3.159	2.989	2.989	-	(5,4)	-	(170,0)
TRIGO	2.657	2.757	2.757	-	3,8	-	100,0
TRITICALE	2.709	2.578	2.578	-	(4,8)	-	(131,0)
SUBTOTAL	2.583	2.667	2.667	-	3,3	-	84,0
BRASIL (2)	3.689	3.711	3.734	0,6	1,2	1,2	44,9

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	3.007,1	3.860,9	3.968,7	2,8	32,0	107,8	961,6
ALGODÃO - PLUMA	2.005,8	2.575,4	2.647,4	2,8	32,0	72,0	641,6
AMENDOIM TOTAL	511,4	470,2	430,8	(8,4)	(15,8)	(39,4)	(80,6)
AMENDOIM 1ª SAFRA	502,8	458,5	419,0	(8,6)	(16,7)	(39,5)	(83,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	8,6	11,7	11,8	0,9	37,2	0,1	3,2
ARROZ	12.064,2	10.636,2	10.653,8	0,2	(11,7)	17,6	(1.410,4)
ARROZ SEQUEIRO	1.298,5	891,7	862,8	(3,2)	(33,6)	(28,9)	(435,7)
ARROZ IRRIGADO	10.765,7	9.744,5	9.791,0	0,5	(9,1)	46,5	(974,7)
FEIJÃO TOTAL	3.116,1	3.075,1	3.130,3	1,8	0,5	55,2	14,2
FEIJÃO TOTAL CORES	1.837	1.858	1.902	2,3	3,5	43,5	64,8
FEIJÃO TOTAL PRETO	490	484	534	10,2	9,0	49,5	43,9
FEIJÃO TOTAL CAUPI	790	733	695	(5,1)	(12,0)	(37,7)	(94,5)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.286,4	987,5	971,7	(1,6)	(24,5)	(15,8)	(314,7)
CORES	803,8	577,6	563,8	(2,4)	(29,9)	(13,8)	(240,0)
PRETO	298,2	255,1	256,9	0,7	(13,8)	1,8	(41,3)
CAUPI	184,4	154,9	151,0	(2,5)	(18,1)	(3,9)	(33,4)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.216,0	1.356,4	1.442,1	6,3	18,6	85,7	226,1
CORES	477,3	613,6	685,3	11,7	43,6	71,7	208,0
PRETO	179,9	217,5	265,2	21,9	47,4	47,7	85,3
CAUPI	558,9	525,2	491,4	(6,4)	(12,1)	(33,8)	(67,5)
FEIJÃO 3ª SAFRA	613,8	731,1	716,7	(2,0)	16,8	(14,4)	102,9
CORES	555,6	666,8	652,4	(2,2)	17,4	(14,4)	96,8
PRETO	11,6	11,5	11,5	-	(0,9)	-	(0,1)
CAUPI	46,5	52,9	52,9	-	13,8	-	6,4
GIRASSOL	142,2	122,4	111,5	(8,9)	(21,6)	(10,9)	(30,7)
MAMONA	20,0	30,5	30,5	-	52,5	-	10,5
MILHO TOTAL	80.709,5	92.807,5	94.008,5	1,3	16,5	1.201,0	13.299,0
MILHO 1ª SAFRA	26.810,7	26.210,8	25.870,5	(1,3)	(3,5)	(340,3)	(940,2)
MILHO 2ª SAFRA	53.898,9	66.596,6	68.137,9	2,3	26,4	1.541,3	14.239,0
SOJA	119.281,7	113.459,1	113.823,4	0,3	(4,6)	364,3	(5.458,3)
SORGO	2.135,8	1.919,6	2.277,9	18,7	6,7	358,3	142,1
SUBTOTAL	220.988,0	226.381,5	228.435,4	0,9	3,4	2.053,9	7.447,4
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO			
	2018 (a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Mar/2019 (b)	Abr/2019 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	794,8	837,0	837,0	-	5,3	-	42,2
CANOLA	49,5	45,1	45,1	-	(8,9)	-	(4,4)
CENTEIO	7,5	6,6	6,6	-	(12,0)	-	(0,9)
CEVADA	353,5	334,4	334,4	-	(5,4)	-	(19,1)
TRIGO	5.427,6	5.631,0	5.631,0	-	3,7	-	203,4
TRITICALE	53,9	51,3	51,3	-	(4,8)	-	(2,6)
SUBTOTAL	6.686,8	6.905,4	6.905,4	-	3,3	-	218,6
BRASIL (2)	227.674,8	233.286,9	235.340,8	0,9	3,4	3,4	7.666,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.010,4	3.033,0	0,8	3.178	3.288	3,5	9.568,3	9.971,7	4,2
RR	67,3	78,8	17,1	3.941	4.070	3,3	265,2	320,7	20,9
RO	563,6	581,3	3,1	3.518	3.592	2,1	1.982,9	2.087,9	5,3
AC	44,1	45,5	3,2	2.116	2.073	(2,1)	93,3	94,3	1,1
AM	14,3	17,6	23,1	2.119	2.284	7,8	30,3	40,2	32,7
AP	24,7	24,7	-	2.538	2.462	(3,0)	62,7	60,8	(3,0)
PA	893,5	825,5	(7,6)	2.856	2.941	3,0	2.551,9	2.428,2	(4,8)
TO	1.402,9	1.459,6	4,0	3.266	3.384	3,6	4.582,0	4.939,6	7,8
NORDESTE	8.334,9	8.305,0	(0,4)	2.488	2.268	(8,9)	20.737,7	18.833,3	(9,2)
MA	1.818,6	1.674,2	(7,9)	3.071	2.985	(2,8)	5.585,6	4.997,8	(10,5)
PI	1.534,2	1.497,1	(2,4)	2.779	2.730	(1,8)	4.263,4	4.086,6	(4,1)
CE	946,6	1.017,7	7,5	570	554	(2,9)	539,4	563,4	4,4
RN	88,7	120,0	35,3	488	642	31,5	43,3	77,0	77,8
PB	220,6	219,2	(0,6)	614	715	16,4	135,4	156,7	15,7
PE	461,8	458,5	(0,7)	476	517	8,6	220,0	237,0	7,7
AL	67,2	67,2	-	1.286	1.243	(3,4)	86,4	83,5	(3,4)
SE	153,4	153,4	-	946	3.977	320,4	145,1	610,1	320,5
BA	3.043,8	3.097,7	1,8	3.193	2.589	(18,9)	9.719,1	8.021,2	(17,5)
CENTRO-OESTE	25.355,6	26.512,1	4,6	3.950	4.038	2,2	100.156,0	107.045,0	6,9
MT	15.343,0	16.073,5	4,8	4.022	4.072	1,2	61.713,8	65.447,6	6,1
MS	4.544,7	4.803,9	5,7	3.608	3.778	4,7	16.395,7	18.150,4	10,7
GO	5.306,6	5.473,8	3,2	4.006	4.135	3,2	21.256,6	22.633,9	6,5
DF	161,3	160,9	(0,2)	4.897	5.053	3,2	789,9	813,1	2,9
SUDESTE	5.563,9	5.583,5	0,4	4.074	3.876	(4,9)	22.667,3	21.639,7	(4,5)
MG	3.347,2	3.394,4	1,4	4.235	3.934	(7,1)	14.174,9	13.354,3	(5,8)
ES	28,2	29,5	4,6	1.926	1.990	3,3	54,3	58,7	8,1
RJ	2,5	3,4	36,0	1.840	2.382	29,5	4,6	8,1	76,1
SP	2.186,0	2.156,2	(1,4)	3.858	3.812	(1,2)	8.433,5	8.218,6	(2,5)
SUL	19.456,0	19.594,4	0,7	3.831	3.973	3,7	74.545,5	77.851,1	4,4
PR	9.564,8	9.687,2	1,3	3.658	3.768	3,0	34.991,9	36.498,8	4,3
SC	1.273,5	1.262,7	(0,8)	4.936	5.199	5,3	6.285,7	6.564,7	4,4
RS	8.617,7	8.644,5	0,3	3.860	4.024	4,3	33.267,9	34.787,6	4,6
NORTE/NORDESTE	11.345,3	11.338,0	(0,1)	2.671	2.541	(4,9)	30.306,0	28.805,0	(5,0)
CENTRO-SUL	50.375,5	51.690,0	2,6	3.918	3.996	2,0	197.368,8	206.535,8	4,6
BRASIL	61.720,8	63.028,0	2,1	3.689	3.734	1,2	227.674,8	235.340,8	3,4

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em abril/2019.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

O acumulado da precipitação pluviométrica no Brasil, em março, apresentou uma distribuição espacial mais homogênea, com chuvas em todas as regiões do país, inclusive diversas áreas com acumulados bem acima da média do período, contribuindo, assim, para a manutenção hídrica do solo dentro da sua capacidade máxima.

Na região do Matopiba, as chuvas em março foram regularmente bem distribuídas ao longo do mês, totalizando volumes iguais ou superiores às médias de cada localidade. Em Tocantins e no Maranhão, os volumes acumulados ficaram entre 150 mm e 350 mm, como nas estações meteorológicas de Palmas, com cerca de 280 mm, e Araguaína, com 300 mm, ambas em Tocantins. No centro-sul do Piauí, os totais entre 120 mm e 250 mm foram dentro da faixa normal do mês. No oeste baiano, os totais entre 200 mm e 300 mm foram significativamente acima da média do período.

Na Região Sudeste, a chuva acumulada foi igual ou superior à média do mês na grande maioria das localidades. Em São Paulo, Rio de Janeiro e no centro-sul de Minas Gerais, os volumes ficaram na faixa entre 150 mm e 350 mm de chuva. No Espírito Santo e no norte de Minas Gerais, os volumes ficaram entre 120 mm e 200 mm.

Na Região Centro-Oeste, a precipitação acumulada ficou na faixa entre 150 mm e 400 mm, o suficiente para ultra-

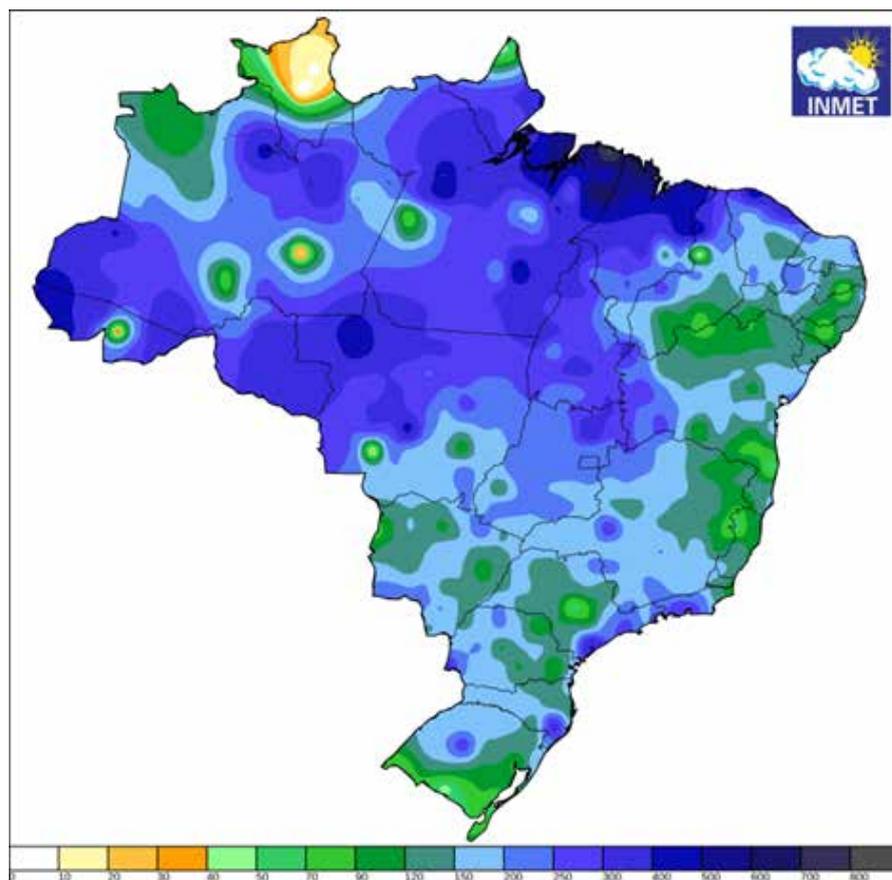
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

passar a faixa normal em muitas localidades de Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal. Em Mato Grosso do Sul, a precipitação acumulada ficou dentro da normalidade do período.

Diferentemente das outras regiões, o Sul do Brasil apresentou alta irregularidade temporal e espacial na distribuição das chuvas durante março. Houve excesso de precipitação em várias localidades do Paraná, onde o acumulado ficou na faixa entre 90 mm e 200 mm. Em

Santa Catarina, os volumes variaram entre 120 mm e 250 mm, próximos à faixa normal do mês. O Rio Grande do Sul, com volumes entre 50 mm e 250 mm, foi o estado que apresentou o maior contraste na distribuição das chuvas na região. Na estação meteorológica de Cruz Alta, por exemplo, o total de 250 mm foi bem superior aos 120 mm da média histórica, contrastando com a de Bagé, onde foram registrados apenas 20 mm, enquanto a média do mês é de 102 mm

Figura 2 - Acumulado da precipitação pluviométrica em março/2019 no Brasil



Fonte: Inmet.

4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

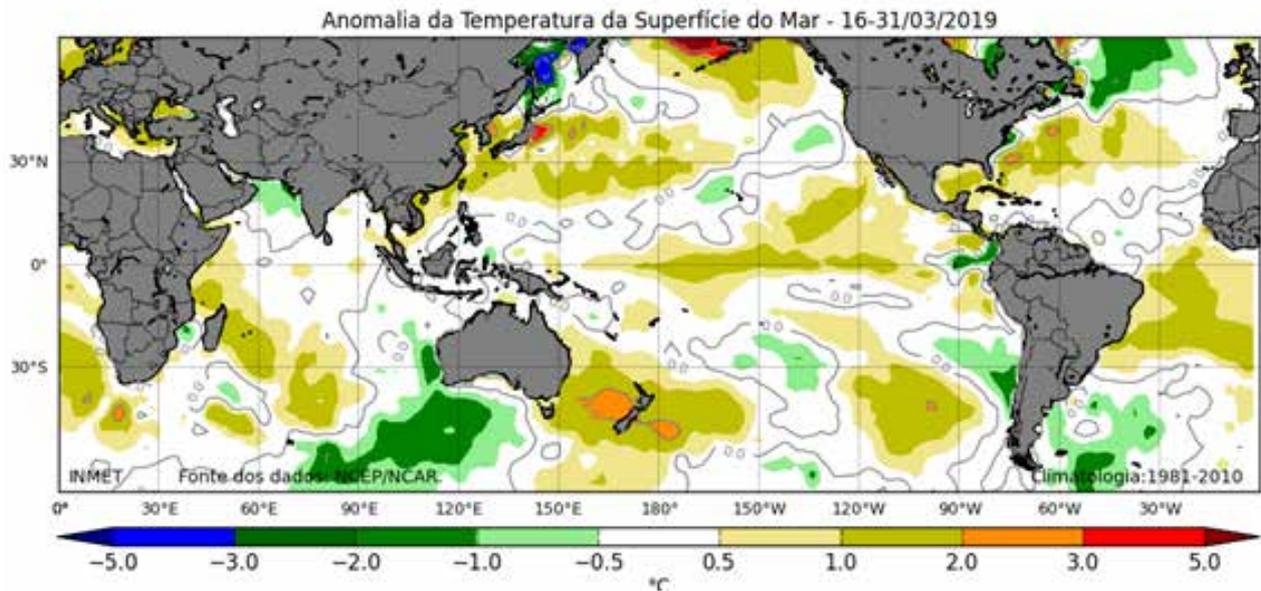
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda metade de março mostra que a área do Pacífico Equatorial continuou com anomalias positivas, mantendo a condição de El Niño, mas com um nítido esfriamento das anomalias na área próxima à costa do Equador. A condição de anomalias positivas também é percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 4 de abril. O gráfico mostra que há uma estabilidade dos padrões de anomalias positivas na área 3.4 (entre 170°W-120°W), com variação em torno de 0,7 °C, indicando o fenômeno e a persistência do fenômeno.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

Outra condição oceânica importante durante março e início de abril foi a presença de uma grande área com temperaturas acima da média na bacia do Atlântico Tropical Sul em contraste com o Atlântico Tropical Norte, com anomalias levemente negativas, o que potencializou a ocorrência das chuvas mais frequentes na Região Nordeste, principalmente nas localidades mais ao norte daquela região.



Figura 3 - Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 31 de março/2019



Fonte: Inmet.

Gráfico 11 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



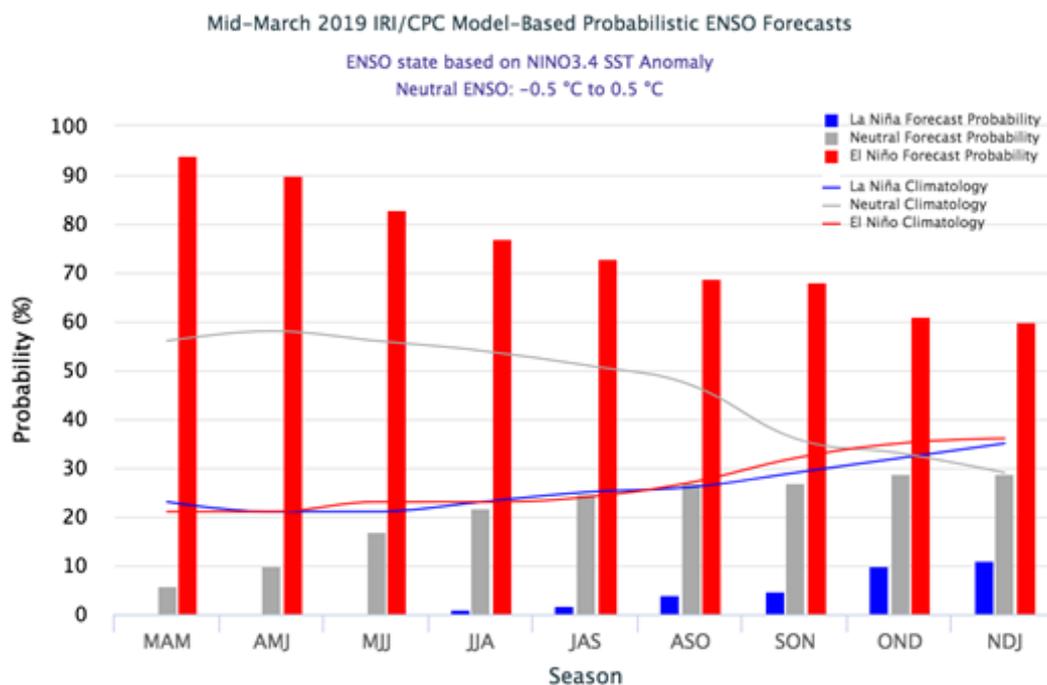
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma probabilidade de mais de 80% de que o El Niño em curso poderá persistir até o final do in-

verno no Hemisfério Sul. As análises atuais também indicam que o El Niño deve se manter na categoria de fraco até o final de seu ciclo.



Gráfico 12 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>.

4.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – ABRIL-MAIO-JUNHO/2019

Para a Região Sul, as previsões climáticas apontam para uma tendência de chuvas acima ou próximas à média do período. Contudo, o início do trimestre deve ser marcado por chuvas mais irregulares na maior parte da região, podendo resultar em volumes acumulados abaixo da média. Mesmo com a possibilidade de chuvas abaixo da média em abril, a ocorrência pontual de tempo severo, como temporais típicos do verão, não está descartada.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão, de modo geral, indica áreas com possibilidade de chuvas tanto acima (norte de Minas Gerais e de Goiás) quanto abaixo da média. Contudo devem prevalecer volumes dentro da faixa normal nessas regiões que estarão, a partir de maio, no período climatologicamente seco.

Para o Matopiba, o prognóstico climático indica probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades da região. Contudo as primeiras semanas de abril devem ser mais favoráveis à precipitação em algumas áreas, que tiveram deficit de chuvas em janeiro, por exemplo, o oeste baiano.

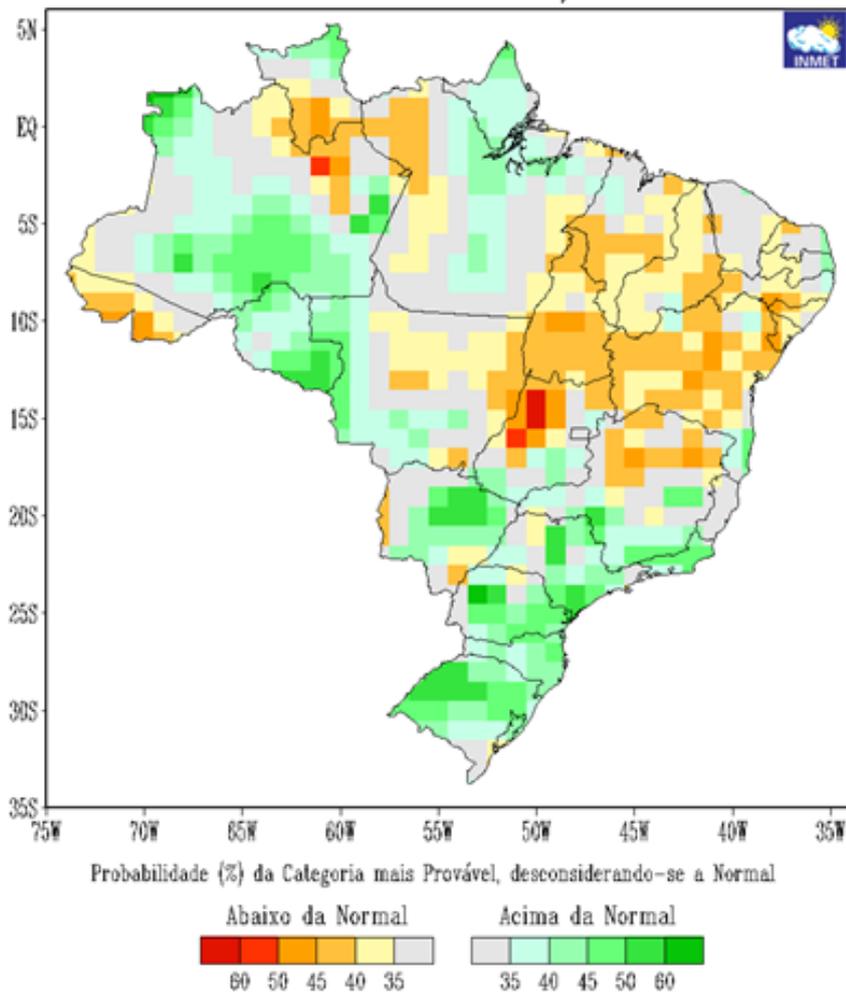
No semiárido nordestino há uma probabilidade maior de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo, especialmente em Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Sergipe. Os maiores volumes devem ficar mais concentrados na faixa norte da Região Nordeste, entre o Ceará e o Maranhão.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre abril-maio-junho/2019

PREVISÃO PROBABILÍSTICA EM TERCIS - PRECIPITAÇÃO
ATUALIZAÇÃO - MARÇO/2019
VÁLIDO PARA ABRIL-MAIO-JUNHO/2019



Fonte: Inmet.





5. MAPEAMENTO DO ARROZ IRRIGADO EM GOIÁS

O mapeamento das áreas com arroz irrigado foi realizado por meio de imagens de satélite, que tem por objetivo contribuir com a estimativa de área e de produtividade, oferecendo informações precisas sobre o tamanho da área cultivada e a sua distribuição geográfica em cada estado. Além disso, auxilia estudos relacionados à demanda hídrica por irrigação, executados pela Agência Nacional de Águas (ANA), parceira da Conab na execução desse trabalho. Na estimativa de área, o resultado do mapeamento auxilia na análise da informação declaratória.

5.1. METODOLOGIA DO MAPEAMENTO

Para a localização das áreas de cultivo nas imagens de satélite foram utilizados como referência os roteiros de avaliação de safra. As imagens utilizadas foram dos satélites da Missão Sentinel-2, bandas espectrais 2, 3, 4 e 8, fornecidas pelo instrumento MSI “Multi-Spectral Instrument”). Por via do software QGIS 2.14.19 – Essen. Foram elaboradas composições RGB – 432 (cor verdadeira) e 843 (falsa cor) de 10 metros resolução espacial. As imagens compreenderam julho de 2018 a março de 2019. O reconhecimento das áreas de arroz foi realizado por intermédio de interpretação visual. Analisou-se o comportamento espectral dessas áreas de acordo com os estádios fenológicos.

No período de preparo do solo e plantio, a resposta espectral das áreas de arroz na imagem é tipicamen-

te de solo exposto. No período de desenvolvimento, o espectro das lavouras de arroz com elevado vigor vegetativo resulta em diferenciação em relação a outras classes como pastagem e mata nativa. Nos períodos de maturação e colheita, verifica-se redução do vigor vegetativo com mudança no padrão espectral. Analisaram-se ainda o relevo e formato das áreas e a presença de canais de irrigação.

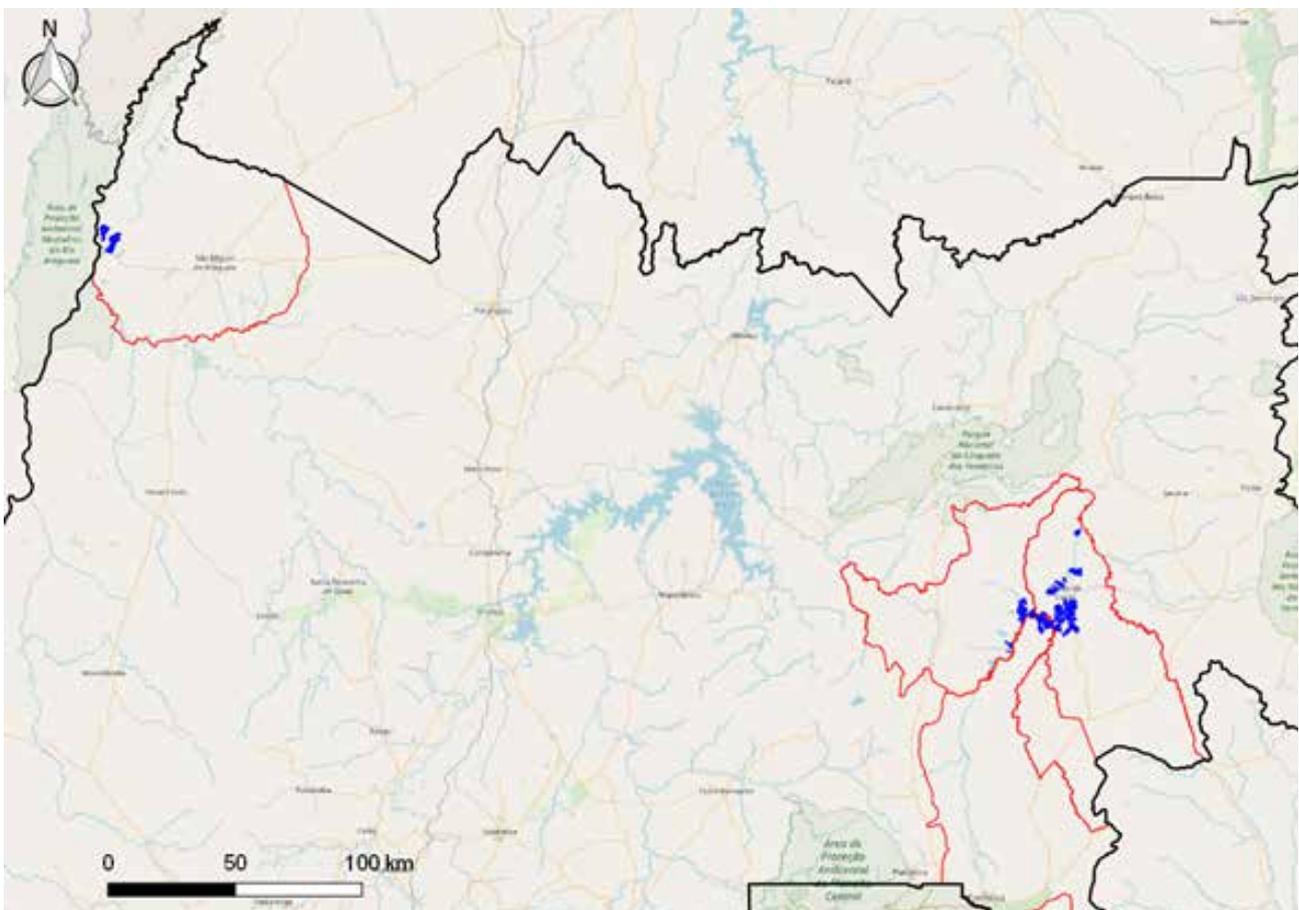
Além das imagens da Missão Sentinel-2, utilizaram-se imagens de alta resolução disponíveis pelo software Google Earth como apoio, facilitando a identificação de áreas sistematizadas para o arroz. A vetorização foi realizada manualmente no software QGIS com base em imagens Sentinel-2. A verificação do mapeamento foi realizada em campo, de forma que todas as áreas de arroz irrigado mapeadas e não mapeadas foram checadas no local.

5.2. RESULTADOS DO MAPEAMENTO

Com base no resultado final do mapeamento das áreas produtoras de arroz irrigado em Goiás fez-se um ajuste no valor da área total cultivada divulgada no

levantamento anterior. Na figura é possível visualizar as áreas produtoras de arroz irrigado em Goiás durante a safra 2018/19.

Figura 5 - Áreas produtoras de arroz irrigado em Goiás - 2018/19



Fonte: Inmet.





6. ANÁLISE DAS CULTURAS

6.1 CULTURAS DE VERÃO

6.1.1. ALGODÃO

A produção de algodão, na safra 2018/19, tem demonstrado crescimento expressivo, apontando valores acima de 6,6 milhões de toneladas para o produto em caroço, indicando incremento de 32% em relação ao número obtido na temporada passada. Esse resultado está bastante atrelado ao aumento de área plantada visualizada nesse ciclo, que deve chegar a 1.585,5 mil hectares, ante aos 1.174,7 mil hectares cultivados em 2017/18.

A Região Norte prevê o plantio de 14,5 mil hectares de algodão nessa safra, apresentando aumento de 90,8% em relação ao observado no exercício passado.

Em Roraima, a cultura é semeada em duas épocas distintas, com sistemas de produção diferenciados (sequeiro e irrigado), devendo alcançar, no somatório delas, 6 mil hectares plantados nessa safra 2018/19.

Em Rondônia, a produção de algodão é concentrada na região de Vilhena, e a projeção é de plantio de 4,5 mil hectares.

Em Tocantins, a estimativa é de aumento na área cultivada em comparação à temporada anterior. São previstos 4 mil hectares destinados à cotonicultura no estado, sinalizando crescimento de 41,5% em relação a 2017/18. As lavouras se encontram em excelente desenvolvimento vegetativo, estando a sua maioria na fase fenológica de B1.

Apesar das lavouras semeadas terem sofrido a influência de veranicos no início do estabelecimento da cultura, o estado final foi considerado satisfatório pelos produtores.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é que também ocorra incremento na área plantada, atingindo 377,2 mil hectares, representando 27,8% acima do registrado na temporada passada.

No Piauí, a área cultivada com o algodão aumentou mais que o dobro em comparação àquela semeada em 2017/18, saindo de 7,2 mil hectares para 16,1 mil hectares nessa safra. Esse incremento está relacionado a ganho estrutural, à reativação de uma empresa produtora e beneficiadora de algodão e a fatores de mercado como a melhora nas condições da pluma no mercado. Atrélado a esse incremento, as condições edafoclimáticas são consideradas satisfatórias ao desenvolvimento da cultura, que aponta para uma produção cerca de 132,5% maior que a temporada anterior, devendo alcançar 64,4 mil toneladas.

Na Bahia foram semeados cerca de 332 mil hectares nessa safra, representando incremento de 25,9% em comparação a 2017/18. O plantio está distribuído pelo centro-sul, vale do São Francisco e extremo-oeste do estado. A colheita está prevista para iniciar em maio e a projeção é de 1.444,2 mil toneladas produzidas nessa temporada.

No Maranhão, a semeadura de algodão está finalizada, com a destinação de 27,6 mil hectares, representando incremento de 23,8% em relação a 2017/18. A expectativa para a produção também é de acréscimo, podendo chegar a 116,8 mil toneladas, 33,8% acima do volume produzido na temporada passada.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está previsto crescimento na área plantada de aproximadamente 36,1%, quando comparada ao exercício anterior, alcançando 1.145 mil hectares. Tal incremento influenciou diretamente as estimativas de produção e, nesse levantamento, a previsão é que a região produza mais de 4,7 milhões de toneladas de algodão em caroço, sinalizando aumento de 35,5% em relação a 2017/18.

Em Mato Grosso, a cotonicultura é bastante relevante, sendo o principal estado produtor e o que dispõe da maior área plantada com a cultura. Para essa safra, por exemplo, os 1.065,6 mil hectares cultivados com o algodão representam mais de 67% de toda a área prevista para a cotonicultura nacional nessa temporada. Novas áreas foram implantadas, até mesmo em municípios que tradicionalmente não produzem a cultura. Além disso, a estimativa para produção aponta incremento de 36,3% em relação a 2017/18, devendo chegar a 4,4 milhões de toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada é de 37 mil hectares, considerando 30 mil hectares de la-

vouras na primeira safra e 7 mil hectares como segunda safra. Na região centro-sul do estado, compreendida pelos municípios de Aral Moreira, Sidrolândia e Maracaju, a colheita já foi iniciada. Os produtores esperavam colher a pluma apenas em abril, mas devido ao estresse hídrico no final de 2018 e início de 2019, a cultura adiantou o ciclo de produção. Há relatos de ataques de tripses em algumas lavouras no período de desenvolvimento vegetativo, com muitas aplicações de inseticidas para o controle. Para o algodão segunda safra, plantado em sucessão à cultura da soja, houve a migração de muitas pragas que atacam as duas culturas, principalmente a mosca-branca e o percevejo-marrom. Também há relatos de ataques de pulgão e bicudo.

Já na região norte e nordeste do estado, principal região produtora, o algodão está principalmente nas fases de formação de botões florais e floração. O bicudo do algodoeiro é a principal praga da cultura e começa a causar danos a partir da formação dos botões florais, forçando os produtores a realizar várias aplicações de inseticidas para o controle.

Em Goiás, o plantio da cultura está finalizado, com lavouras variando desde estádios vegetativos até áreas com desenvolvimento mais avançado, com plantas em plena floração, recebendo os devidos tratamentos culturais e tratamentos fitossanitários comuns ao período. A projeção é que nessa safra sejam cultivados 42,4 mil hectares, representando aumento de 28,5% em relação ao ciclo anterior.

As condições climáticas para o desenvolvimento da cultura são satisfatórias até o momento (tanto para o algodão plantado na primeira quanto na segunda safra), ocorrendo níveis de precipitações aceitáveis nas etapas importantes do ciclo da cultura.

Os maiores polos de plantio estão em Chapadão do Céu, Cristalina, Luziânia, Perolândia, Montividiu. Em Goiatuba, Itumbiara e Morrinhos o algodão foi plantado em dezembro e em Piracanjuba será plantado após a colheita de soja em segunda safra.

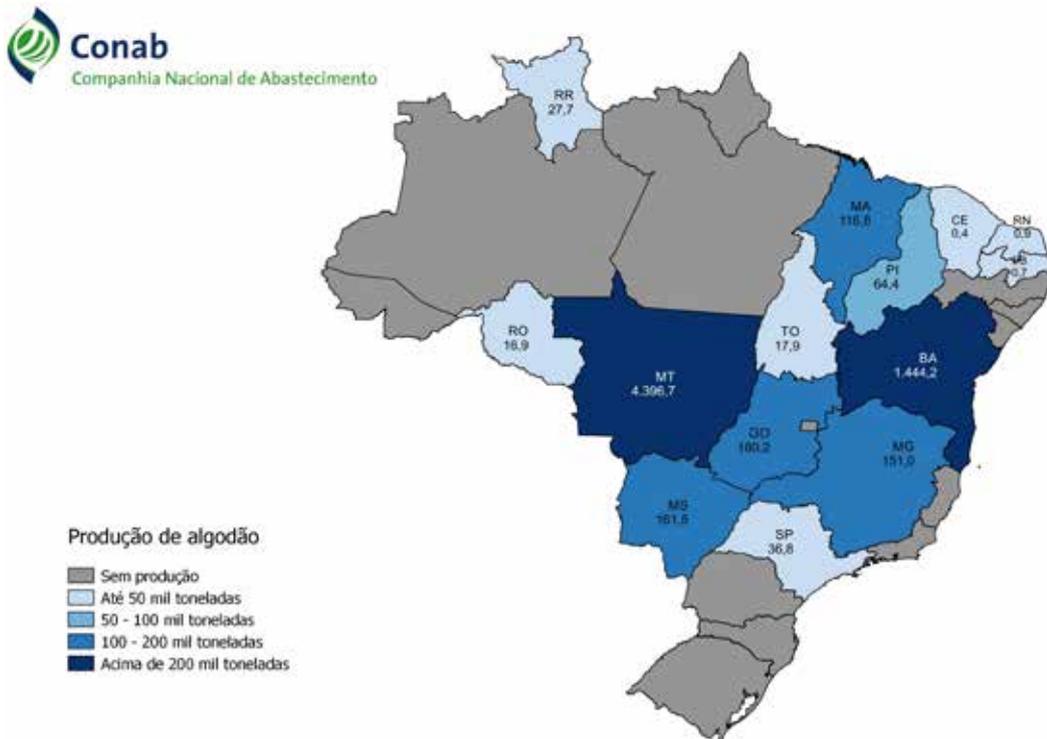
Em Minas Gerais, a área de plantio para essa safra é de 39,4 mil hectares, representando incremento de 57,6% em relação ao exercício passado. O aumento é decorrente dos excelentes resultados na safra anterior, além das expectativas promissoras para o mercado do algodão. Esse crescimento impactou nas previsões para a produção final, e a expectativa é de 151 mil toneladas de algodão em caroço, indicando aumento de 52,2% em comparação a 2017/18.

Em São Paulo, a expectativa é de crescimento de 64,9% na área plantada nessa safra em relação à temporada anterior, saindo de 5,7 mil hectares em 2017/18 para 9,4 mil hectares em 2018/19. Há registro de retomada de área para o cultivo de algodão no estado, mais especificamen-



te na região sudoeste, onde está concentrada grande parte da cotonicultura paulista.

Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR/M	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	14,5	90,8	4.034	4.307	6,8	30,7	62,5	103,6
RR	4,8	6,0	25,0	4.200	4.620	10,0	20,2	27,7	37,1
RO	-	4,5	-	-	3.750	-	-	16,9	-
TO	2,8	4,0	41,5	3.750	4.463	19,0	10,5	17,9	70,5
NORDESTE	295,2	377,2	27,8	4.620	4.315	(6,6)	1.363,7	1.627,4	19,3
MA	22,3	27,6	23,8	3.913	4.233	8,2	87,3	116,8	33,8
PI	7,2	16,1	123,7	3.850	4.000	3,9	27,7	64,4	132,5
CE	1,2	0,6	(48,7)	817	705	(13,7)	1,0	0,4	(60,0)
RN	0,3	0,2	(33,0)	4.461	4.443	(0,4)	1,3	0,9	(30,8)
PB	0,5	0,7	40,0	894	986	10,3	0,4	0,7	75,0
BA	263,7	332,0	25,9	4.725	4.350	(7,9)	1.246,0	1.444,2	15,9
CENTRO-OESTE	841,2	1.145,0	36,1	4.158	4.138	(0,5)	3.497,6	4.738,4	35,5
MT	777,8	1.065,6	37,0	4.147	4.126	(0,5)	3.225,5	4.396,7	36,3
MS	30,4	37,0	21,6	4.500	4.364	(3,0)	136,8	161,5	18,1
GO	33,0	42,4	28,5	4.100	4.250	3,7	135,3	180,2	33,2
SUDESTE	30,7	48,8	59,0	3.935	3.849	(2,2)	120,9	187,8	55,3
MG	25,0	39,4	57,6	3.966	3.832	(3,4)	99,2	151,0	52,2
SP	5,7	9,4	64,9	3.801	3.918	3,1	21,7	36,8	69,6
NORTE/NORDESTE	302,8	391,7	29,4	4.605	4.314	(6,3)	1.394,4	1.689,9	21,2
CENTRO-SUL	871,9	1.193,8	36,9	4.150	4.126	(0,6)	3.618,5	4.926,2	36,1
BRASIL	1.174,7	1.585,5	35,0	4.267	4.173	(2,2)	5.012,9	6.616,1	32,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	14,5	90,8	1.561	1.661	6,4	11,9	24,0	101,7
RR	4,8	6,0	25,0	1.596	1.756	10,0	7,7	10,5	36,4
RO	-	4,5	-	-	1.425	-	-	6,4	-
TO	2,8	4,0	41,5	1.500	1.785	19,0	4,2	7,1	69,0
NORDESTE	295,2	377,2	27,8	1.850	1.731	(6,5)	546,2	652,7	19,5
MA	22,3	27,6	23,8	1.565	1.693	8,2	34,9	46,7	33,8
PI	7,2	16,1	123,7	1.656	1.720	3,9	11,9	27,7	132,8
CE	1,2	0,6	(48,7)	286	247	(13,7)	0,3	0,1	(66,7)
RN	0,3	0,2	(33,0)	1.695	1.688	(0,4)	0,5	0,3	(40,0)
PB	0,5	0,7	40,0	322	355	10,3	0,2	0,2	-
BA	263,7	332,0	25,9	1.890	1.740	(7,9)	498,4	577,7	15,9
CENTRO-OESTE	841,2	1.145,0	36,1	1.664	1.656	(0,5)	1.399,6	1.895,9	35,5
MT	777,8	1.065,6	37,0	1.659	1.650	(0,5)	1.290,2	1.758,7	36,3
MS	30,4	37,0	21,6	1.845	1.789	(3,0)	56,1	66,2	18,0
GO	33,0	42,4	28,5	1.615	1.675	3,7	53,3	71,0	33,2
SUDESTE	30,7	48,8	59,0	1.567	1.532	(2,2)	48,1	74,8	55,5
MG	25,0	39,4	57,6	1.586	1.533	(3,4)	39,7	60,4	52,1
SP	5,7	9,4	64,9	1.482	1.528	3,1	8,4	14,4	71,4
NORTE/NORDESTE	302,8	391,7	29,4	1.843	1.728	(6,2)	558,1	676,7	21,3
CENTRO-SUL	871,9	1.193,8	36,9	1.660	1.651	(0,6)	1.447,7	1.970,7	36,1
BRASIL	1.174,7	1.585,5	35,0	1.708	1.670	(2,2)	2.005,8	2.647,4	32,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,6	14,5	90,8	2.474	2.646	7,0	18,8	38,5	104,8
RR	4,8	6,0	25,0	2.604	2.864	10,0	12,5	17,2	37,6
RO	-	4,5	-	-	2.325	-	-	10,5	-
TO	2,8	4,0	41,5	2.250	2.678	19,0	6,3	10,8	71,4
NORDESTE	295,2	377,2	27,8	2.769	2.584	(6,7)	817,5	974,7	19,2
MA	22,3	27,6	23,8	2.348	2.540	8,2	52,4	70,1	33,8
PI	7,2	16,1	123,7	2.195	2.280	3,9	15,8	36,7	132,3
CE	1,2	0,6	(48,7)	531	458	(13,7)	0,7	0,3	(57,1)
RN	0,3	0,2	(33,0)	2.766	2.755	(0,4)	0,8	0,6	(25,0)
PB	0,5	0,7	40,0	572	631	10,3	0,2	0,5	150,0
BA	263,7	332,0	25,9	2.835	2.610	(7,9)	747,6	866,5	15,9
CENTRO-OESTE	841,2	1.145,0	36,1	2.494	2.483	(0,5)	2.098,0	2.842,5	35,5
MT	777,8	1.065,6	37,0	2.488	2.476	(0,5)	1.935,3	2.638,0	36,3
MS	30,4	37,0	21,6	2.655	2.575	(3,0)	80,7	95,3	18,1
GO	33,0	42,4	28,5	2.485	2.576	3,7	82,0	109,2	33,2
SUDESTE	30,7	48,8	59,0	2.368	2.317	(2,2)	72,8	113,0	55,2
MG	25,0	39,4	57,6	2.380	2.299	(3,4)	59,5	90,6	52,3
SP	5,7	9,4	64,9	2.319	2.390	3,1	13,3	22,4	68,4
NORTE/NORDESTE	302,8	391,7	29,4	2.762	2.586	(6,4)	836,3	1.013,2	21,2
CENTRO-SUL	871,9	1.193,8	36,9	2.490	2.476	(0,6)	2.170,8	2.955,5	36,1
BRASIL	1.174,7	1.585,5	35,0	2.560	2.503	(2,2)	3.007,1	3.968,7	32,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %			
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	30,7	62,5	103,6	11,9	24,0	101,7	38,7	38,6	(0,3)
RR	20,2	27,7	37,1	7,7	10,5	36,4	38,0	38,0	-
RO	-	16,9	-	-	6,4	-	-	38,0	-
TO	10,5	17,9	70,5	4,2	7,1	69,0	40,0	40,0	-
NORDESTE	1.363,7	1.627,4	19,3	546,2	652,7	19,5	40,1	40,1	-
MA	87,3	116,8	33,8	34,9	46,7	33,8	40,0	40,0	-
PI	27,7	64,4	132,5	11,9	27,7	132,8	43,0	43,0	-
CE	1,0	0,4	(60,0)	0,3	0,1	(66,7)	35,0	35,0	-
RN	1,3	0,9	(30,8)	0,5	0,3	(40,0)	38,0	38,0	-
PB	0,4	0,7	75,0	0,2	0,2	-	36,0	36,0	-
BA	1.246,0	1.444,2	15,9	498,4	577,7	15,9	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	3.497,6	4.738,4	35,5	1.399,6	1.895,9	35,5	40,0	40,0	-
MT	3.225,5	4.396,7	36,3	1.290,2	1.758,7	36,3	40,0	40,0	-
MS	136,8	161,5	18,1	56,1	66,2	18,0	41,0	41,0	-
GO	135,3	180,2	33,2	53,3	71,0	33,2	39,4	39,4	-
SUDESTE	120,9	187,8	55,3	48,1	74,8	55,5	39,8	39,8	-
MG	99,2	151,0	52,2	39,7	60,4	52,1	40,0	40,0	-
SP	21,7	36,8	69,6	8,4	14,4	71,4	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.394,4	1.689,9	21,2	558,1	676,7	21,3	40,0	40,1	0,2
CENTRO-SUL	3.618,5	4.926,2	36,1	1.447,7	1.970,7	36,1	40,0	40,0	-
BRASIL	5.012,9	6.616,1	32,0	2.005,8	2.647,4	32,0	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.2. AMENDOIM

6.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A área de plantio de amendoim primeira safra, na temporada 2018/19, deverá ter incremento de 4,8% quando comparada com a temporada passada. Esse aumento de área se dá, principalmente, em áreas de renovação de lavouras de cana-de-açúcar.

Em Tocantins, as lavouras se encontram com bom desenvolvimento vegetativo, estando no estágio fenológico de V5 e início de florescimento. A falta de chuvas no período da emergência não chegou a comprometer o estande final da cultura.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 1,3 mil hectares. Houve redução significativa na área de plantio, motivada pelo desinteresse dos produtores em alguns municípios na região do Triângulo Mineiro, onde as lavouras eram conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade. Atualmente a produtividade média está estimada em 3.249 kg/ha.

Em São Paulo essa cultura é rica em nitrogênio e, dessa forma, fortalece o solo com esse e outros nutrientes, por meio da palhada, beneficiando a cultura da cana-de-açúcar.

Também é bastante resistente às pragas, como as nema-

toides, ajudando a diminuir significativamente a infestação nas áreas onde é plantado.

O constante melhoramento genético de variedades rasteiras, que proporcionam maior produtividade das lavouras, tem sido um dos motivos fundamentais para o salto na produtividade/produção do amendoim produzido no estado paulista.

A época do plantio do amendoim é definida por uma série de fatores ambientais que, além de influenciar na produtividade, também afeta a estrutura e o desenvolvimento da planta. Semeaduras em períodos não recomendados podem causar reduções drásticas na produtividade dos grãos devido a alterações negativas no desenvolvimento da planta.

O produto apresenta significativa entrada de safra, e os produtores já negociam boa parte da produção. Em torno de 70% desse amendoim (Ranner) é exportado, principalmente para os países da Europa, enquanto que o restante é diluído internamente para a indústria de doces, entre elas a Santa Helena, estabelecida próxima às maiores regiões produtoras (Guariba/Jaboticabal).

Apresenta um aumento de área de 5,3% e uma quebra



na produtividade de 21,2%. As razões para essa quebra na produtividade (nesse momento) é em razão das poucas chuvas que caíram durante o período de desenvolvimento dessa leguminosa, notadamente em dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

No Paraná, área plantada com o amendoim primeira safra foi de 2,1 mil hectares, visto que a colheita passa dos 22% da área e se estenderá até final de abril e boas.

6.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Na Paraíba esta cultura chegou a mais de 1.000 mil hectares de área.

Na safra passada foram plantados 400 hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 922 kg/ha.

Na presente safra se estima a manutenção de área de 400 hectares, com retração na produtividade média de 5% em relação à safra anterior.

Em São Paulo, a safra da seca tem menor produção do que à das águas por não serem ideais às condições de calor e umidade requeridas pelo amendoim.

Com relação à safra anterior, a produtividade um leve incremento em algumas regiões devido à escassez de chuva e altas temperaturas.

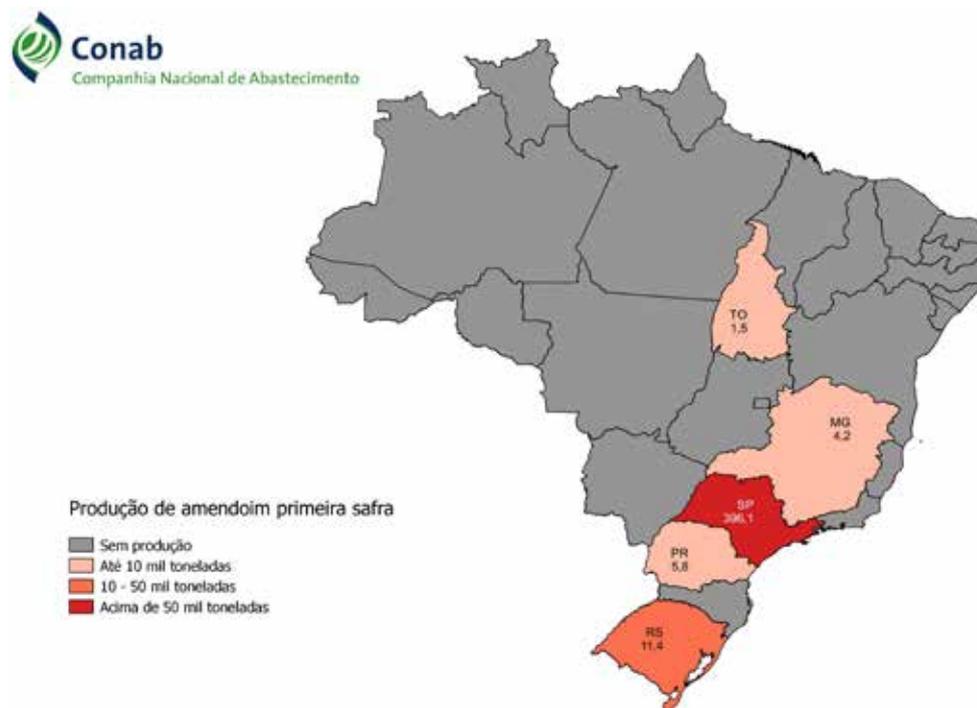
Trata-se de uma cultura destinada à subsistência, com a adoção de baixa tecnologia e sem expressão econômica no estado. As condições das lavouras estão entre médias

O período mais adequado ao cultivo do amendoim da seca vai do início de fevereiro, após a colheita do amendoim das águas, até meados de março. Não é recomendado o plantio fora deste período, pois devidos aos riscos dificilmente dará resultados satisfatórios.

Esta safra é responsável por aproximadamente 5% da produção total de amendoim no estado, sendo cultivado predominantemente na alta paulista (Tupã, Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens.

Mantém estabilidade de área e produtividade.

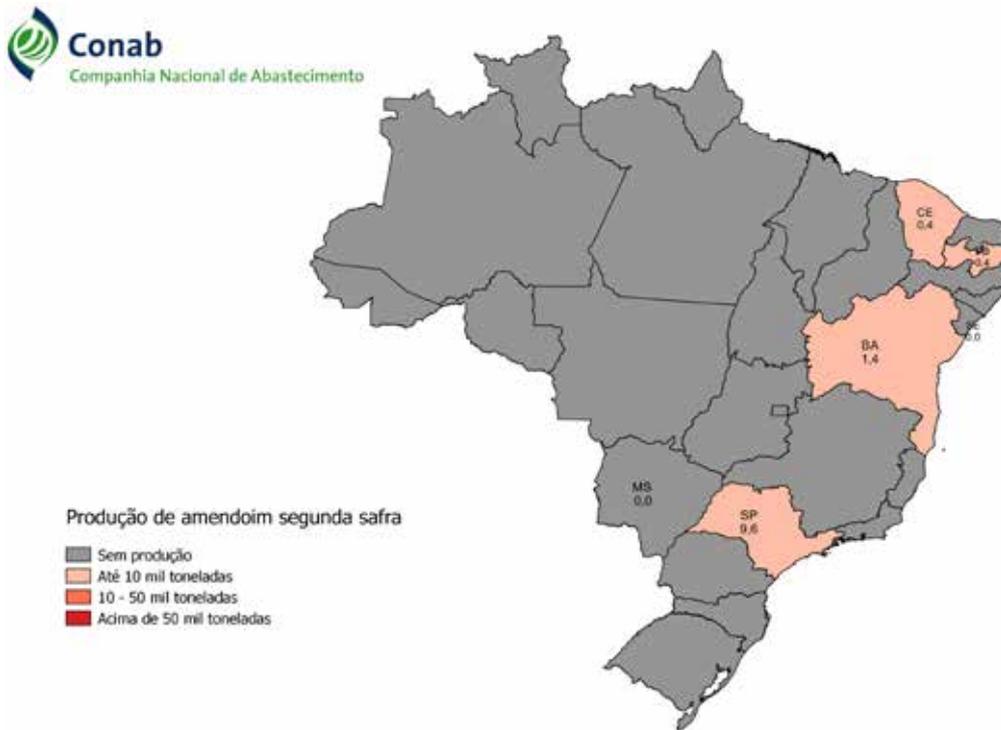
Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.

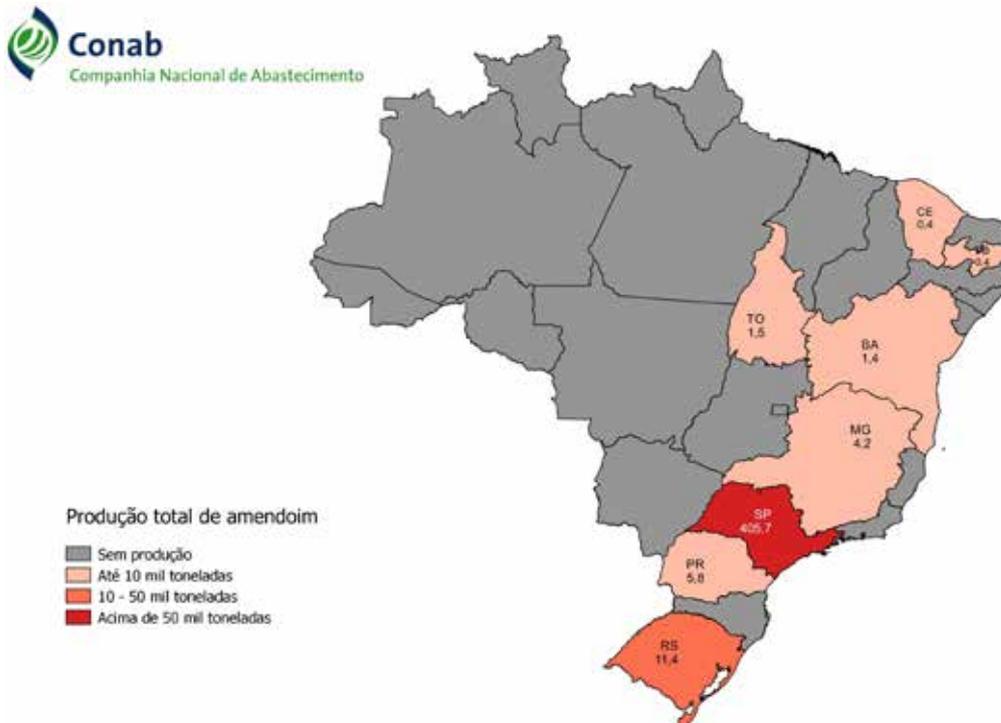


Figura 8- Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Figura 9 - Mapa da produção agrícola - Amendoim total



Fonte: Conab.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Araraquara		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Assis		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Marília		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Presidente Prudente		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				
	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,4	33,3	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,5	36,4
TO	0,3	0,4	16,7	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,5	36,4
SUDESTE	127,0	132,6	4,4	3.825	3.019	(21,1)	485,8	400,3	(17,6)
MG	2,3	1,3	(41,8)	3.527	3.249	(7,9)	8,1	4,2	(48,1)
SP	124,7	131,3	5,3	3.831	3.017	(21,2)	477,7	396,1	(17,1)
SUL	5,1	5,5	7,8	3.120	3.133	0,4	15,9	17,2	8,2
PR	1,5	2,1	40,0	2.747	2.758	0,4	4,1	5,8	41,5
RS	3,4	3,4	-	3.276	3.365	2,7	11,8	11,4	(3,4)
NORTE/NORDESTE	0,3	0,4	33,3	-	3.785	-	1,1	1,5	36,4
CENTRO-SUL	132,1	138,1	4,5	3.798	3.024	(20,4)	501,7	417,5	(16,8)
BRASIL	132,1	138,5	4,8	3.798	3.026	(20,3)	502,8	419,0	(16,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	2,2	2,3	4,5	995	970	(2,6)	2,2	2,2	-
CE	0,3	0,4	33,0	1.285	1.000	(22,2)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	922	968	5,0	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	1.430	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	957	962	0,5	1,4	1,4	-
SUDESTE	3,9	3,9	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	50,0
SP	3,9	3,9	-	1.640	2.456	49,8	6,4	9,6	50,0
NORTE/NORDESTE	2,5	2,3	(8,0)	1.330	970	(27,1)	2,2	2,2	-
CENTRO-SUL	3,9	3,9	-	1.676	2.456	46,5	6,4	9,6	50,0
BRASIL	6,4	6,2	(3,1)	1.541	1.905	23,6	8,6	11,8	37,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,4	33,3	4.800	3.785	(21,1)	1,1	1,5	36,4
TO	0,3	0,4	33,3	4.800	3.785	(21,1)	1,1	1,5	36,4
NORDESTE	2,2	2,3	4,5	1.801	970	(46,2)	2,2	2,2	-
CE	0,3	0,4	33,3	1.269	1.000	(21,2)	0,4	0,4	-
PB	0,4	0,4	-	985	968	(1,7)	0,4	0,4	-
SE	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BA	1,5	1,5	-	942	962	2,1	1,4	1,4	-
SUDESTE	130,9	136,5	4,3	3.298	3.003	(8,9)	492,2	409,9	(16,7)
MG	2,3	1,3	(43,5)	4.087	3.249	(20,5)	8,1	4,2	(48,1)
SP	128,6	135,2	5,1	3.284	3.001	(8,6)	484,1	405,7	(16,2)
SUL	4,9	5,5	12,2	3.799	3.133	(17,5)	15,9	17,2	8,2
PR	1,5	2,1	40,0	4.541	2.758	(39,3)	4,1	5,8	41,5
RS	3,4	3,4	-	3.471	3.365	(3,1)	11,8	11,4	(3,4)
NORTE/NORDESTE	2,5	2,7	8,0	2.161	1.387	(35,8)	3,3	3,7	12,1
CENTRO-SUL	135,8	142,0	4,6	3.393	3.008	(11,3)	508,1	427,1	(15,9)
BRASIL	138,3	144,7	4,6	3.698	2.978	(19,5)	511,4	430,8	(15,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.3. ARROZ

A safra 2018/19 apresenta estimativa nacional de área destinada à rizicultura na ordem de 1.705,4 mil hectares. Desse total, cerca de 79,2% (1.350,9 mil hectares) corresponde ao cultivo irrigado de arroz e os outros 20,8% (354,5 mil hectares) estão relacionados ao sistema de produção em condição de sequeiro.

A Região Norte, por exemplo, tem uma projeção de área cultivada com o cereal de 211,4 mil hectares para essa safra. Isso representa uma redução de 19,8% quando comparada à temporada anterior.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados. A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2018/19 será 42,4 mil hectares, destes, 38,4 mil hectares com safra e 4 mil hectares com arroz safrinha.

Os estádios atuais de desenvolvimento do arroz plantado na primeira safra são: 22% em maturação e 78% colhido. Já a segunda safra se encontra em: 20% em alongamento, 30% em panícula, 35% em florescimento e 15% em maturação.

A estimativa da produtividade do arroz no estado é de 3.243 kg/ha. Quanto à produção, a expectativa é de um volume de 137,5 mil toneladas.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente de se-

queiro. A colheita se encontra em fase final de execução, com cerca de 80% dos 4,8 mil hectares plantados já colhidos, sinalizando uma produtividade média de 1.321 kg/ha.

No Amazonas, o arroz produzido é do tipo de sequeiro. Verifica-se que esta é a cultura de grãos que envolve um menor número de famílias, com um total de 2.190 famílias e apresenta uma área plantada de 1,2 mil hectares.

A produção das famílias é de subsistência e atinge produtividade média de 2.250 kg/ha.

A baixa produtividade se dá pelo uso de um sistema de produção sem a adoção de práticas como preparo do solo, irrigação, uso de sementes de qualidade e ainda falta de assistência técnica para acompanhamento.

No Pará há retração de área plantada na ordem de 54,1% em comparação com a temporada passada, chegando em 31,4 mil hectares. Já a produção prevista é de 99,6 mil toneladas, 49,1% menor que na safra passada, motivada, principalmente, pela dificuldade em comercializar o produto e pela substituição por outras atividades de maior valor econômico. Quanto à produtividade, esta teve um incremento de 2%, passando de 2.860 para 2.917 kg/ha.



Em Tocantins houve uma redução acentuada na área destinada à cultura com o arroz de sequeiro, uma vez que mesmo em áreas de abertura, de primeiro ano, os sojicultores estão optando por semear a leguminosa. As lavouras estão em boas condições e se encontram nas fases de perfilhamento, enchimento de grãos e maturação, visto que em algumas áreas a colheita já se iniciou.

A falta de incentivo aos agricultores familiares, como a distribuição de sementes por parte de órgão de extensão, dificuldades de comercialização, tanto na classificação como no preço de mercado, continuam sendo os principais motivos para a redução da área plantada. A colheita ainda não foi iniciada.

Já para o arroz irrigado, as lavouras se encontram com excelente desenvolvimento e com potencial produtivo superior ao da safra passada. Entre os fatores que colaboraram para isso temos a boa distribuição de chuvas e a boa insolação registrada no período, fatores que compensaram a diminuição de investimentos feitos pelos agricultores. Devido ao plantio escalonado, existem lavouras desde o perfilhamento até pronta para a colheita.

Figura 10 - Lavoura de arroz em Lagoa da Confusão - TO



Fonte: Conab.

Figura 11 - Colheita do arroz em Duere - TO



Fonte: Conab.

Figura 12 - Lavoura de arroz em Formoso do Araguaia – TO



Fonte: Conab.

Todas as regiões produtoras já iniciaram a colheita, com aproximadamente 40% dos 119,7 mil hectares plantados nessa safra já executados. O produto apresenta qualidade superior ao da safra passada, com excelente rendimento.

Em Roraima, a rizicultura é exclusivamente irrigada e atualmente apresenta cerca de 90% dos 10,4 mil hectares já colhidos. Esse número representa redução de 15,4% em relação à área plantada em 2017/18 (12,3 mil hectares).

No Nordeste, projeta-se diminuição da área plantada com o arroz nessa safra em relação à temporada anterior (saindo de 261,3 mil hectares em 2017/18, para 149,8 mil hectares em 2018/19). Tal redução tende a refletir na produção final do cereal, visto que a estimativa atual é de 304,8 mil toneladas (42% menor do que a temporada anterior).

No Maranhão, as áreas com as lavouras de arroz de terras baixas apresentam retração de 34,2%, e incremento na produtividade médias em 7,4% em relação à safra passada, mesmo assim bem abaixo da esperada em razão do forte veranico ocorrido em dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

A cultura do arroz de terras altas vem gradativamente perdendo espaço para outros sistemas produtivos, considerados pelos produtores de maior rentabilidade e menor risco. Nesse levantamento evidenciamos que a área plantada deve sofrer uma redução de aproximadamente 47,6% em relação à safra anterior, passando de 162,9 mil hectares para 85,4 mil hectares.

No Espírito Santo, a produção esperada para a safra 2018/19, é de 100 mil toneladas, mantém-se a mesma da safra passada mesmo que ainda tenha ocorrido um acréscimo na produtividade de 0,7%. Tal situação



se deve à falta de estímulo dos agricultores em produzir arroz em razão do alto custo de produção e à falta de mercado, assim, praticamente produzido para subsistência. Um outro fator que contribui para essa redução na produção é a falta de água nas várzeas onde são cultivadas.

Na Paraíba, a projeção é de manutenção da área plantada em comparação à temporada passada, ficando em 1,1 mil hectares. A estimativa para o rendimento médio é de aumento de 19,1%, chegando a 1.310 kg/ha.

No Piauí, a área de arroz de sequeiro teve uma redução na ordem de 36,6%, devendo atingir 41,5 mil hectares. A produtividade esperada gira em torno dos 1.306 kg/ha. No estado há predominio da produção à nível familiar, que planta de forma consorciada com o milho ou mandioca. Para a orizicultura irrigada a estimativa também é de diminuição da área semeada, em comparação à safra passada, ficando em 4,7 mil hectares. O plantio está em andamento, e só será concluído entre junho e julho. As áreas já plantadas têm previsão de colheita entre maio e junho. A produtividade esperada para o arroz irrigado é de 4.478 kg/ha.

Na Bahia, a cultura do arroz vinha sendo semeada principalmente no extremo-oeste do estado para a “abertura de novas áreas agricultáveis”, aproveitando da boa tolerância que a cultura tem em relação à acidez do solo. No entanto, com o avanço tecnológico e com o estudo das relações de custo-benefício, este manejo de primeiro cultivo em áreas abertas com lavouras de arroz foi substituído pelo cultivo de pastagens, principalmente o capim braquiária, visando a formação do perfil do solo devido ao vigor do enraizamento e ao acúmulo de material orgânico em face do grande volume de massa vegetal produzida pela graminéa. Portanto, nessa temporada não há previsão de plantio de arroz para o estado em razão dessa substituição na escolha da cultura utilizada para abertura de novas áreas.

Em Mato Grosso, a colheita do arroz atinge 23,4% dos 128,3 mil hectares previstos para serem semeados nessa safra. Ressalta-se que no estado são considerados dois períodos distintos de plantio e que todo esse procedimento de colheita só se encerrará em maio. Estima-se produtividade média de 3.237 kg/ha, 1,4% inferior à obtida a 2017/18. As chuvas satisfatórias devem contribuir para o resultado favorável, ainda que exista a possibilidade de as chuvas excessivas e frequentes atrapalhem os trabalhos de colheita.

Neste momento, registra-se variação positiva de preços, tendo em vista a oferta restrita do grão. Esse fato ocorre em plena colheita, e registra-se retração comercial, em que se espera melhor momento para

comercialização, pois existe a percepção no mercado de que o quadro é de restrição de oferta de arroz para 2019. A comercialização da safra 2017/18 já completou 100%, enquanto que a da safra 2018/19 é de 9,2%. Em Mato Grosso do Sul, a área de arroz irrigado sofreu

Figura 13 - Lavoura de arroz em maturação em Tabaporã - MT



Fonte: Conab.

uma pequena redução em comparação com a safra anterior devido ao excesso de chuva ocorrido até novembro de 2018, pois produtores de alguns municípios desistiram de semear nas várzeas, que só permitiram a mecanização em dezembro, uma vez que lavouras tardias apresentam menor rendimento. Portanto foram 11 mil hectares plantados nessa temporada.

A colheita de arroz de Mato Grosso do Sul atingiu o percentual de 70% da área semeada. Devido ao alto volume pluviométrico registrado entre setembro e novembro de 2018, o período de semeadura foi bastante espaçado, logo, a colheita será estendida até maio, pois cerca de 10% das lavouras ainda se encontram na fase de emissão da panícula, 10% em enchimento de grão e os 10% restantes em maturação.

A produtividade média estadual está estimada em 6.400 kg/ha e têm animado os rizicultores, em contraponto, os preços tem sido o motivo de reclamações repetitivas diante do alto custo de produção da cultura. Aproximadamente metade da produção obtida até o momento já foi comercializada.

As lavouras que ainda estão em produção apresentam condições ideais em 90% das áreas e 10% em situação regular. As pragas, doenças e ervas daninhas foram e estão sendo controlados eficientemente.

Em Goiás, a cultura de arroz de sequeiro se resume a áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura em conjunto com Emater e a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG).

Nesta safra, alguns assentados de reforma agrária re-



alizaram o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional. As demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias, pequenos produtores com utilização de pouca tecnologia.

Em Goiás, conforme mencionado no capítulo específico sobre o mapeamento de arroz em Goiás, as áreas destinadas à rizicultura irrigada foram mapeadas, buscando-se obter dados mais precisos sobre o panorama da produção goiana.

Com o auxílio das ferramentas de monitoramento de imagens de satélite foram estudadas as áreas de arroz irrigado no estado, mapeando-as com boa acurácia e alinhamento a demais fontes de informações, tal como georreferenciamento e dados censitários oriundos de pesquisas à campo, tornando o resultado do estudo mais próximo a realidade.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas décadas, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio no estado. A área de plantio estimada para a safra atual é de 3,5 mil hectares, representando redução de 27,1% em relação à safra anterior. Houve ajuste de área em relação ao levantamento anterior. Dentre os principais fatores que motivam o declínio da cultura no estado citamos: a baixa rentabilidade, os elevados riscos em razão do clima e as restrições de cunho ambiental devido ao plantio em Áreas de Preservação Permanente, restrição hídrica e carência de mão de obra. Predomina o cultivo de subsistência, e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação. A aquisição de arroz por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), pelas Prefeituras e governo do estado é, o que tem mantido o cultivo do produto, considerando a aquisição mediante da agricultura familiar, de no mínimo 30% do valor financeiro destinado anualmente à alimentação escolar.

O plantio foi iniciado em outubro e concluído em dezembro. As lavouras se encontram em fase de maturação e início de colheita.

Em São Paulo, a produção é pouco expressiva e praticamente toda sua produção é escoada junto aos municípios próximos ao Vale do Paraíba. Sua comercialização fica praticamente restrita ao entorno daquela região. Estima-se diminuição de 2,1% para a área plantada e de 1,1% para o rendimento médio.

Esse grão não avança para outras áreas do estado devido a sua baixa produção, bem como, uma menor aceitação do produto pelo consumidor paulista. Exis-

te uma predominância do arroz vindo do Rio Grande do Sul, esse arroz é considerado de alta qualidade (agulhinha tipo 1) e muito aceito e consumido dentro do estado paulista.

Essa cultura também é plantada, em sua maioria, sob irrigação, razão de manter pequena redução na produtividade.

No Paraná, a colheita do arroz irrigado primeira safra avança no estado, estando colhida 59% da área plantada, confirmando-se assim, a produtividade de 7.445 kg/ha. Com relação à safra anterior, o rendimento aumentou em 17,7% porque na safra anterior houve falta de luz, o que afetou a fotossíntese e, consequentemente, a produtividade.

A área com o arroz de sequeiro primeira safra é praticamente toda de subsistência, apresentando decréscimo a cada ano. As condições das lavouras pioraram levemente devido à falta de chuvas em dezembro, resultando em leve redução na produtividade estimada. Em comparação à safra anterior, a área reduziu 11,8% e, até o momento, já foi colhida 47% do total previsto. O rendimento da cultura é de 2.011 kg/ha, o que representa um aumento de 1,9% em relação à safra anterior.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz avançou de forma acelerada março. No momento do levantamento de informações aproximadamente 74% da área já havia sido colhida. A maioria dos municípios do norte do estado já realizaram toda a colheita do primeiro corte, neste momento aguardam o desenvolvimento da soca ou rebrota. Já em muitos municípios do sul do estado a colheita não avançou mais por conta do clima chuvoso durante março, devendo se estender até meados de abril em algumas localidades.

Em relação à soca (rebrota), o desenvolvimento das lavouras está satisfatório, e muitos produtores optaram por não investir tanto nos tratamentos culturais frente às perspectivas de preço baixo.

Quanto à produtividade, como já era esperado, está se encontra abaixo da safra anterior, porém, ainda dentro da média histórica do estado. O principal fator para a redução da produtividade foi o clima. O excesso de calor em janeiro prejudicou muitas lavouras, causando abortamento de flores e, com isso, não houve formação do grão. Porém, no geral, a qualidade dos grãos colhidos está satisfatória.

Além disso, nesta safra houve problemas maiores com pragas e doenças do que no ano anterior, o que contribuiu para a queda da produtividade.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de



Figura 14 - Lavoura de arroz em Nova Veneza - SC



Fonte: Conab.

março permitiram uma boa evolução na colheita do arroz, já que, apesar de ter ocorrido chuva nesse período, ela foi de pouca intensidade e não perdurou por muitos dias. Assim, as lavouras têm permitido a entrada de máquinas, bem como o adequado escoamento da produção, fazendo com que a evolução tenha ocorrido de maneira satisfatória.

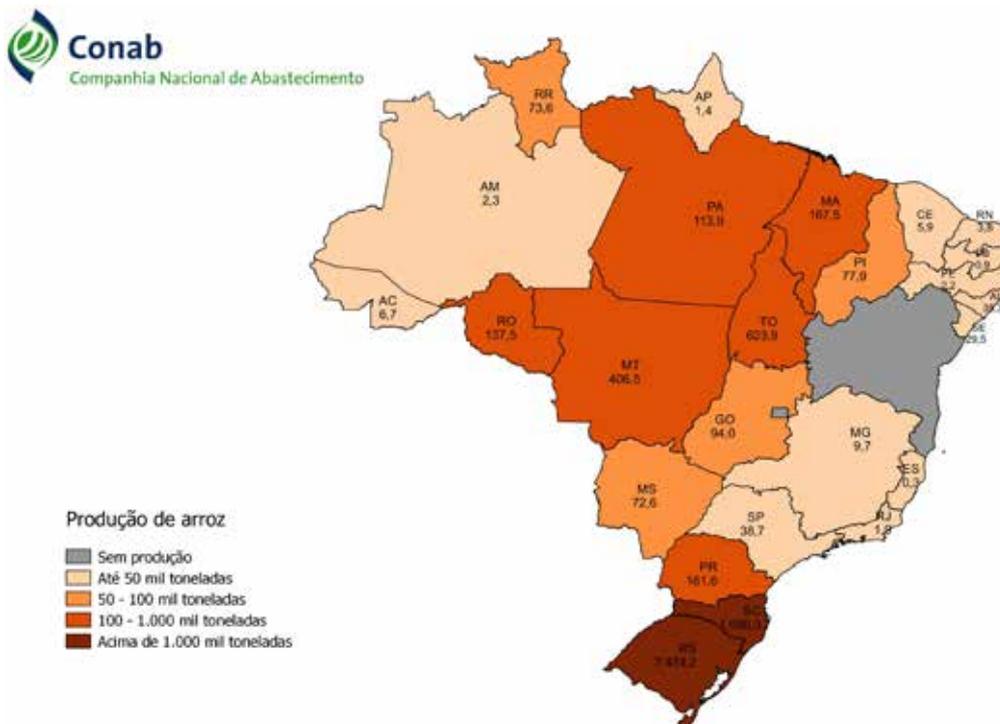
Até o momento, contando com o que foi colhido mais as lavouras que foram totalmente perdidas em razão do excesso de chuvas em janeiro, que provocou alagamentos e consequentemente a morte de plantas em aproximadamente 2,5% da área do estado, chegamos a cerca de 35% da área total de cultivo. Comparativamente, na safra anterior, no mesmo período, tinha-

mos 24% da área colhida, ou seja, a colheita da safra 2018/19 está 46% adiantada. Essa diferença se deve, principalmente, pelo fato de que na safra atual os produtores conseguiram realizar a semeadura mais cedo, o que também favorece o alcance de maiores produtividades, como também ao tempo seco.

As regiões da Planície Costeira Interna e a Fronteira Oeste são as mais adiantadas, atingindo 50 e 49%, respectivamente, da área colhida. Em seguida, Campanha e Planície Costeira Interna atingiram 29%, Sul 28% e Central, a mais atrasada, apenas 17%. Essa última foi também a que teve a implantação da cultura mais atrasada dentre todas.

As primeiras lavouras colhidas têm apresentado produtividade alta, por exemplo, ultrapassando 8.000 kg/ha na Fronteira Oeste e ficando próximo a 8.000 kg/ha na Planície Costeira Interna. Porém, com a evolução da colheita, as produtividades devem reduzir gradativamente, já que essas lavouras que estão em fase final de maturação foram mais atingidas por adversidades climáticas, como chuva e frio na floração ou pouca luminosidade. Além disso, as áreas perdidas por alagamento também reduzem a média final. Assim, a produtividade final para o estado deve ser inferior à registrada na safra anterior, ficando em 7.500 kg/ha.

Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Arroz



Fonte: Conab.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PA	Sudoeste Paraense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paraense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Centro Maranhense					PP	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,5	211,4	(19,8)	4.045	4.668	15,4	1.065,7	986,9	(7,4)
RR	12,3	10,4	(15,4)	7.075	7.075	-	87,0	73,6	(15,4)
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.243	-	137,5	137,5	-
AC	5,0	4,8	(4,0)	1.223	1.321	8,0	6,1	6,3	3,3
AM	1,4	1,2	(14,3)	2.296	2.250	(2,0)	3,2	2,7	(15,6)
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	68,4	31,4	(54,1)	2.860	2.917	2,0	195,6	99,6	(49,1)
TO	132,5	119,7	(9,7)	4.792	5.562	16,1	634,9	665,8	4,9
NORDESTE	261,3	149,8	(42,7)	2.013	2.035	1,1	525,9	304,8	(42,0)
MA	166,7	87,9	(47,3)	1.925	1.707	(11,3)	320,9	150,1	(53,2)
PI	70,8	46,2	(34,7)	1.670	1.629	(2,5)	118,2	75,2	(36,4)
CE	3,6	2,9	(19,4)	975	1.638	67,9	3,6	4,8	33,3
RN	1,1	1,5	36,4	3.945	4.209	6,7	4,3	6,3	46,5
PB	1,1	1,1	-	1.100	1.310	19,1	1,2	1,4	16,7
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
CENTRO-OESTE	185,2	162,1	(12,5)	3.653	3.691	1,0	676,5	598,2	(11,6)
MT	149,3	128,3	(14,1)	3.283	3.237	(1,4)	490,2	415,2	(15,3)
MS	14,3	11,0	(23,1)	5.700	6.400	12,3	81,5	70,4	(13,6)
GO	21,6	22,8	5,6	4.852	4.939	1,8	104,8	112,6	7,4
SUDESTE	14,7	13,2	(10,2)	3.611	3.701	2,5	53,0	48,8	(7,9)
MG	4,8	3,5	(27,1)	2.791	2.786	(0,2)	13,4	9,8	(26,9)
ES	0,1	0,1	-	3.468	3.491	0,7	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.704	149,8	0,4	1,1	175,0
SP	9,5	9,3	(2,1)	4.094	4.048	(1,1)	38,9	37,6	(3,3)
SUL	1.247,4	1.168,9	(6,3)	7.811	7.456	(4,5)	9.743,1	8.715,1	(10,6)
PR	23,1	23,3	0,9	5.684	6.745	18,7	131,3	157,1	19,6
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.500	(4,5)	1.151,6	1.083,8	(5,9)
RS	1.077,6	1.001,1	(7,1)	7.851	7.466	(4,9)	8.460,2	7.474,2	(11,7)
NORTE/NORDESTE	524,8	361,2	(31,2)	3.033	3.576	17,9	1.591,6	1.291,7	(18,8)
CENTRO-SUL	1.447,3	1.344,2	(7,1)	7.236	6.965	(3,7)	10.472,6	9.362,1	(10,6)
BRASIL	1.972,1	1.705,4	(13,5)	6.118	6.247	2,1	12.064,2	10.653,8	(11,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	138,8	88,6	(36,2)	2.757	2.796	1,4	382,6	247,7	(35,3)
RO	42,4	42,4	-	3.243	3.243	-	137,5	137,5	-
AC	5,0	4,8	(4,0)	1.223	1.321	8,0	6,1	6,3	3,3
AM	1,4	1,2	(15,0)	2.296	2.250	(2,0)	3,2	2,7	(15,6)
AP	1,5	1,5	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	-
PA	62,8	25,8	(58,9)	2.808	2.833	0,9	176,3	73,1	(58,5)
TO	25,7	12,9	(49,8)	2.261	2.067	(8,6)	58,1	26,7	(54,0)
NORDESTE	240,8	130,8	(45,7)	1.710	1.513	(11,6)	411,9	197,8	(52,0)
MA	162,9	85,4	(47,6)	1.865	1.616	(13,4)	303,8	138,0	(54,6)
PI	65,5	41,5	(36,6)	1.443	1.306	(9,5)	94,5	54,2	(42,6)
CE	3,5	2,8	(20,0)	846	1.500	77,3	3,0	4,2	40,0
PB	1,1	1,1	-	1.100	1.310	19,1	1,2	1,4	16,7
BA	7,8	-	(100,0)	1.200	-	(100,0)	9,4	-	(100,0)
CENTRO-OESTE	150,2	127,2	(15,3)	3.225	3.148	(2,4)	484,4	400,4	(17,3)
MT	143,5	121,0	(15,7)	3.268	3.202	(2,0)	469,0	387,4	(17,4)
GO	6,7	6,2	(7,5)	2.300	2.100	(8,7)	15,4	13,0	(15,6)
SUDESTE	5,8	4,9	(15,5)	2.244	2.234	(0,5)	12,9	10,9	(15,5)
MG	3,5	2,6	(25,7)	1.756	1.456	(17,1)	6,1	3,8	(37,7)
ES	0,1	0,1	-	3.468	3.491	0,7	0,3	0,3	-
RJ	0,3	0,3	-	1.483	3.704	149,8	0,4	1,1	175,0
SP	1,9	1,9	-	3.200	3.000	(6,3)	6,1	5,7	(6,6)
SUL	3,4	3,0	(11,8)	1.973	2.011	1,9	6,7	6,0	(10,4)
PR	3,4	3,0	(11,8)	1.973	2.011	1,9	6,7	6,0	(10,4)
NORTE/NORDESTE	379,6	219,4	(42,2)	2.093	2.031	(3,0)	794,5	445,5	(43,9)
CENTRO-SUL	159,4	135,1	(15,2)	3.162	3.090	(2,3)	504,0	417,3	(17,2)
BRASIL	539,0	354,5	(34,2)	2.409	2.434	1,0	1.298,5	862,8	(33,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	124,7	122,8	(1,5)	5.478	6.019	9,9	683,1	739,2	8,2
RR	12,3	10,4	(15,5)	7.075	7.075	-	87,0	73,6	(15,4)
PA	5,6	5,6	-	3.446	4.733	37,3	19,3	26,5	37,3
TO	106,8	106,8	-	5.401	5.984	10,8	576,8	639,1	10,8
NORDESTE	21,2	19,0	(10,4)	5.697	5.630	(1,2)	114,0	107,0	(6,1)
MA	3,8	2,5	(34,2)	4.500	4.833	7,4	17,1	12,1	(29,2)
PI	5,3	4,7	(11,3)	4.478	4.478	-	23,7	21,0	(11,4)
CE	0,1	0,1	-	5.500	5.500	-	0,6	0,6	-
RN	1,1	1,5	36,4	3.945	4.209	6,7	4,3	6,3	46,5
PE	0,4	0,4	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	4,8
AL	5,8	5,8	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	(6,4)
SE	4,0	4,0	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	3,5
CENTRO-OESTE	35,0	34,9	(0,3)	5.489	5.669	3,3	192,1	197,8	3,0
MT	5,8	7,3	25,9	3.659	3.815	4,3	21,2	27,8	31,1
MS	14,3	11,0	(23,1)	5.700	6.400	12,3	81,5	70,4	(13,6)
GO	14,9	16,6	11,5	6.000	6.000	-	89,4	99,6	11,4
SUDESTE	8,9	8,3	(6,7)	4.501	4.567	1,5	40,1	37,9	(5,5)
MG	1,3	0,9	(30,7)	5.577	6.627	18,8	7,3	6,0	(17,8)
SP	7,6	7,4	(2,6)	4.317	4.317	-	32,8	31,9	(2,7)
SUL	1.244,0	1.165,9	(6,3)	7.827	7.470	(4,6)	9.736,4	8.709,1	(10,6)
PR	19,7	20,3	3,0	6.324	7.445	17,7	124,6	151,1	21,3
SC	146,7	144,5	(1,5)	7.850	7.500	(4,5)	1.151,6	1.083,8	(5,9)
RS	1.077,6	1.001,1	(7,1)	7.851	7.466	(4,9)	8.460,2	7.474,2	(11,7)
NORTE/NORDESTE	145,9	141,8	(2,8)	5.510	5.967	8,3	797,1	846,2	6,2
CENTRO-SUL	1.287,9	1.209,1	(6,1)	7.740	7.398	(4,4)	9.968,6	8.944,8	(10,3)
BRASIL	1.433,8	1.350,9	(5,8)	7.513	7.248	(3,5)	10.765,7	9.791,0	(9,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.4. FEIJÃO

6.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Nessa primeira safra, a área destinada ao plantio de feijão sofreu redução em relação à temporada passada. Foram 935,4 mil hectares semeados com a cultura em 2018/19, representando um decréscimo de 11,9%. O rendimento médio estimado é na ordem de 1.039 hg/ha, também sinalizando um decréscimo em comparação ao exercício anterior e impactando nas previsões de produção final que, nesse levantamento, aponta para 971,7 mil toneladas produzidas, sendo a maioria de feijão-comum cores.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é bastante cultivado na primeira safra nacional, representando mais de um terço da área total a ser plantada com feijão nesse período. Para essa safra foram cultivados 376,5 mil hectares, sinalizando um decréscimo de 18,6% em comparação

com 2017/18.

Na Região Norte, Tocantins e Pará, são os principais produtores de feijão-comum cores primeira safra. Para o primeiro estado, espera-se variação significativa na área cultivada em comparação à safra passada, chegando a ser 50% menor, devendo alcançar 400 hectares. As lavouras se encontram em bom desenvolvimento, mesmo com a baixa tecnologia usada na sua produção, visto que a colheita já está em andamento, com aproximadamente 60% da área já colhida.

Quanto ao Pará, a expectativa também é de redução na área plantada, saindo de 7,6 mil hectares em 2017/18 para 4,4 mil hectares em 2018/19. A colheita já se iniciou em algumas áreas e a projeção é que até maio seja finalizada.

Na Região Nordeste, a Bahia se destaca como princi-



pal produtora de feijão-comum cores nessa primeira safra. A estimativa para essa temporada é de incremento tanto em área plantada quanto em produção, cultivando cerca de 55,6 mil hectares (26,7% maior que em 2017/18). A colheita está em andamento e a previsão é de 24,2 mil toneladas produzidas, simbolizando um aumento de 17,5% em comparação à temporada passada.

Na Região Centro-Oeste houve redução na área de plantio em quase todos os estados, com exceção do Mato Grosso do Sul, que manteve seus 800 hectares destinados ao cultivo do feijão-comum cores também nessa safra 2018/19. Ao todo foram semeados 52,9 mil hectares na região, simbolizando diminuição de 28,6% em relação a 2017/18. A estimativa de produção também é de decréscimo, devendo fechar em 113 mil toneladas, também em razão da redução na produtividade média esperada para a cultura.

Em Mato Grosso houve redução expressiva na área semeada quando comparada à temporada anterior, saindo de 6,2 mil hectares em 2017/18 para 3,5 mil hectares cultivados nessa safra. O processo de colheita está finalizado e a produção é de aproximadamente 6,7 mil toneladas do grão (53,8% menor que o volume obtido no ciclo passado).

Em Goiás, a colheita do feijão-comum cores nessa primeira safra está finalizada, com um rendimento médio em torno de 2.100 kg/ha e uma produção final de 82,5 mil toneladas. Esse resultado está abaixo do esperado pelos produtores, principalmente pelo período de duas semanas sem chuvas e com temperatura elevada em dezembro de 2018, algo que prejudicou boa parte das lavouras que estavam predominantemente em fase de enchimento de grão. Cerca de 95% do que foi colhido já foi comercializado pelos produtores devido à alta nos preços em algumas regiões.

No Distrito Federal, os 9,3 mil hectares plantados com a cultura nessa primeira safra já foram colhidos. Houve incremento no rendimento médio em relação àquele verificado na temporada passada, alcançando 2.410 kg/ha. Entretanto a produção final ficou aquém das 24,9 mil toneladas obtidas em 2017/18, registrando 22,4 mil toneladas em 2018/19.

Na Região Sudeste foram cultivados cerca de 180,9 mil hectares de feijão-comum cores nessa primeira safra, simbolizando uma redução de 18% em comparação à temporada passada. A produtividade média para a região está estimada em 1.523 kg/ha e a produção prevista é de 275,6 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área semeada com a cultura nessa primeira safra foi de 125,3 mil hectares. Isso represen-

ta redução de 8,3% em relação ao exercício anterior. O plantio foi realizado entre outubro e dezembro e as lavouras foram prejudicadas pela descontinuidade das chuvas e elevação da temperatura ao longo do ciclo, fatores que contribuíram negativamente à produtividade esperada, que está em 1.135 kg/ha, ante aos 1.353 kg/ha em 2017/18. A previsão para a produção é de 142,2 mil toneladas.

Em São Paulo, alguns produtores tradicionais de feijão reduziram a destinação de área nessa primeira safra em detrimento do plantio de soja, algo que impactou diretamente nos números dessa temporada, alcançando assim 51 mil hectares semeados, representando redução de 36,2% em comparação à área plantada em 2017/18. O rendimento médio esperado está na ordem de 2.516 kg/ha e a produção é de 128,3 mil toneladas.

Na Região Sul houve redução de área em relação à safra passada, passando de 122,9 mil hectares para 82,3 mil hectares em 2018/19. A produtividade média, entretanto, sinaliza incremento em comparação à temporada anterior, com destaque para o Paraná e Santa Catarina, que demonstram acréscimo de 4,5% e 6,1%, respectivamente.

No Paraná, a colheita está encerrada nos mais de 52,8 mil hectares plantados nessa primeira safra com o feijão-comum cores. A produtividade média é de 1.549 kg/ha, representando crescimento de 4,5% em relação ao exercício anterior. Ainda assim, as condições climáticas oscilaram ao longo do ciclo da cultura, havendo registros de estiagem e altas temperaturas em algumas regiões produtoras do estado. Quanto à produção final, há uma confirmação de redução em comparação ao volume produzido na temporada passada (cerca de 31,8% menor) principalmente em razão da diminuição de área plantada registrada em 2018/19.

Em Santa Catarina, cerca de 64% dos 19,5 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nessa primeira safra já estão colhidos. A produtividade média estimada até então é de 1.995 kg/ha, sinalizando acréscimo de 6,1% em comparação a 2017/18. No entanto, com a redução de área plantada, a estimativa para a produção é de 38,9 mil toneladas, representando diminuição de 35,4% em relação ao ano passado.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a primeira safra. Para essa temporada 2018/19 foram semeados 169,8 mil hectares com a cultura em todo território nacional, representando diminuição de 5,8% em comparação a 2017/18. Quanto à produção final, a tendência também é de decréscimo em relação aos números obtidos na safra anterior, devendo alcançar 256,9 mil toneladas ante as 298,2 mil tonela-



das verificadas no ciclo passado.

Em Minas Gerais, os 8,2 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nessa primeira safra já estão em fase final de colheita. A projeção é de aumento no volume produzido quando comparado a 2017/18, devendo alcançar 7,1 mil toneladas.

No Paraná, os 110,9 mil hectares cultivados com o feijão-comum preto nessa primeira safra estão colhidos. Ao longo do ciclo, as lavouras foram submetidas a intempéries climáticas, que impactaram o pleno desenvolvimento das plantas e o seu potencial produtivo. Dessa forma, a produtividade média ficou aquém daquela obtida em 2017/18 (9,2% menor), ficando em 1.517 kg/ha. A produção final também foi impactada e as 168,2 mil toneladas produzidas se mantiveram abaixo das 198,2 mil toneladas obtidas na temporada passada.

Em Santa Catarina, cerca de 92% da área plantada com feijão-comum preto nessa primeira safra (20,1 mil hectares) já se encontra colhida. A produtividade média estimada até então está na ordem de 1.802 kg/ha (redução de 4,4% em relação a 2017/18). Algumas regiões registraram períodos significativos sem chuvas, principalmente no início de dezembro, além de incidência de altas temperaturas em janeiro e fevereiro, gerando impacto no desenvolvimento pleno da cultura, em especial àquelas lavouras que tiveram o plantio mais antecipado.

No Rio Grande do Sul, a colheita do feijão-comum preto nessa primeira safra se encaminha para a conclusão, com cerca de 96% dos 26,8 mil hectares plantados já finalizados. A média da produtividade está sinalizada em 1.519 kg/ha, representando diminuição de 7,9% em comparação ao ano anterior.

Feijão-caupi

Na Região Norte apenas Tocantins cultiva o feijão-caupi na primeira safra. A exemplo do feijão-comum cores, houve variação na área cultivada em relação à safra passada, com diminuição de 22,6%, alcançando 3,9 mil hectares. A estimativa de produção é de 2,6 mil toneladas.

Na Região Nordeste é cultivada a maior área de feijão-caupi na primeira safra. Para essa temporada foram plantados aproximadamente 362,4 mil hectares, esse número é 6% menor que aquele verificado em 2017/18. A expectativa é que sejam produzidas cerca de 132,4 mil toneladas.

No Piauí foram cultivados 206,4 mil hectares com o feijão-caupi. Isso representa redução de 12,3% em comparação à temporada passada. Além disso, a produtividade média esperada também aponta para diminuição, devendo alcançar 304 kg/ha, 21% menor que o rendimento médio obtido no ciclo anterior. Praticamente toda a área de feijão-caupi primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar. Em termos gerais, 85% das lavouras estão em boas condições e 15% em condições regulares. Em média, 50% da área se encontra em desenvolvimento vegetativo, 10% em floração, 20% em frutificação e 20% em maturação.

Na Bahia, a área destinada ao plantio de feijão-caupi nessa primeira safra experimentou incremento de 20,8% em relação à temporada anterior, alcançando 136,3 mil hectares semeados. Vale destacar que o cultivo da cultura no estado é realizado especialmente por pequenos produtores, distribuídos por todo território baiano. A rusticidade e a boa tolerância a estresses hídricos fazem da espécie uma boa alternativa para a produção em regiões mais áridas. O rendimento médio previsto é de 440 kg/ha e a produção esperada está na ordem de 60 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a maior destinação de área para plantio de feijão-caupi é cultivada na segunda safra. Ainda assim, nessa primeira safra, foram plantados cerca de 6,3 mil hectares, com uma produtividade média esperada de 1.105 kg/ha, representando diminuição de 7,9% em comparação à temporada anterior.

Em Minas Gerais foram cultivados cerca de 16,5 mil hectares, representando aumento de 19,6% em relação à temporada passada. Esse aumento de área está atrelado às condições climáticas mais favoráveis ocorridas no início da safra, em especial na região do norte do estado, onde o cultivo do feijão-caupi é mais comum, motivado pela proximidade e influência cultural muito forte da Região Nordeste, que tem maior hábito de consumo dessa espécie. A projeção é de pro-

dução de 9 mil toneladas.

6.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Feijão-comum cores

A segunda safra de feijão-comum cores, de modo ge-

ral, aponta para aumento da área plantada, principalmente em razão dos melhores preços pagos pelo produto nos últimos meses. Dessa forma, a projeção é de incremento de 14,6% em relação ao valor apresentado em 2017/18, devendo chegar a 433 mil hectares.



Em Rondônia, o plantio de feijão-comum cores na segunda safra está em fase final de execução, devendo alcançar 9,4 mil hectares semeados nessa temporada, mantendo assim a destinação de área visualizada em 2017/18. O rendimento médio e a produção esperados também estão próximos àqueles apresentados na temporada passada, estando estimados em 868 kg/ha e 8,2 mil toneladas, respectivamente.

Na Paraíba, a expectativa é de decréscimo de área cultivada em relação a 2017/18. São estimados cerca de 24,7 mil hectares, 5,4% menor que a temporada anterior. Ainda assim, o estado é aquele que dispõe de maior área para a produção da cultura na segunda safra, dentro da Região Nordeste.

Na Bahia, a expectativa é que sejam plantados cerca de 10 mil hectares com o feijão-comum cores até o fim de abril. O rendimento médio esperado é de 2.400 kg/ha, uma vez que o cultivo é realizado em manejo irrigado, utilizando-se predominantemente o pivô central em sucessão à lavoura da soja. O extremo-oeste é a mesorregião onde se produz essa segunda safra.

Em Mato Grosso, o impacto do aumento dos preços de comercialização do feijão-comum cores em âmbito nacional culmina na possibilidade de expansão de área para a atual safra, saindo de 22,3 mil hectares em 2017/18 para 58,3 mil hectares em 2018/19 (incremento de 161,4% em relação à temporada passada). O plantio ocorreu majoritariamente em fevereiro e se encerrou em março. Vale destacar a antecipação de plantio em algumas regiões que inicialmente seriam destinadas à produção de feijão na terceira safra para a segunda safra, com o intuito de se aproveitar melhores oportunidades de mercado.

No Distrito Federal, o processo de plantio tem avançado e a expectativa é de manutenção na área cultivada com o feijão-comum cores segunda safra em comparação a 2017/18, ficando em 500 hectares. A produtividade média está estimada em 2.717 kg/ha, resultando em uma produção de 1,4 mil toneladas, superior em 27,3% se comparada com a safra anterior.

No Paraná foram semeados cerca de 121,3 hectares com feijão-comum cores nessa segunda safra. Isso representa aumento de 10,1% em relação à área plantada verificada em 2017/18. A expectativa de bons ganhos financeiros foi a principal causa desse crescimento, visto que no período de início do plantio os preços do grão apresentaram alta, motivando os produtores. Apesar dos resultados aquém do esperado na produção de sementes na primeira safra, houve aquisição de material em outras praças, o que possibilitou o aumento da área cultivada. As condições

climáticas atuais são consideradas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, com o retorno das chuvas alternadas com calor.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para essa temporada 2018/19, a estimativa é de acréscimo de área cultivada de 17,4%, devendo alcançar 154,3 mil hectares.

Na Paraíba, a cultura é explorada em poucos municípios e a área destinada ao seu plantio deve aumentar em comparação à safra passada (16,6% menor), podendo fechar em 2,1 mil hectares.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área plantada é de 6,4 mil hectares, porção similar àquela verificada em 2017/18.

No Paraná foram plantados cerca de 107 mil hectares nessa segunda safra, sinalizando incremento de 22,9% em relação à área semeada na temporada anterior. Em um primeiro momento, havia previsão de não dispor de sementes suficientes para o plantio da cultura devido à menor produção obtida na primeira safra no estado. No entanto, com os bons preços pagos pelo grão, principalmente no início do plantio da segunda safra, houve maior motivação para semear o feijão, estimulando os produtores a importarem sementes de outras praças para garantir o plantio.

Em Santa Catarina, as condições climáticas nas áreas de produção de feijão-comum preto segunda safra nos três primeiros meses do ano se caracterizaram por chuvas regulares e temperaturas acima da média. O plantio da cultura ocorreu nesse período e se beneficiou desse cenário favorável. Atualmente 25% das lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo, 48% em floração, 25% em granação e 2% em maturação. De modo geral, apresentam bom vigor vegetativo e boa sanidade. Os produtores têm efetuado os tratamentos culturais recomendados, esperando aproveitar os preços atrativos observados no momento para a saca de feijão-comum preto. A colheita está prevista para iniciar em abril e prosseguir até junho, sendo o pico de colheita em maio. Foram cerca de 16,4 mil hectares semeados, com estimativa de produção na ordem de 24,7 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de feijão-comum preto segunda safra já foram implantadas e estão, em sua maioria, em pleno desenvolvimento vegetativo. Boa parte da produção acontece em sucessão à colheita de milho primeira safra e com irrigação por pivô



central, o que eleva o potencial produtivo. Para essa temporada foram semeados cerca de 19,3 mil hectares e o rendimento médio esperado está na ordem de 1.597 kg/ha.

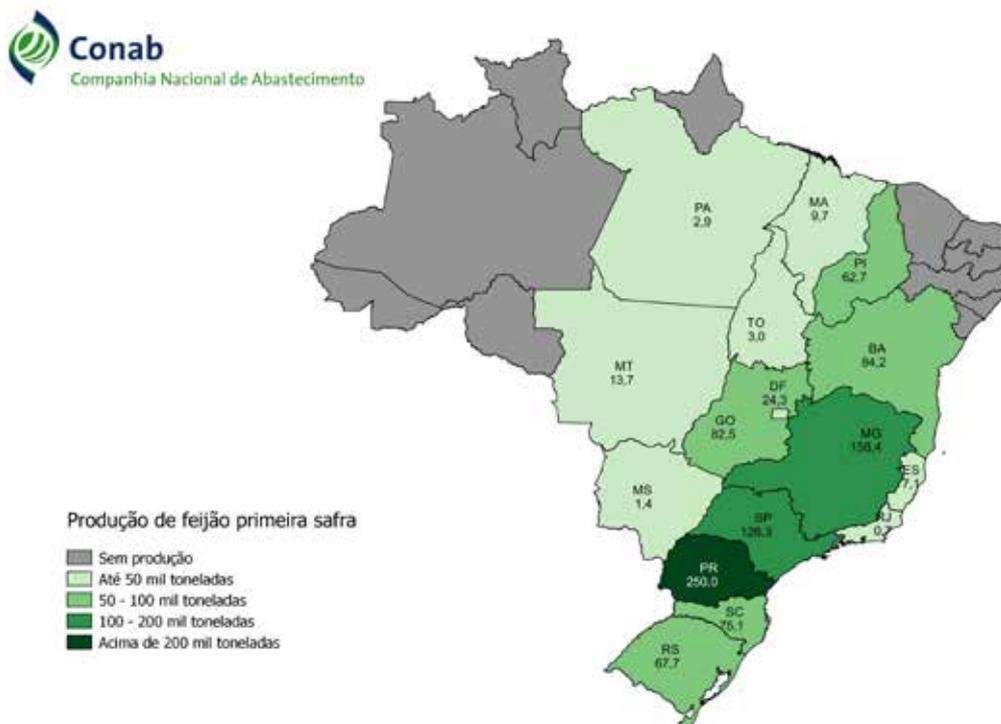
Feijão-caupi

Na Paraíba há expectativa de redução na área plantada com a cultura nessa segunda safra, estimada em 78,8 mil hectares, representando decréscimo de 2,6% em relação à temporada passada. Cerca de 60% dessa área esperada já foi semeada e as condições climáticas apresentadas até então são consideradas adequadas para a implantação e desenvolvimento da cultura, com vistas ao início do período chuvoso no Nordeste brasileiro.

Na Bahia, a estimativa é que sejam cultivados 35 mil hectares com o feijão-caupi, tanto em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa, quanto em manejo irrigado, sucedendo a soja precoce. A dificuldade na aquisição de sementes, aliada ao crescimento do cultivo de milho, reduziram a expectativa de cultivo, ficando 30% menor que àquela área semeada na temporada passada.

Em Mato Grosso, o feijão-caupi segunda safra tem bastante relevância, sendo o principal estado produtor da cultura no período, representando mais de 36% do volume produzido nacionalmente. Para essa temporada 2018/19, houve diminuição da área plantada em comparação a 2017/18, alcançando cerca de 166,8 mil hectares. A estimativa é de produção na ordem de 180 mil toneladas, sendo 21,6% menor que àquele volume obtido na temporada anterior.

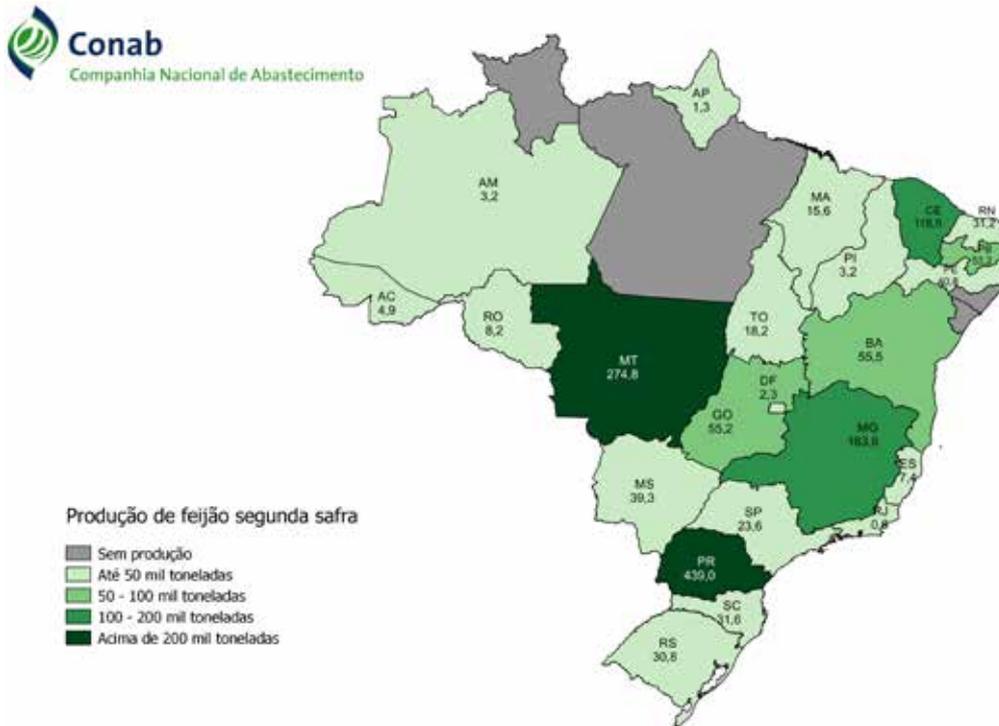
Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Feijão primeira safra



Fonte: Conab.

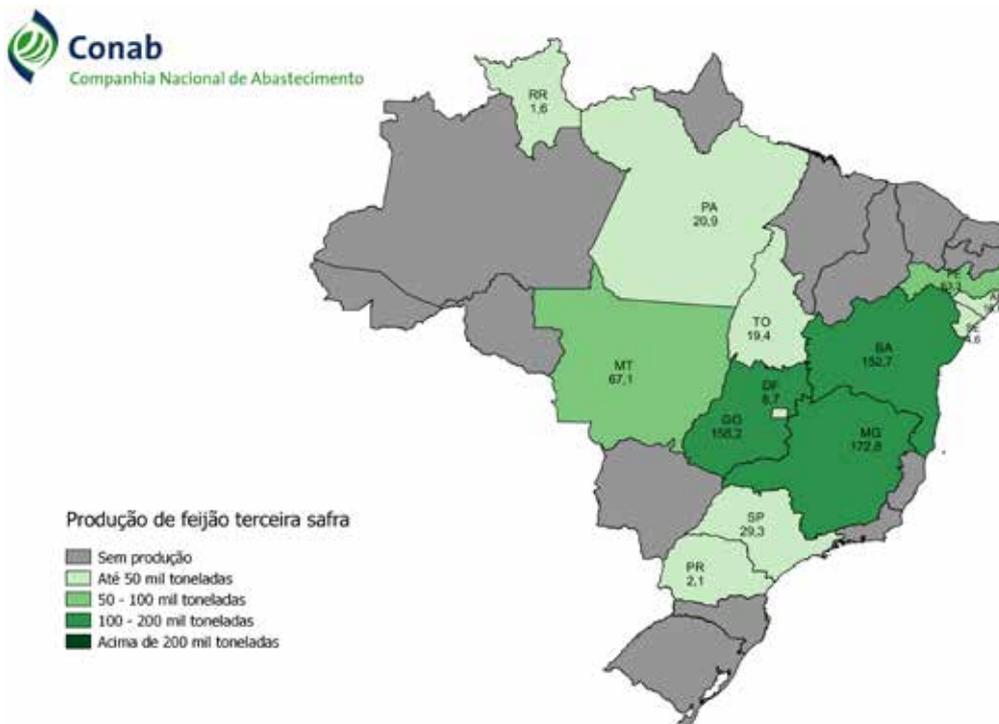


Figura 17 - Mapa da produção agrícola - Feijão segunda safra



Fonte: Conab.

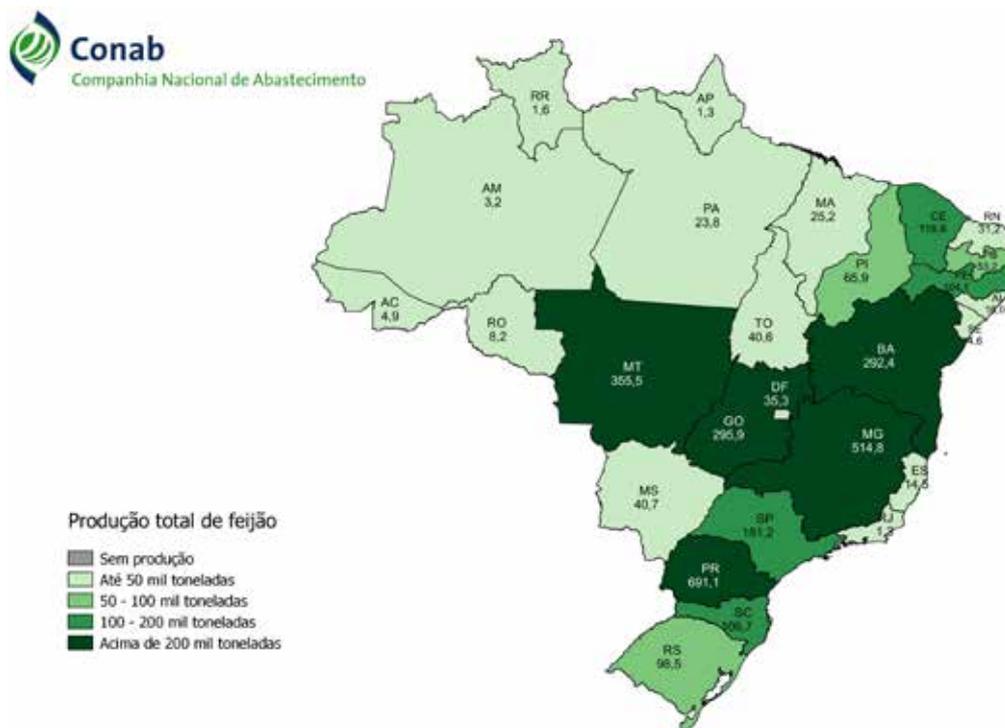
Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

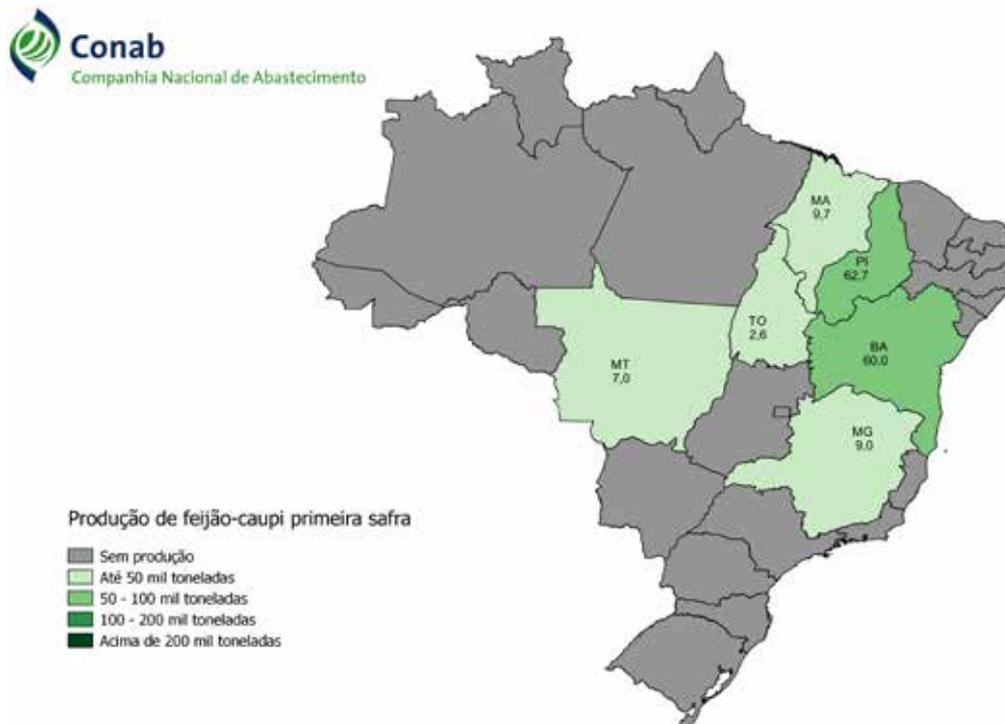


Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Feijão total



Fonte: Conab.

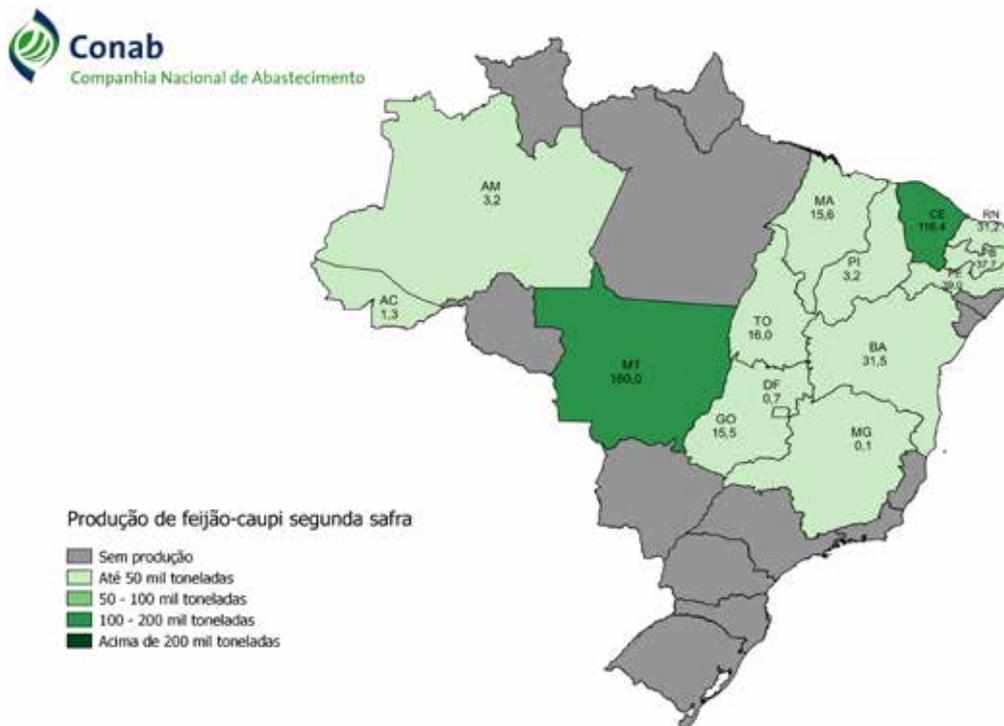
Figura 20 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi primeira safra



Fonte: Conab.

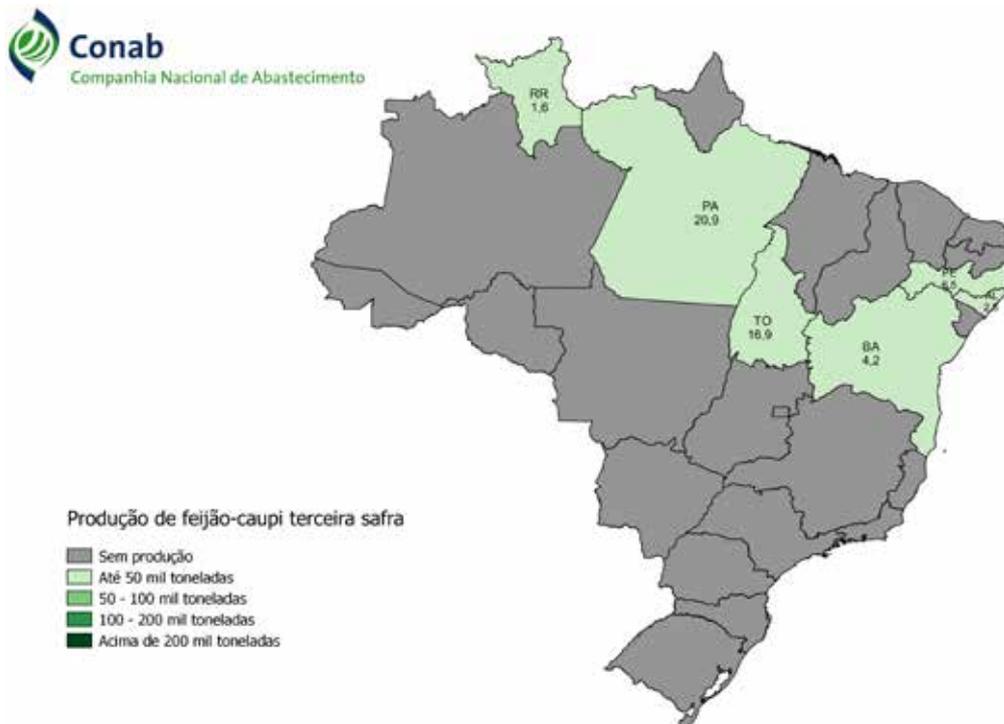


Figura 21 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi segunda safra



Fonte: Conab.

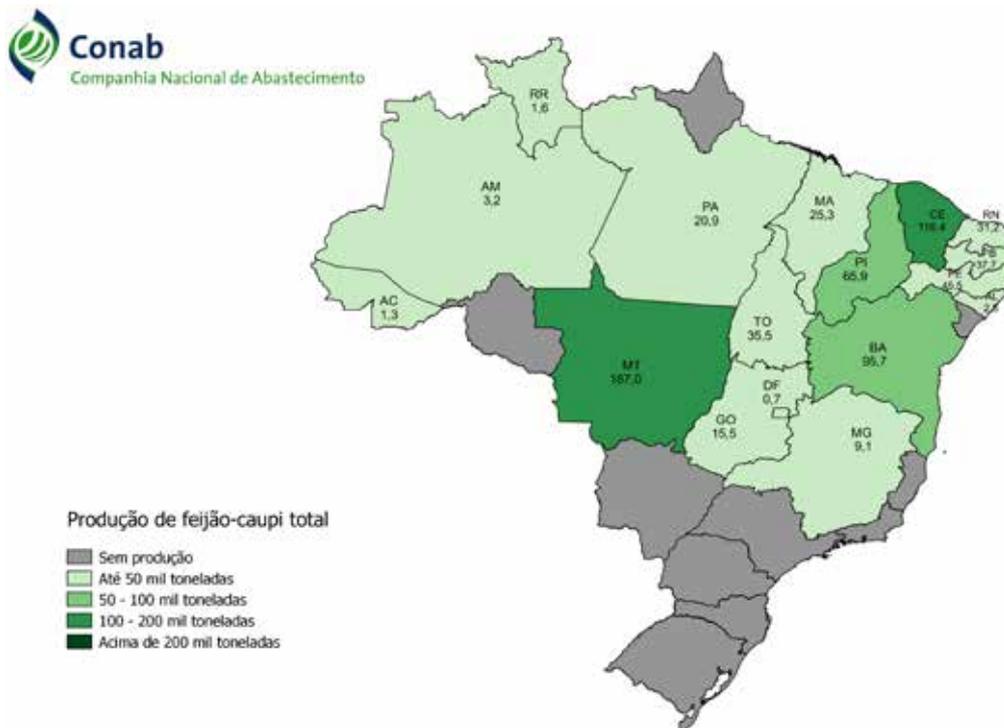
Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi terceira safra



Fonte: Conab.

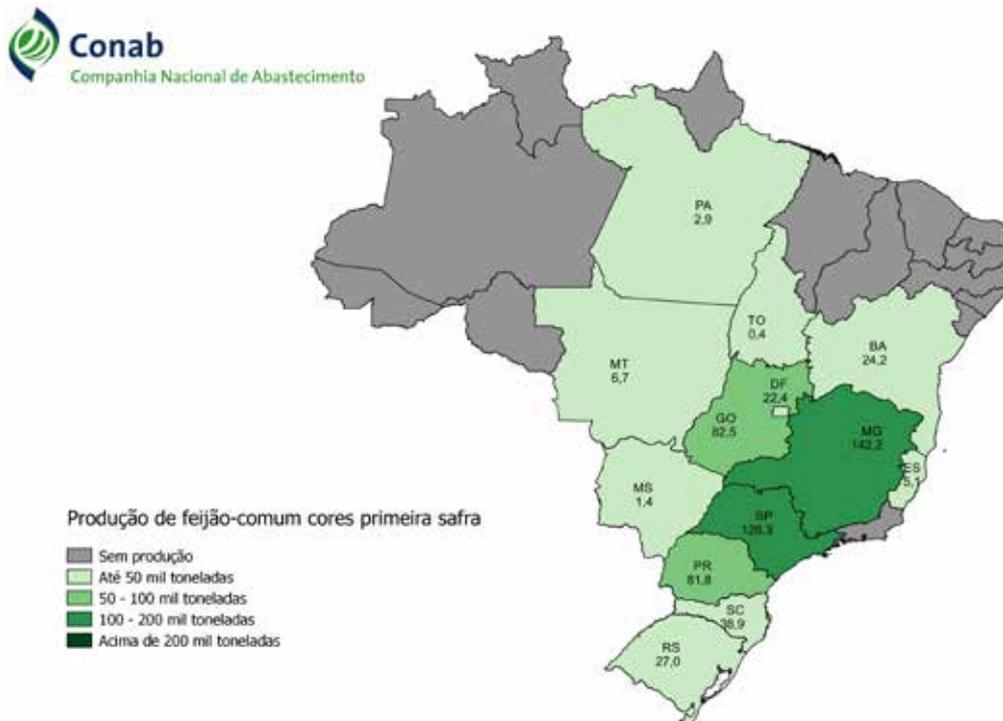


Figura 23 - Mapa da produção agrícola - Feijão-caupi total



Fonte: Conab.

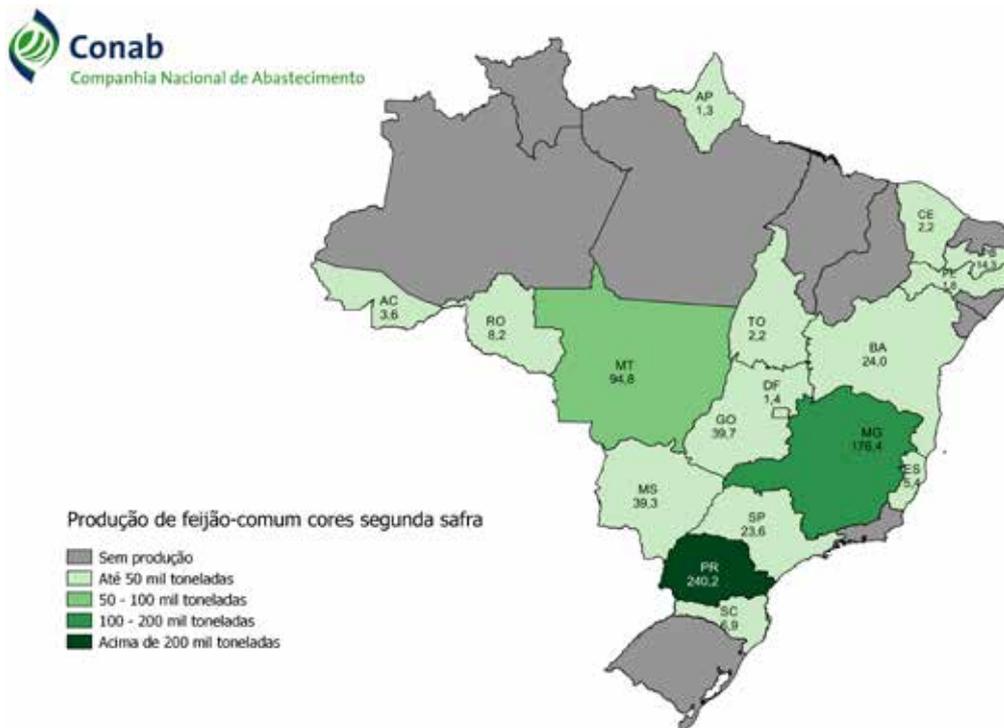
Figura 24 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores primeira safra



Fonte: Conab.

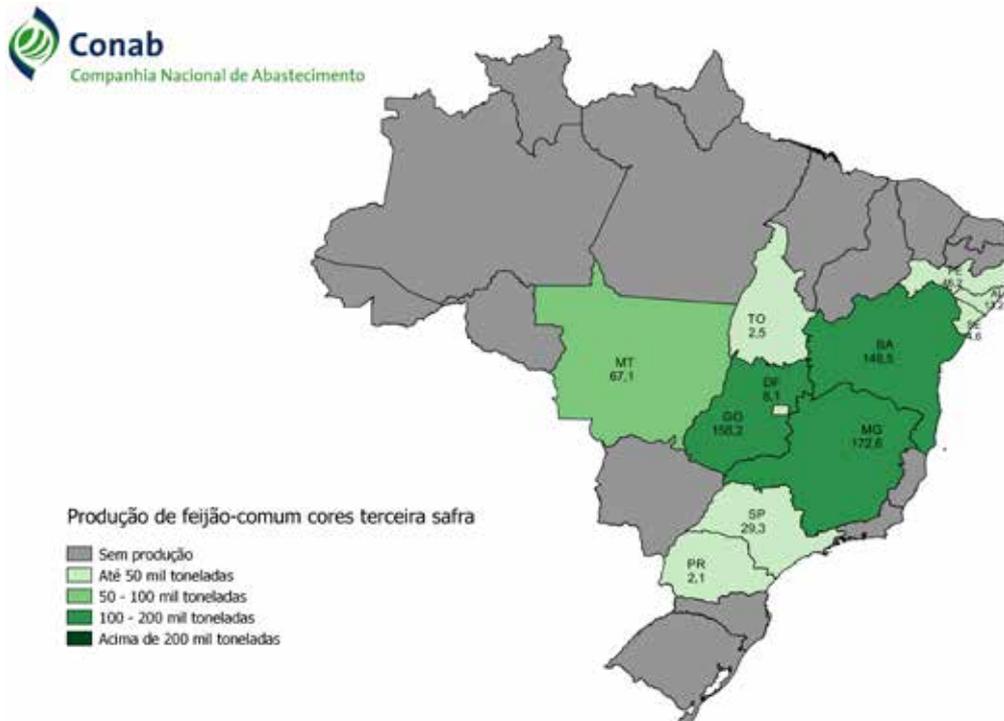


Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores segunda safra



Fonte: Conab.

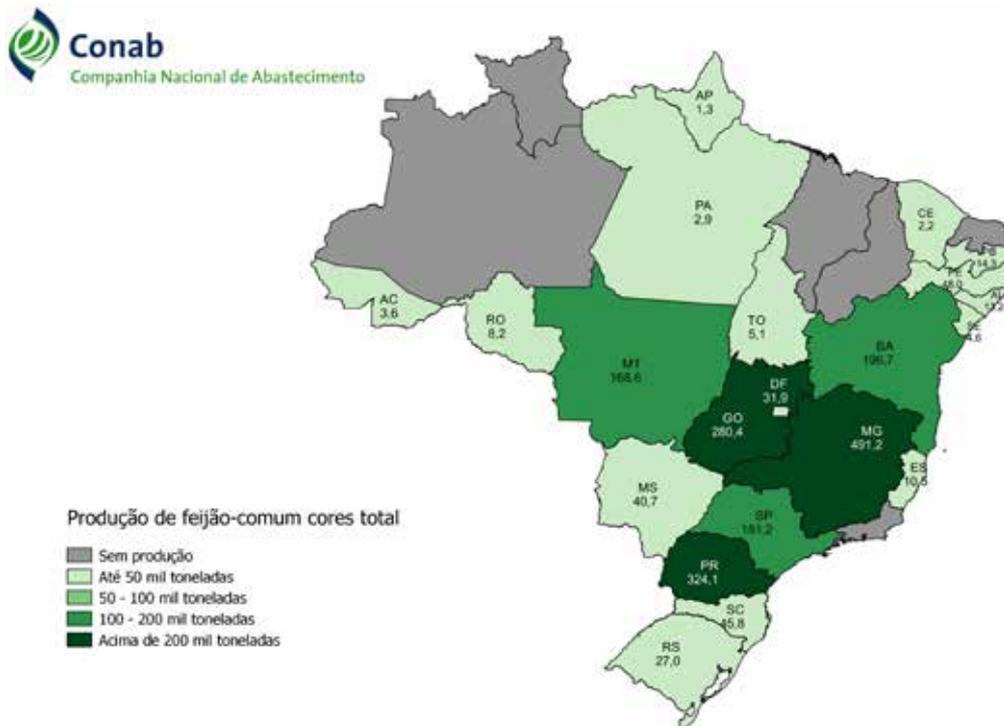
Figura 26 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores terceira safra



Fonte: Conab.

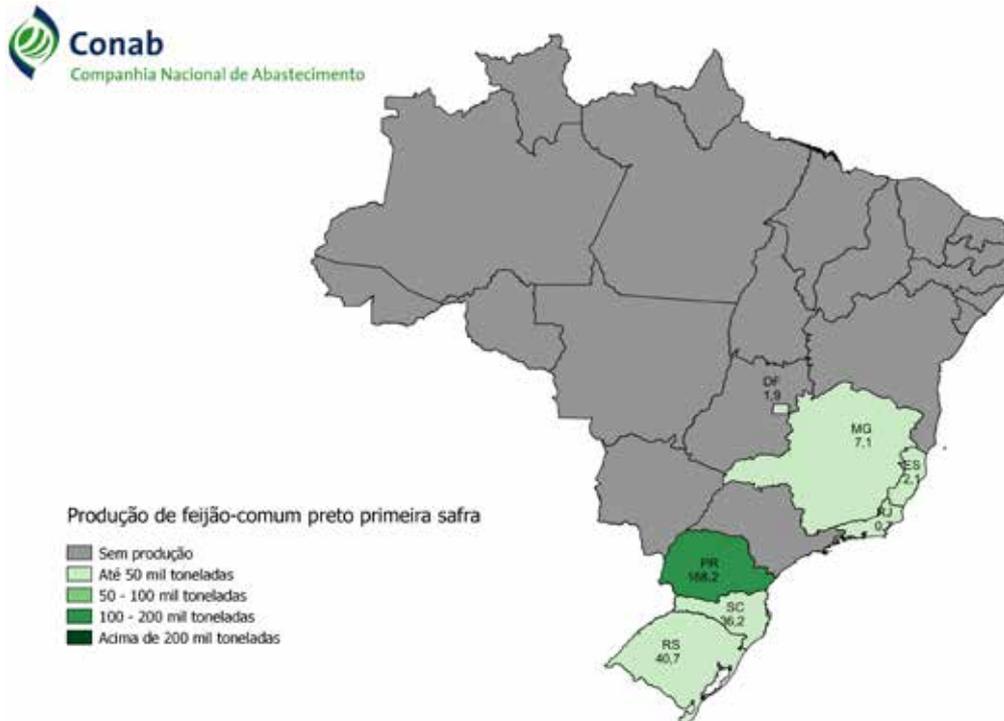


Figura 27 - Mapa da produção agrícola - Feijão-comum cores total



Fonte: Conab.

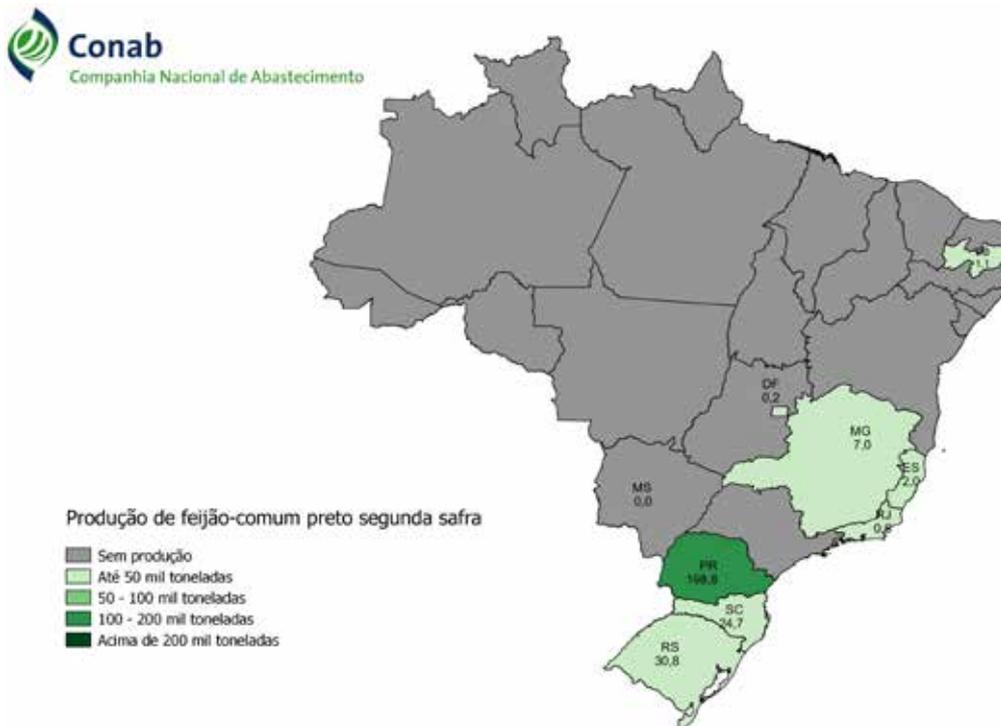
Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto primeira safra



Fonte: Conab.

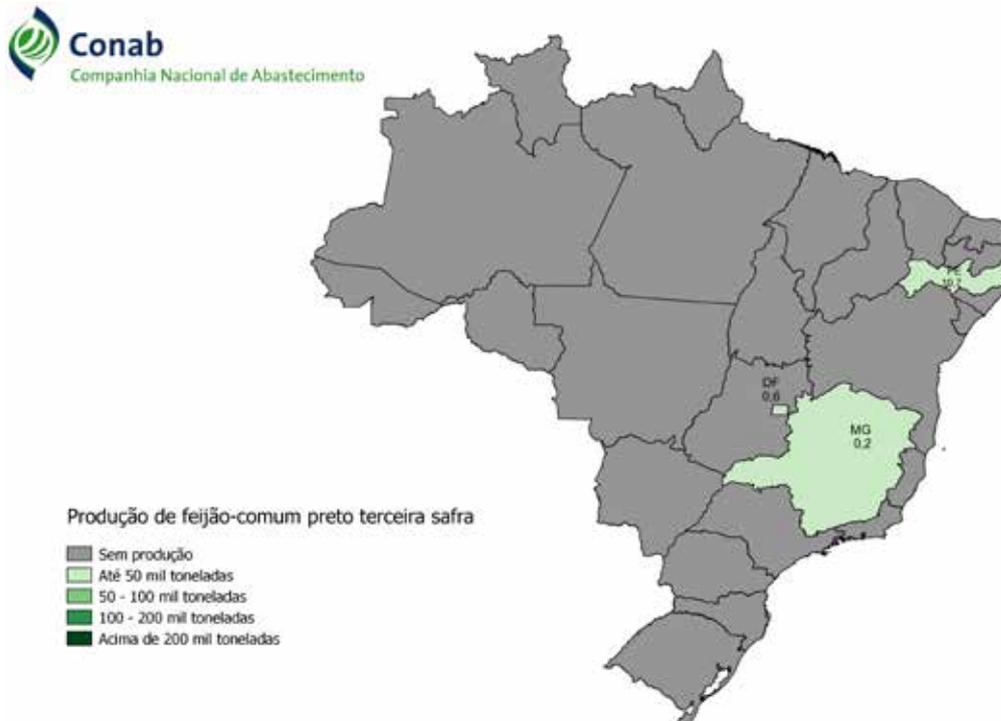


Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto segunda safra



Fonte: Conab.

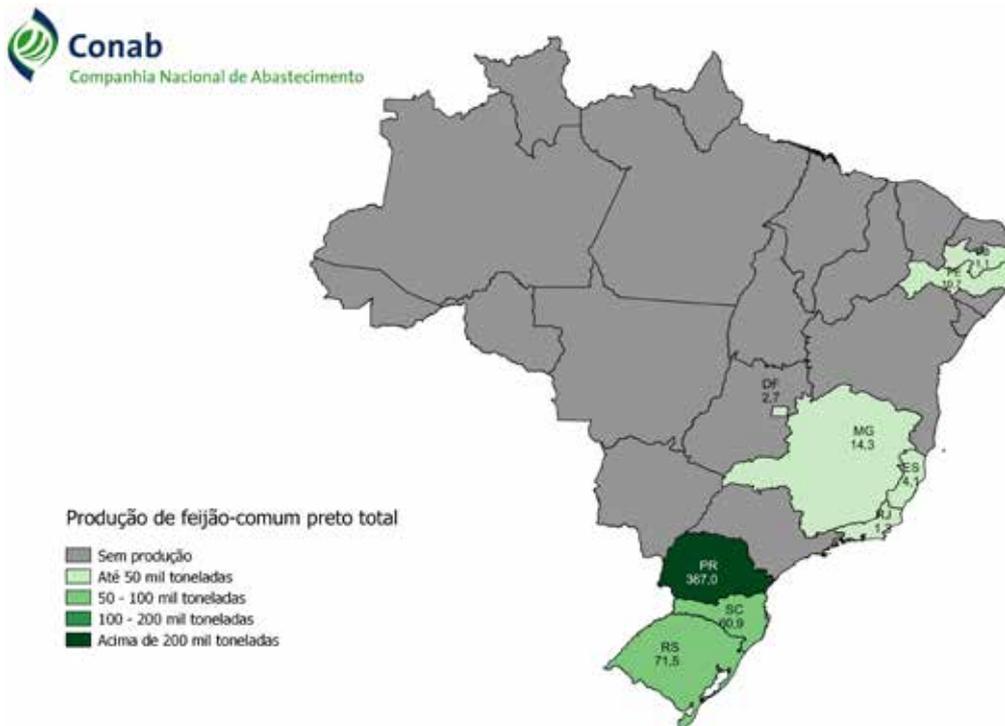
Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto terceira safra



Fonte: Conab.



Figura 31 - Mapa da produção agrícola - Feijão preto total



Fonte: Conab.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano					P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano					P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	FR/M/C	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	13,5	8,7	(35,6)	626	678	8,3	8,5	5,9	(30,6)
PA	7,6	4,4	(42,1)	627	649	3,5	4,8	2,9	(39,6)
TO	5,9	4,3	(27,1)	624	707	13,3	3,7	3,0	(18,9)
NORDESTE	429,6	418,0	(2,7)	435	375	(13,8)	186,7	156,6	(16,1)
MA	37,6	19,7	(47,6)	575	490	(14,8)	21,6	9,7	(55,1)
PI	235,3	206,4	(12,3)	385	304	(21,0)	90,6	62,7	(30,8)
BA	156,7	191,9	22,5	476	439	(7,8)	74,5	84,2	13,0
CENTRO-OESTE	81,7	60,2	(26,3)	2.337	2.026	(13,3)	191,0	121,9	(36,2)
MT	12,6	9,8	(22,2)	1.762	1.394	(20,9)	22,2	13,7	(38,3)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.100	(15,9)	140,3	82,5	(41,2)
DF	12,1	10,3	(14,9)	2.242	2.360	5,3	27,2	24,3	(10,7)
SUDESTE	243,7	208,4	(14,5)	1.664	1.413	(15,0)	405,5	294,5	(27,4)
MG	157,2	150,0	(4,6)	1.261	1.056	(16,3)	198,3	158,4	(20,1)
ES	6,1	6,6	8,2	970	1.081	11,5	5,9	7,1	20,3
RJ	0,4	0,8	100,0	938	911	(2,9)	0,4	0,7	75,0
SP	80,0	51,0	(36,3)	2.511	2.516	0,2	200,9	128,3	(36,1)
SUL	292,7	240,1	(18,0)	1.690	1.636	(3,2)	494,7	392,8	(20,6)
PR	199,6	163,7	(18,0)	1.594	1.527	(4,2)	318,1	250,0	(21,4)
SC	53,6	39,6	(26,1)	1.883	1.897	0,8	100,9	75,1	(25,6)
RS	39,5	36,8	(6,8)	1.916	1.840	(4,0)	75,7	67,7	(10,6)
NORTE/NORDESTE	443,1	426,7	(3,7)	441	381	(13,6)	195,2	162,5	(16,8)
CENTRO-SUL	618,1	508,7	(17,7)	1.765	1.591	(9,9)	1.091,2	809,2	(25,8)
BRASIL	1.061,2	935,4	(11,9)	1.212	1.039	(14,3)	1.286,4	971,7	(24,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,0	(16,7)	1.900	1.900	-	2,3	1,9	(17,4)
DF	1,2	1,0	(16,0)	1.900	1.900	-	2,3	1,9	(17,4)
SUDESTE	9,2	11,0	19,6	900	901	0,2	8,3	9,9	19,3
MG	6,8	8,2	20,6	868	868	-	5,9	7,1	20,3
ES	2,0	2,0	-	1.000	1.035	3,5	2,0	2,1	5,0
RJ	0,4	0,8	100,0	938	911	(2,9)	0,4	0,7	75,0
SUL	169,8	157,8	(7,1)	1.694	1.554	(8,3)	287,6	245,1	(14,8)
PR	118,7	110,9	(6,6)	1.670	1.517	(9,2)	198,2	168,2	(15,1)
SC	21,6	20,1	(6,9)	1.885	1.802	(4,4)	40,7	36,2	(11,1)
RS	29,5	26,8	(9,0)	1.650	1.519	(7,9)	48,7	40,7	(16,4)
CENTRO-SUL	180,2	169,8	(5,8)	1.655	1.513	(8,5)	298,2	256,9	(13,8)
BRASIL	180,2	169,8	(5,8)	1.655	1.513	(8,5)	298,2	256,9	(13,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,4	4,8	(42,9)	881	687	(22,0)	5,5	3,3	(40,0)
PA	7,6	4,4	(41,8)	627	649	3,5	4,8	2,9	(39,6)
TO	0,8	0,4	(50,0)	881	1.110	26,0	0,7	0,4	(42,9)
NORDESTE	43,9	55,6	26,7	470	436	(7,2)	20,6	24,2	17,5
BA	43,9	55,6	26,7	470	436	(7,2)	20,6	24,2	17,5
CENTRO-OESTE	74,1	52,9	(28,6)	2.442	2.138	(12,5)	181,0	113,0	(37,6)
MT	6,2	3,5	(43,5)	2.342	1.915	(18,2)	14,5	6,7	(53,8)
MS	0,8	0,8	-	1.650	1.800	9,1	1,3	1,4	7,7
GO	56,2	39,3	(30,1)	2.496	2.100	(15,9)	140,3	82,5	(41,2)
DF	10,9	9,3	(14,7)	2.280	2.410	5,7	24,9	22,4	(10,0)
SUDESTE	220,7	180,9	(18,0)	1.765	1.523	(13,7)	389,6	275,6	(29,3)
MG	136,6	125,3	(8,3)	1.353	1.135	(16,1)	184,8	142,2	(23,1)
ES	4,1	4,6	12,2	955	1.101	15,3	3,9	5,1	30,8
SP	80,0	51,0	(36,2)	2.511	2.516	0,2	200,9	128,3	(36,1)
SUL	122,9	82,3	(33,0)	1.685	1.795	6,5	207,1	147,7	(28,7)
PR	80,9	52,8	(34,7)	1.482	1.549	4,5	119,9	81,8	(31,8)
SC	32,0	19,5	(39,0)	1.881	1.995	6,1	60,2	38,9	(35,4)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
NORTE/NORDESTE	44,7	60,4	35,1	477	456	(4,5)	26,1	27,5	5,4
CENTRO-SUL	417,7	316,1	(24,3)	1.862	1.697	(8,9)	777,7	536,3	(31,0)
BRASIL	462,4	376,5	(18,6)	1.728	1.498	(13,3)	803,8	563,8	(29,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5,1	3,9	(23,5)	584	666	14,0	3,0	2,6	(13,3)
TO	5,1	3,9	(22,6)	584	666	14,0	3,0	2,6	(13,3)
NORDESTE	385,7	362,4	(6,0)	431	365	(15,2)	166,1	132,4	(20,3)
MA	37,6	19,7	(47,6)	575	490	(14,8)	21,6	9,7	(55,1)
PI	235,3	206,4	(12,3)	385	304	(21,0)	90,6	62,7	(30,8)
BA	112,8	136,3	20,8	478	440	(7,9)	53,9	60,0	11,3
CENTRO-OESTE	6,4	6,3	(1,6)	1.200	1.105	(7,9)	7,7	7,0	(9,1)
MT	6,4	6,3	(1,6)	1.200	1.105	(7,9)	7,7	7,0	(9,1)
SUDESTE	13,8	16,5	19,6	548	548	-	7,6	9,0	18,4
MG	13,8	16,5	19,6	548	548	-	7,6	9,0	18,4
NORTE/NORDESTE	390,8	366,3	(6,3)	433	368	(14,8)	169,1	135,0	(20,2)
CENTRO-SUL	20,2	22,8	12,9	755	702	(7,0)	15,3	16,0	4,6
BRASIL	411,0	389,1	(5,3)	449	388	(13,5)	184,4	151,0	(18,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



6.1.4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	37,7	(13,5)	725	947	30,6	31,7	35,8	12,9
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	7,6	8,2	7,9	605	599	(1,1)	4,6	4,9	6,5
AM	3,3	3,5	6,1	900	900	-	3,0	3,2	6,7
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
TO	21,9	15,2	(30,6)	665	1.195	79,8	14,6	18,2	24,7
NORDESTE	807,0	795,8	(1,4)	410	400	(2,5)	330,6	318,1	(3,8)
MA	51,5	28,5	(44,7)	711	546	(23,2)	36,6	15,6	(57,4)
PI	5,4	5,4	-	545	588	7,9	2,9	3,2	10,3
CE	404,4	424,3	4,9	291	280	(4,1)	117,9	118,6	0,6
RN	45,1	60,7	34,6	382	514	34,6	17,2	31,2	81,4
PB	108,8	105,6	(2,9)	431	503	16,7	46,9	53,2	13,4
PE	131,8	126,3	(4,2)	304	323	6,2	40,1	40,8	1,7
BA	60,0	45,0	(25,0)	1.150	1.233	7,2	69,0	55,5	(19,6)
CENTRO-OESTE	309,6	283,2	(8,5)	1.149	1.312	14,1	355,7	371,6	4,5
MT	242,4	225,1	(7,1)	1.100	1.221	10,9	266,7	274,8	3,0
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	16,3
GO	40,1	31,0	(22,7)	1.333	1.780	33,6	53,4	55,2	3,4
DF	1,1	1,1	-	1.668	2.057	23,3	1,8	2,3	27,8
SUDESTE	138,6	151,1	9,0	1.245	1.424	14,4	172,7	215,2	24,6
MG	116,2	128,6	10,7	1.205	1.428	18,4	140,1	183,6	31,0
ES	8,6	8,5	(1,2)	924	868	(6,1)	8,0	7,4	(7,5)
RJ	0,8	0,5	(37,5)	855	1.221	42,8	0,7	0,6	(14,3)
SP	13,0	13,5	3,8	1.836	1.747	(4,8)	23,9	23,6	(1,3)
SUL	233,9	267,9	14,5	1.391	1.872	34,6	325,3	501,4	54,1
PR	197,3	228,3	15,7	1.353	1.923	42,1	266,9	439,0	64,5
SC	17,3	20,3	17,3	1.533	1.557	1,6	26,5	31,6	19,2
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	(3,4)
NORTE/NORDESTE	850,6	833,5	(2,0)	426	424	(0,4)	362,3	353,9	(2,3)
CENTRO-SUL	682,1	702,2	2,9	1.252	1.550	23,8	853,7	1.088,2	27,5
BRASIL	1.532,7	1.535,7	0,2	793	939	18,3	1.216,0	1.442,1	18,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,8	2,1	16,7	434	520	19,8	0,8	1,1	37,5
PB	1,8	2,1	16,6	434	520	19,8	0,8	1,1	37,5
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	-
SUDESTE	9,7	9,4	(3,1)	814	1.029	26,3	8,0	9,6	20,0
MG	6,4	6,4	-	838	1.099	31,1	5,4	7,0	29,6
ES	2,5	2,5	-	740	810	9,5	1,9	2,0	5,3
RJ	0,8	0,5	(37,5)	855	1.221	42,8	0,7	0,6	(14,3)
SUL	119,8	142,7	19,1	1.427	1.782	24,9	170,9	254,3	48,8
PR	87,1	107,0	22,9	1.369	1.858	35,7	119,2	198,8	66,8
SC	13,4	16,4	22,4	1.476	1.505	2,0	19,8	24,7	24,7
RS	19,3	19,3	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	(3,4)
NORTE/NORDESTE	1,8	2,1	16,7	434	520	19,8	0,8	1,1	37,5
CENTRO-SUL	129,6	152,2	17,4	1.381	1.736	25,7	179,1	264,1	47,5
BRASIL	131,4	154,3	17,4	1.368	1.719	25,7	179,9	265,2	47,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,6	19,1	(11,6)	787	800	1,6	14,0	15,3	9,3
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	5,6	6,2	10,7	592	584	(1,4)	3,3	3,6	9,1
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
TO	1,9	2,1	10,2	641	1.028	60,4	1,2	2,2	83,3
NORDESTE	45,7	43,3	(5,3)	882	978	10,9	40,3	42,3	5,0
CE	4,2	4,1	(2,0)	526	540	2,7	2,2	2,2	-
PB	26,1	24,7	(5,4)	457	580	26,9	11,9	14,3	20,2
PE	5,4	4,5	(16,7)	400	400	-	2,2	1,8	(18,2)
BA	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
CENTRO-OESTE	67,8	103,8	53,1	1.534	1.687	10,0	104,0	175,2	68,5
MT	22,3	58,3	161,4	1.667	1.626	(2,5)	37,2	94,8	154,8
MS	26,0	26,0	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	16,3
GO	19,0	19,0	-	1.680	2.090	24,4	31,9	39,7	24,5
DF	0,5	0,5	-	2.200	2.717	23,5	1,1	1,4	27,3
SUDESTE	128,8	141,6	9,9	1.271	1.450	14,2	164,6	205,4	24,8
MG	109,7	122,1	11,3	1.227	1.445	17,8	134,6	176,4	31,1
ES	6,1	6,0	(1,6)	1.000	892	(10,8)	6,1	5,4	(11,5)
SP	13,0	13,5	3,8	1.836	1.747	(4,8)	23,9	23,6	(1,3)
SUL	114,1	125,2	9,7	1.353	1.974	45,8	154,4	247,1	60,0
PR	110,2	121,3	10,1	1.340	1.980	47,8	147,7	240,2	62,6
SC	3,9	3,9	-	1.728	1.775	2,7	6,7	6,9	3,0
NORTE/NORDESTE	67,3	62,4	(7,3)	851	923	8,5	54,3	57,6	6,1
CENTRO-SUL	310,7	370,6	19,3	1.358	1.694	24,7	423,0	627,7	48,4
BRASIL	378,0	433,0	14,6	1.268	1.583	24,8	477,3	685,3	43,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	22,0	18,6	(15,5)	665	1.099	65,4	17,6	20,5	16,5
AC	2,0	2,0	-	643	645	0,3	1,3	1,3	-
AM	3,3	3,5	6,0	900	900	-	3,0	3,2	6,7
TO	20,0	13,1	(34,4)	667	1.222	83,2	13,3	16,0	20,3
NORDESTE	759,5	750,4	(1,2)	381	366	(4,1)	289,5	274,6	(5,1)
MA	51,5	28,5	(44,7)	711	546	(23,2)	36,6	15,6	(57,4)
PI	5,4	5,4	-	545	588	7,9	2,9	3,2	10,3
CE	400,2	420,2	5,0	289	277	(4,2)	115,7	116,4	0,6
RN	45,1	60,7	34,6	382	514	34,6	17,2	31,2	81,4
PB	80,9	78,8	(2,6)	423	479	13,2	34,2	37,7	10,2
PE	126,4	121,8	(3,6)	300	320	6,7	37,9	39,0	2,9
BA	50,0	35,0	(30,0)	900	900	-	45,0	31,5	(30,0)
CENTRO-OESTE	241,7	179,3	(25,8)	950	1.094	15,2	251,7	196,2	(22,1)
MT	220,1	166,8	(24,2)	1.043	1.079	3,5	229,6	180,0	(21,6)
GO	21,1	12,0	(43,1)	1.020	1.290	26,5	21,5	15,5	(27,9)
DF	0,5	0,5	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	16,7
SUDESTE	0,1	0,1	-	995	1.128	13,4	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	995	1.128	13,4	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	781,5	769,0	(1,6)	389	384	(1,5)	307,1	295,1	(3,9)
CENTRO-SUL	241,8	179,4	(25,8)	950	1.094	15,2	251,8	196,3	(22,0)
BRASIL	1.023,3	948,4	(7,3)	522	518	(0,7)	558,9	491,4	(12,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.4.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	41,0	41,0	-	929	1.023	10,1	38,1	41,9	10,0
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
PA	26,9	26,9	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	(5,4)
TO	11,7	11,7	-	1.233	1.661	34,7	14,4	19,4	34,7
NORDESTE	364,8	364,8	-	339	649	91,4	123,7	236,6	91,3
PE	113,9	113,9	-	562	556	(1,1)	64,1	63,3	(1,2)
AL	33,0	33,0	-	441	486	10,0	14,6	16,0	9,6
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	211,5	211,5	-	208	722	247,6	43,9	152,7	247,8
CENTRO-OESTE	91,8	86,8	(5,4)	2.666	2.695	1,1	244,7	234,0	(4,4)
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	7,7
GO	60,0	55,0	(8,3)	2.900	2.876	(0,8)	174,0	158,2	(9,1)
DF	2,8	2,8	-	2.992	3.106	3,8	8,4	8,7	3,6
SUDESTE	78,0	78,0	-	2.627	2.591	(1,4)	204,9	202,1	(1,4)
MG	65,8	65,8	-	2.663	2.626	(1,4)	175,2	172,8	(1,4)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	(1,3)
SUL	2,2	2,2	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	(12,5)
PR	2,2	2,2	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	(12,5)
NORTE/NORDESTE	405,8	405,8	-	398	686	72,3	161,8	278,5	72,1
CENTRO-SUL	172,0	167,0	(2,9)	2.628	2.624	(0,2)	452,0	438,2	(3,1)
BRASIL	577,8	572,8	(0,9)	1.062	1.251	17,8	613,8	716,7	16,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
PE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.021	2.069	2,4	0,8	0,8	-
BRASIL	17,1	17,1	-	677	671	(0,8)	11,6	11,5	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,3	0,7	(91,6)	802	3.630	352,7	1,9	2,5	31,6
TO	0,7	0,7	-	2.700	3.630	34,4	1,9	2,5	31,6
NORDESTE	313,6	310,0	(1,1)	331	685	107,1	102,5	212,5	107,3
PE	75,4	75,4	-	620	613	(1,1)	46,7	46,2	(1,1)
AL	26,7	26,7	-	450	495	10,0	12,0	13,2	10,0
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	201,5	201,5	-	212	737	247,6	42,7	148,5	247,8
CENTRO-OESTE	91,6	86,6	(5,5)	2.665	2.695	1,1	244,1	233,4	(4,4)
MT	29,0	29,0	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	7,7
GO	60,0	55,0	(8,3)	2.900	2.876	(0,8)	174,0	158,2	(9,1)
DF	2,6	2,6	-	2.997	3.111	3,8	7,8	8,1	3,8
SUDESTE	77,8	77,8	-	2.627	2.595	(1,2)	204,7	201,9	(1,4)
MG	65,6	65,6	-	2.668	2.631	(1,4)	175,0	172,6	(1,4)
SP	12,2	12,2	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	(1,3)
SUL	2,2	2,2	-	1.004	970	(3,4)	2,4	2,1	(12,5)
PR	2,2	2,2	-	1.074	970	(9,7)	2,4	2,1	(12,5)
NORTE/NORDESTE	321,9	310,7	(3,5)	343	692	101,7	104,4	215,0	105,9
CENTRO-SUL	171,6	166,6	(2,9)	2.626	2.625	-	451,2	437,4	(3,1)
BRASIL	493,5	477,3	(3,3)	1.137	1.367	20,2	555,6	652,4	17,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	40,3	40,3	-	898	978	8,9	36,2	39,4	8,8
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
PA	26,9	26,9	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	(5,4)
TO	11,0	11,0	-	1.140	1.536	34,7	12,5	16,9	35,2
NORDESTE	38,1	38,1	-	270	353	30,7	10,3	13,5	31,1
PE	21,8	21,8	-	300	297	(1,0)	6,5	6,5	-
AL	6,3	6,3	-	405	446	10,1	2,6	2,8	7,7
BA	10,0	10,0	-	120	417	247,5	1,2	4,2	250,0
NORTE/NORDESTE	78,4	78,4	-	593	674	13,7	46,5	52,9	13,8
BRASIL	78,4	78,4	-	593	674	13,7	46,5	52,9	13,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019



6.1.4.5. FEIJÃO TOTAL

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	98,1	87,4	(10,9)	797	956	20,0	78,3	83,6	6,8
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	7,6	8,2	7,9	605	599	(1,1)	4,6	4,9	6,5
AM	3,3	3,5	6,1	900	900	-	3,0	3,2	6,7
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
PA	34,5	31,3	(9,3)	778	759	(2,5)	26,9	23,8	(11,5)
TO	39,5	31,2	(21,0)	827	1.303	57,5	32,7	40,6	24,2
NORDESTE	1.601,4	1.578,6	(1,4)	400	451	12,5	641,0	711,2	11,0
MA	89,1	48,2	(45,9)	654	523	(20,0)	58,2	25,2	(56,7)
PI	240,7	211,8	(12,0)	389	311	(19,9)	93,5	65,9	(29,5)
CE	404,4	424,3	4,9	291	280	(4,1)	117,9	118,6	0,6
RN	45,1	60,7	34,6	382	514	34,6	17,2	31,2	81,4
PB	108,8	105,6	(2,9)	431	503	16,7	46,9	53,2	13,4
PE	245,7	240,2	(2,2)	424	433	2,3	104,1	104,1	-
AL	33,0	33,0	-	441	486	10,0	14,6	16,0	9,6
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	428,2	448,4	4,7	438	652	48,9	187,5	292,4	55,9
CENTRO-OESTE	483,1	430,2	(11,0)	1.638	1.691	3,2	791,4	727,4	(8,1)
MT	284,0	263,9	(7,1)	1.237	1.347	8,9	351,3	355,5	1,2
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.520	16,0	35,1	40,7	16,0
GO	156,3	125,3	(19,8)	2.353	2.362	0,4	367,7	295,9	(19,5)
DF	16,0	14,2	(11,3)	2.334	2.484	6,4	37,3	35,3	(5,4)
SUDESTE	460,3	437,5	(5,0)	1.701	1.627	(4,4)	783,0	711,8	(9,1)
MG	339,2	344,4	1,5	1.514	1.495	(1,3)	513,6	514,8	0,2
ES	14,7	15,1	2,7	943	961	1,9	13,9	14,5	4,3
RJ	1,2	1,3	8,3	883	1.030	16,7	1,1	1,3	18,2
SP	105,2	76,7	(27,1)	2.419	2.362	(2,3)	254,4	181,2	(28,8)
SUL	528,8	510,2	(3,5)	1.555	1.757	13,0	822,4	896,3	9,0
PR	399,1	394,2	(1,2)	1.472	1.753	19,1	587,4	691,1	17,7
SC	70,9	59,9	(15,5)	1.797	1.782	(0,9)	127,4	106,7	(16,2)
RS	58,8	56,1	(4,6)	1.830	1.756	(4,0)	107,6	98,5	(8,5)
NORTE/NORDESTE	1.699,5	1.666,0	(2,0)	423	477	12,7	719,3	794,8	10,5
CENTRO-SUL	1.472,2	1.377,9	(6,4)	1.628	1.695	4,1	2.396,8	2.335,5	(2,6)
BRASIL	3.171,7	3.043,9	(4,0)	982	1.028	4,7	3.116,1	3.130,3	0,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	18,5	18,8	1,6	624	625	0,1	11,6	11,8	1,7
PB	1,8	2,1	16,7	434	520	19,8	0,8	1,1	37,5
PE	16,7	16,7	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	(0,9)
CENTRO-OESTE	1,5	1,3	(13,3)	2.033	2.105	3,5	3,1	2,7	(12,9)
MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	1,5	1,3	(13,3)	2.033	2.105	3,5	3,1	2,7	(12,9)
SUDESTE	19,1	20,6	7,9	859	961	12,0	16,5	19,7	19,4
MG	13,4	14,8	10,4	857	971	13,3	11,5	14,3	24,3
ES	4,5	4,5	-	856	910	6,4	3,9	4,1	5,1
RJ	1,2	1,3	8,3	883	1.030	16,7	1,1	1,3	18,2
SUL	289,6	300,5	3,8	1.583	1.662	5,0	458,5	499,4	8,9
PR	205,8	217,9	5,9	1.543	1.684	9,2	317,4	367,0	15,6
SC	35,0	36,5	4,3	1.728	1.669	(3,5)	60,5	60,9	0,7
RS	48,8	46,1	(5,5)	1.652	1.552	(6,1)	80,6	71,5	(11,3)
NORTE/NORDESTE	18,5	18,8	1,6	624	625	0,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	310,2	322,4	3,9	1.541	1.619	5,1	478,1	521,8	9,1
BRASIL	328,7	341,2	3,8	1.489	1.564	5,0	489,7	533,6	9,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	27,4	24,6	(10,2)	781	858	10,0	21,4	21,1	(1,4)
RO	9,4	9,4	-	862	868	0,7	8,1	8,2	1,2
AC	5,6	6,2	10,7	592	584	(1,4)	3,3	3,6	9,1
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AP	1,4	1,4	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	(7,1)
PA	7,6	4,4	(42,1)	627	649	3,5	4,8	2,9	(39,6)
TO	3,4	3,2	(5,9)	1.121	1.607	43,3	3,8	5,1	34,2
NORDESTE	399,6	408,9	2,3	409	682	66,8	163,4	279,0	70,7
CE	4,2	4,1	(2,4)	526	540	2,7	2,2	2,2	-
PB	26,1	24,7	(5,4)	457	580	26,9	11,9	14,3	20,2
PE	80,8	79,9	(1,1)	605	601	(0,7)	48,9	48,0	(1,8)
AL	26,7	26,7	-	450	495	10,0	12,0	13,2	10,0
SE	6,4	6,4	-	166	711	328,3	1,1	4,6	318,2
BA	255,4	267,1	4,6	342	737	115,4	87,3	196,7	125,3
CENTRO-OESTE	233,5	243,3	4,2	2.266	2.144	(5,4)	529,1	521,6	(1,4)
MT	57,5	90,8	57,9	1.983	1.857	(6,4)	114,0	168,6	47,9
MS	26,8	26,8	-	1.310	1.520	16,0	35,1	40,7	16,0
GO	135,2	113,3	(16,2)	2.561	2.475	(3,3)	346,2	280,4	(19,0)
DF	14,0	12,4	(11,4)	2.410	2.569	6,6	33,8	31,9	(5,6)
SUDESTE	427,3	400,3	(6,3)	1.776	1.706	(4,0)	758,9	682,9	(10,0)
MG	311,9	313,0	0,4	1.585	1.569	(1,0)	494,4	491,2	(0,6)
ES	10,2	10,6	3,9	982	983	0,1	10,0	10,5	5,0
SP	105,2	76,7	(27,1)	2.419	2.362	(2,3)	254,5	181,2	(28,8)
SUL	239,2	209,7	(12,3)	1.521	1.893	24,4	363,9	396,9	9,1
PR	193,3	176,3	(8,8)	1.396	1.838	31,6	270,0	324,1	20,0
SC	35,9	23,4	(34,8)	1.864	1.958	5,0	66,9	45,8	(31,5)
RS	10,0	10,0	-	2.700	2.700	-	27,0	27,0	-
NORTE/NORDESTE	427,0	433,5	1,5	433	692	60,0	184,8	300,1	62,4
CENTRO-SUL	900,0	853,3	(5,2)	1.835	1.877	2,2	1.651,9	1.601,4	(3,1)
BRASIL	1.327,0	1.286,8	(3,0)	1.384	1.478	6,8	1.836,7	1.901,5	3,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	70,7	62,8	(11,2)	803	994	23,8	56,8	62,5	10,0
RR	2,4	2,4	-	650	666	2,5	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	643	645	0,3	1,3	1,3	-
PA	26,9	26,9	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	(5,4)
TO	36,1	28,0	(22,4)	799	1.268	58,6	28,8	35,5	23,3
NORDESTE	1.183,3	1.150,9	(2,7)	394	365	(7,3)	465,9	420,5	(9,7)
MA	89,1	48,2	(45,9)	654	523	(20,0)	58,2	25,3	(56,5)
PI	240,7	211,8	(12,0)	389	311	(19,9)	93,5	65,9	(29,5)
CE	400,2	420,2	5,0	289	277	(4,2)	115,7	116,4	0,6
RN	45,1	60,7	34,6	382	514	34,6	17,2	31,2	81,4
PB	80,9	78,8	(2,6)	423	479	13,2	34,2	37,7	10,2
PE	148,2	143,6	(3,1)	300	317	5,5	44,4	45,5	2,5
AL	6,3	6,3	-	405	446	10,1	2,6	2,8	7,7
BA	172,8	181,3	4,9	579	528	(8,9)	100,1	95,7	(4,4)
CENTRO-OESTE	248,1	185,6	(25,2)	1.045	1.094	4,7	259,4	203,2	(21,7)
MT	226,5	173,1	(23,6)	1.047	1.080	3,1	237,3	187,0	(21,2)
DF	0,5	0,5	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	16,7
SUDESTE	13,9	16,6	19,4	551	551	0,1	7,7	9,1	18,2
MG	13,9	16,6	19,4	551	551	0,1	7,7	9,1	18,2
NORTE/NORDESTE	1.254,0	1.213,7	(3,2)	417	398	(4,6)	522,7	483,0	(7,6)
CENTRO-SUL	262,0	202,2	(22,8)	1.019	1.050	3,0	267,1	212,3	(20,5)
BRASIL	1.516,0	1.415,9	(6,6)	521	491	(5,8)	789,8	695,3	(12,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



6.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, O plantio de girassol foi finalizado na metade de março e a projeção de grande redução de área foi confirmada. A área plantada é calculada em 37,9 mil hectares, retração de 37,4% em relação aos 60,5 mil hectares plantados no último ciclo, visto que a cultura perdeu espaço para o algodão e o milho segunda safra. As lavouras se encontram predominantemente em desenvolvimento vegetativo. Praticamente toda a produção da safra já foi previamente comercializada.

Figura 32- Lavoura de girassol em fase vegetativa em Diamantino - MT



Fonte: Conab.

Em Goiás há tendência de retração de 9,9% na área plantada. Em torno de 20 mil hectares a serem cultivados, visto que 19,7 mil hectares já estão contratados. A expectativa de rendimento é apontada em torno de 1.579 kg/ha e os produtores já têm uma produção de 1.500 kg/ha com a compra garantida.

Plantio se deu em fevereiro 40% e março 60%. Colheita 90% em junho e 10% em julho.

O plantio é com a venda garantida por meio de contrato. Custeio geralmente feito por revendas de insumos (50%) e recursos próprios (50%).

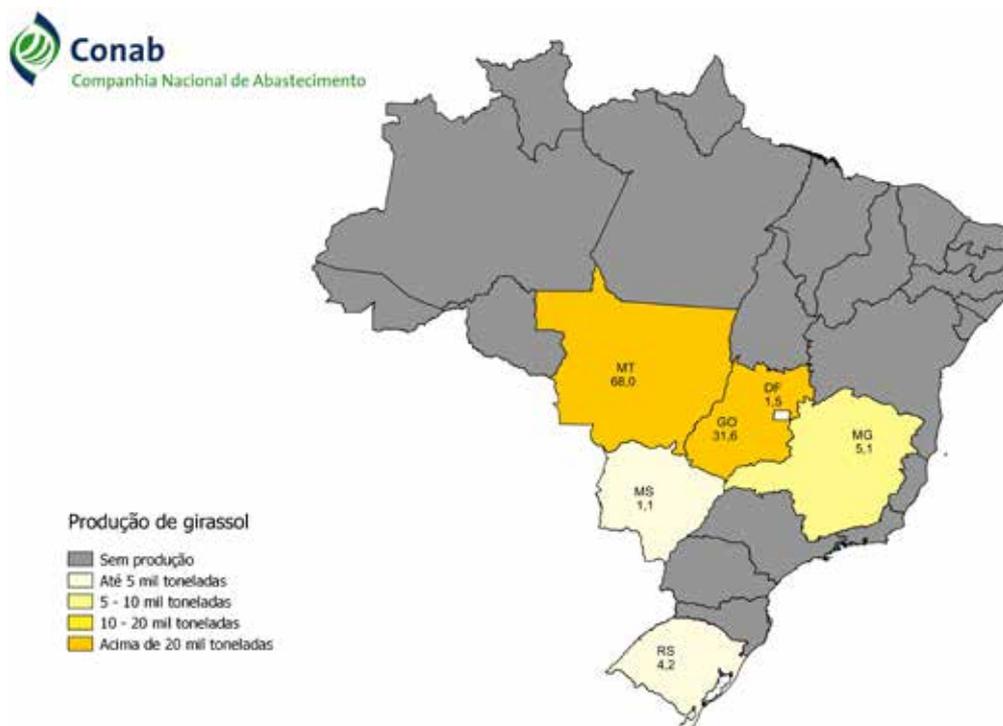
As variedades mais cultivadas no estado de Goiás se resume basicamente em duas cultivares, híbrido Sany 66 (40%) e híbrido Altis 99 (60%). Todas convencionais, ou seja, não transgênicas, e variedades de ciclo precoce, cerca de 50-58 dias para florescimento e 110-125 dias para ponto de colheita. Estas sementes vêm da Bolívia e/ou Argentina.

Em Minas Gerais, estima-se significativa redução na área de plantio de girassol na safra atual, que está 54,4% menor, partindo de 8,1 mil hectares para 3,7 mil hectares. Esse processo de declínio vem ocorrendo desde a safra anterior nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A cultura apresentou expansão significativa na transição da safra 2015/16 para a safra 2016/17, especialmente nessas mesmas regiões, quando os produtores, motivados pelos bons preços e pela formalização de contratos de comercialização, optaram por investir na cultura. Após esse período houve descontinuidade desses contratos, gerando desmotivação por parte dos produtores, com reflexos na redução de áreas, observadas nas últimas duas safras. Além desse fator, produtores estão investindo em culturas de maior rentabilidade e liquidez como milho e sorgo, que ocuparão as áreas que eram destinadas à oleaginosa.



Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Girassol



Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	84,1	59,3	(29,5)	1.526	1.722	12,9	128,3	102,2	(20,3)
MT	60,5	37,9	(37,4)	1.685	1.794	6,5	101,9	68,0	(33,3)
MS	0,7	0,7	-	1.100	1.527	38,8	0,8	1,1	37,5
GO	22,2	20,0	(9,9)	1.080	1.579	46,2	24,0	31,6	31,7
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
SUDESTE	8,1	3,7	(54,3)	1.052	1.371	30,3	8,5	5,1	(40,0)
MG	8,1	3,7	(54,0)	1.052	1.371	30,3	8,5	5,1	(40,0)
SUL	3,3	2,8	(15,2)	1.626	1.500	(7,7)	5,4	4,2	(22,2)
RS	3,3	2,8	(15,0)	1.626	1.500	(7,7)	5,4	4,2	(22,2)
CENTRO-SUL	95,5	65,8	(31,1)	1.489	1.693	13,7	142,2	111,5	(21,6)
BRASIL	95,5	65,8	(31,1)	1.489	1.693	13,7	142,2	111,5	(21,6)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.6. MAMONA

A estimativa para a safra 2018/19 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 46,4 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivale a um aumento de 45,9% na área.

Na Bahia, com lavouras localizadas exclusivamente no centro norte, conduzidas por pequenos e médios produtores, apresenta lavouras remanescentes da safra passada e lavouras novas recém-plantadas, já no estágio de desenvolvimento vegetativo.



Estima-se o cultivo de 43,2 mil hectares, com a produção de 28 mil toneladas de grãos de mamona. Essa estimativa de produção é 64,7% maior que a produção da safra passada. A área cultivada aumentou 60% e espera-se o rendimento de 639 kg/ha (10,65 scs/ha).

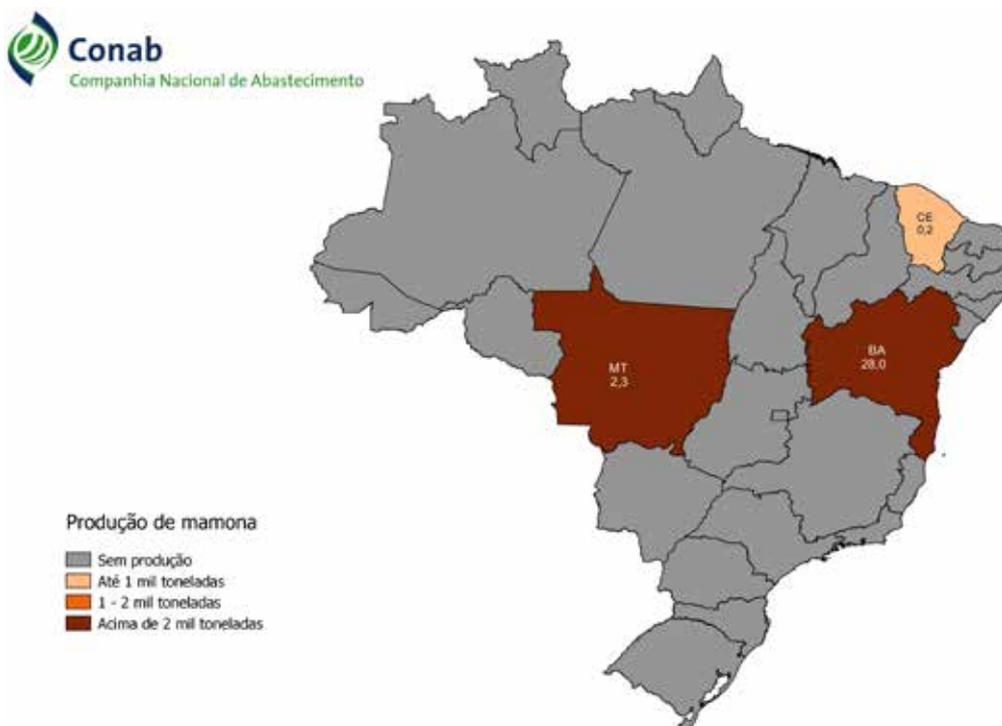
Em Mato Grosso, a cultura é cultivada de forma restrita a poucos produtores, limitando-se a 2,3 mil hectares, visto que o plantio já se encontra finalizado. Houve redução da área destinada à cultura no momento do plantio, em que se projetava inicialmente área um pouco maior. A produtividade média projetada é de 1.000 kg/ha. A produção estadual deverá ser de 2,3 mil toneladas.

Figura 34- Lavoura de mamona em fase vegetativa em Juscimeira - MT



Fonte: Conab.

Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	29,0	44,1	52,1	606	641	5,9	17,5	28,2	61,1
CE	2,0	0,9	(55,7)	262	257	(1,9)	0,5	0,2	(60,0)
BA	27,0	43,2	60,0	631	649	2,9	17,0	28,0	64,7
CENTRO-OESTE	2,7	2,3	(14,8)	900	1.000	11,1	2,4	2,3	(4,2)
MT	2,7	2,3	(14,4)	900	1.000	11,1	2,4	2,3	(4,2)
SUDESTE	0,1	-	(100,0)	896	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MG	0,1	-	-	896	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	29,0	44,1	52,1	606	641	5,9	17,5	28,2	61,1
CENTRO-SUL	2,8	2,3	(17,9)	900	1.000	11,1	2,5	2,3	(8,0)
BRASIL	31,8	46,4	45,9	631	659	4,3	20,0	30,5	52,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.7. MILHO

Para esta temporada, observou-se uma redução na área plantada do milho primeira safra de 1,3% em relação à safra passada, totalizando 5,018,5mil hectares. O acompanhamento da evolução das áreas semeadas e as condições de desenvolvimento do milho em cada estado são descritas a seguir. O somatório das produ-

ções, relacionado à primeira e segunda safras, totalizam nesse levantamento 94 milhões de toneladas, representando acréscimo de 16,5% em relação à safra passada, tornando-se a segunda maior safra produzida no país.

6.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Em Rondônia, a área estimada para a safra 2018/19 é de 12.607 hectares, representando redução de 56,6% se comparada à safra anterior. A produtividade gira em torno de 2.471 kg/ha e o baixo rendimento é justificado pelo fato da cultura, de forma geral, não receber os tratamentos adequados relacionados ao uso de calcário, fertilizantes e poucos produtores fazem o controle de pragas. A produção no estado deverá atingir 31.151 toneladas.

mente 11,52% da expectativa total de área a ser plantada, podendo essa porcentagem ser bem maior, caso não haja outras políticas de fomento.

No Amazonas, a área plantada deverá atingir um total de 11,0 mil hectares, resultando num acréscimo de 36% em relação ao levantamento anterior. A expectativa é de uma produção total de 27,5 mil toneladas de milho em grão, levando a produtividade média do estado a aproximadamente 2,5 t/ha. Nos últimos dois anos, ganhou força no estado o Programa de Aquisição de Alimentos, modalidade Aquisição de Sementes, operacionalizado pela Conab, com apoio da Secretaria de Produção Rural do Amazonas (Sepror), a qual é a responsável por levantar a demanda e distribuir as sementes adquiridas. Foram entregues em fevereiro, o quantitativo de 18.660 kg de sementes de milho da variedade BRS 4103, que estão sendo distribuídas aos agricultores familiares de 46 municípios do Amazonas. Considerando a média de plantio das sementes (20 Kg/ha), a Conab deverá fomentar aproxima-

Em Tocantins, houve uma grande redução da área de milho de primeira safra. Os baixos preços praticados por ocasião do plantio, o alto custo de produção e os elevados estoques do grão, não estimularam os produtores ao plantio desta lavoura, contribuindo para uma migração acima do esperado para o plantio da soja. O início antecipado das chuvas e a aceleração do plantio da soja também colaboram para essa expectativa de redução de área, pois os produtores tiveram uma maior janela de plantio para a leguminosa. Com relação aos agricultores familiares a expectativa de redução de área, ocorreu principalmente devido à diminuição na distribuição de sementes pelos órgãos governamentais de extensão rural.

No Maranhão as lavouras de verão, conduzidas tradicionalmente durante o período chuvoso que vai de novembro a março, nos diversos sistemas produtivos no estado, apresenta baixo nível tecnológico e são conduzidos na sua maior parte por agricultores familiares. Nesse levantamento foi evidenciada uma redução da área plantada de 28,7% em relação à safra 2017/18, que deverá ser melhor diagnosticada nos pró-



ximos levantamentos.

No Piauí a área de milho primeira safra teve uma redução de 10,1% em relação ao ano passado, devendo atingir 382,3 mil hectares. Esta variação na área plantada possui dois componentes, i) redução da área informada anteriormente da agricultura familiar e ii) aumento na área da agricultura empresarial da ordem de 9%. Desta forma, a produtividade média esperada para a cultura no estado gira em torno dos 3.359 kg/ha, aumento de 11,9% em relação à expectativa inicial, já que aumentou a participação da agricultura empresarial, que apresenta maior produtividade. O plantio do milho teve início na última quinzena de novembro e estendeu-se até o início de janeiro na região sudoeste piauiense encerrando na primeira quinzena de fevereiro na região norte. O veranico que atingiu o estado a partir do dia 11 de dezembro de 2018 e estendeu-se em algumas regiões por um período médio de 30 dias, afetou o desenvolvimento das lavouras, que apresentam as seguintes condições: 75% boas, 20% regulares e 5% ruins. Houve melhora nas condições gerais das lavouras após o veranico de dezembro e janeiro. As lavouras encontram-se predominantemente na fase de maturação, com a área distribuída da seguinte forma: 3% em estágio vegetativo, 10% em floração, 40% em frutificação e 47% em maturação. A colheita do milho de primeira deverá iniciar a partir de abril na região sudoeste e a partir de junho e julho na região norte.

Na Bahia, o cultivo do milho primeira safra é conduzido por produtores de todos os perfis e a lavoura se encontra em fase reprodutiva, com o enchimento dos grãos. Há indicativos do cultivo de até 10 mil hectares irrigados em sucessão as lavouras de soja irrigadas, fortemente influenciado pelas cotações locais do cereal, e este plantio representa menos de 4,0% do total de cultivo de milho no estado. Estima-se o cultivo de 361,3 mil hectares com a produção de 1,3 milhão de toneladas, obtendo-se o rendimento de 3.616 kg/ha. Esta estimativa de produção é 37,6% menor que a produção finalizada em 2017/18, sendo que a área cultivada reduziu 5% (20,4 mil hectares) e a produtividade recuou 34,3%. A redução da área deve-se principalmente a mudança do manejo de pequenos produtores no extremo oeste, que realizavam o plantio do milho em consórcio com feijão caupi, passando a cultivar o caupi de forma solteira devido a baixa produtividade alcançada. A queda na produtividade deve-se aos baixos rendimentos obtidos em todo o estado, devido ao impacto severo dos veranicos de dezembro e janeiro sobre as lavouras.

Estima-se que 12% da área cultivada no oeste seja conduzida por pequenos produtores e outros 88% cultivados por médios e grandes produtores. No oeste

a colheita de milho se aproxima de 10% da área cultivada e deve se estender até maio.

Em Mato Grosso, a área de milho primeira safra é resrita ao plantio para atendimento ao mercado interno, e obteve aumento de 37,1% em relação à última safra, com elevação de 27,2 mil hectares para 37,3 mil hectares. Apesar da alta taxa percentual, a quantidade produzida é bastante reduzida em relação ao montante que se planta na segunda safra. O rendimento médio é estimado em 7.019 kg/ha, e sua colheita foi finalizada em março.

Em Mato Grosso do Sul, o clima e demais fatores não causaram problemas significativos a lavoura, como ocorreu com a cultura da soja, em decorrência das lavouras do cereal terem sido plantadas mais tardiamente. A média de produtividade estimada foi de 8.200 kg/ha, em uma área de aproximadamente 17 mil hectares. Praticamente todas as lavouras já foram colhidas, e a maioria do produto foi comercializado.

Em Goiás, as áreas de milho verão, com destinação à produção de grão vêm reduzindo a cada safra. A logística toda nesta safra é voltada para a soja principalmente a rede de armazenagem, que não cede espaço para receber o milho verão. No momento, a maioria das áreas de milho verão estão na fase de maturação. Na região sul a colheita está prevista para abril. Na região leste, o milho primeira safra, em sua totalidade, apresenta-se em fase de maturação, e devido à falta de chuvas na fase de enchimento de grãos, a lavoura deverá apresentar perdas no rendimento. Muitas áreas de milho verão são destinadas para a produção de silagem. Dependendo da qualidade e desenvolvimento das lavouras inicialmente destinadas à produção de grãos, também poderão resultar em silagem.

No Distrito Federal, as lavouras se encontram em estágio final de maturação e início de colheita e algo próximo a 30% já foi colhido. Grande parte deste montante colhido foi destinado ao consumo dos produtores detentores de granjas, não impactando, portanto, os mercados atacadista e varejista local. A produtividade média estimada foi de 8.100 kg/ha, uma idêntica à safra passada, que poderá resultar em uma produção de 216.270 toneladas, 4% inferior a produzida na safra anterior. A área semeada foi de 26.700 hectares, apresentando redução de 4% se comparada a safra anterior.

Em Minas Gerais, a área de plantio de milho na safra de verão é 9,3% menor que a safra anterior em razão do aumento das áreas de plantio com soja, pela maior rentabilidade e liquidez em comparação com o cereal, que também apresenta custo de produção bem superior ao custo de produção da oleaginosa. Estima-se



produtividade média de 6.107 kg/ha, redução de 6,5% em relação à safra passada. A elevação da temperatura e a descontinuidade das chuvas entre o final de dezembro de 2018 e janeiro de 2019 foram a causa da reavaliação para baixo da produtividade estimada na abertura da safra. As lavouras encontram-se predominantemente nas fases de maturação e colheita.

Em São Paulo, a área plantada está estimada em 350,4 mil hectares, representando redução de 0,4% em relação ao exercício anterior. A exemplo do que ocorreu com outras culturas no estado, as condições climáticas adversas durante o desenvolvimento vegetativo sinalizam, até o momento, forte quebra na produtividade das lavouras, estimando-se atingir 13,9% em relação ao exercício passado.

No Paraná, estima-se que a colheita do milho tenha alcançado 77% da área de 357.604 hectares. A produtividade, até o momento é de 8.714kg/ha, ou seja, praticamente a mesma da safra anterior. A safra de milho foi a menos afetada pelo clima seco em razão do plantio ser concentrado em regiões de elevada altitude, e o clima ameno contribuiu para a manutenção da umidade no solo e nas plantas, diminuindo o déficit hídrico. As lavouras afetadas foram as precoces, que se encontravam, em novembro e dezembro, nos estágios de florescimento/polinização. Com a regularização das chuvas neste ano, as lavouras reagiram bem e grande parte se recuperou. Em cultivos mais tardios têm se observado uma produtividade normal. Em comparação à safra anterior, a expectativa da produção é de aumento de 8%.

Em Santa Catarina, o censo agropecuário alterou áreas plantadas com milho, em alguns municípios produtores. No entanto, após a contabilização das áreas, o resultado praticamente permaneceu inalterado em relação ao obtido no levantamento anterior, apresentando leve acréscimo de 900 hectares na área total. Em comparação com a safra 2017/18, o aumento na

produção esperada foi de 11,2 % com incremento no rendimento de 5,9% e a área semeada em 5%. Os estádios atuais da cultura são 3% em granação, 31% em maturação e 66% colhidos. O produto colhido apresenta-se em boa qualidade, com raras exceções em algumas praças onde as chuvas ocorridas nos últimos dias vem causando alguns transtornos.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas ocorridas em março permitiram que a colheita evoluísse bastante, chegando a 69% do total cultivado. A região noroeste rio-grandense apresenta a maior proporção colhida, com várias microrregiões já tendo atingido a totalidade. Nessa região, restam somente as lavouras semeadas mais tarde, em sucessão ao fumo, milho silagem, feijão, etc. Já, as regiões central, com 40%, sul com 20% e nordeste rio-grandense com 30% são as que se apresentam mais atrasadas. Em geral, com o início da colheita da soja, as operações com milho são suspensas, uma vez que as máquinas e estruturas de recebimento são as mesmas, retornando somente após o término da soja. O produto colhido apresenta ótima qualidade, colhido em sua maioria em fevereiro, mês em que houve muitos dias ensolarados com temperaturas variando de 35 a 40°, que acelerou a secagem no campo e facilitou a colheita. A produtividade, em função da distribuição regular de chuvas durante o ciclo da cultura, com poucos períodos de estiagem, deve ser significativamente superior à safra anterior, com aumento previsto de 15,4%. Assim, com uma produtividade de 7.651 kg/ha associada ao aumento de área, deve ser produzido quase 20% a mais que na safra 2017/18. Além disso, essa produtividade passa a ser o recorde para o milho no estado. Além do já citado, condições meteorológicas favoráveis, a grande presença de irrigação por pivô central tem sido um grande impulsionador do aumento da produtividade no estado. Mesmo assim, em condições de sequeiro, as médias de produtividade tem ficado 10 a 15% superiores ao verificado na safra anterior em todo o noroeste do estado, maior região produtora.

6.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Com relação ao milho segunda safra, nesta temporada com a antecipação do plantio da soja em importantes estados produtores, se observou o simultâneo adiantamento do plantio do milho segunda safra.

Na Região Sul, as condições meteorológicas atuais no estado do Paraná são favoráveis à implantação da segunda safra de milho, com o retorno das chuvas alternadas com períodos de calor, devendo auxiliar as lavouras na obtenção de boas produtividades. Os levantamentos iniciais apontam para uma área total a ser cultivada de 2,23 milhões de hectares. A área é

superior à da safra passada em 6%, que apresentou.

Na Região Norte/Nordeste do país, a área cultivada de milho está estimada em 1.217 mil hectares, com produtividade aproximada de 3.393 kg/ha, resultando em produção de 3.277 mil toneladas.

Em Tocantins, o plantio já foi realizado em mais de 98% da área prevista. O grande parque de máquinas estadual e o plantio direto contribuíram para a rapidez do plantio. Nesta safra houve considerável aumento da área cultivada com o milho segunda safra,



justificado por fatores como o adiantamento da colheita da soja, fazendo com que se estendesse a janela de plantio, e pelo clima favorável, com chuvas ainda regulares. Outro fator observado, especialmente no município de Campos Lindo, onde houve grande aumento da área destinada ao milho segunda safra, foi a decisão de produtores em semear o cereal como forma de amenizar prejuízos que tiveram com a soja, uma vez que com janela de plantio e grande potencial de maquinário, o plantio ocorreu de forma rápida. As lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo e início de pendramento, e estão com excelente desenvolvimento, com potencial produtivo superior ao da safra anterior. As chuvas bem distribuídas e as altas temperaturas colaboram para isso.

No Maranhão, as lavouras de milho devem experimentar incrementos na área plantada, de 11,8% em relação à safra anterior. Tal incremento da área seme-

Figura 36 - Lavoura de milho em Brejinho de Nazaré – TO



Fonte: Conab.

ada, segundo nossos colaboradores, foi fortemente influenciado pelos déficits hídricos - veranicos, ocorridos nas regiões sul e central do estado, que favoreceram o aumento da área plantada de milho segunda safra, como forma de atenuar os impactos resultantes das perdas com a lavoura de soja.

No Piauí, haverá aumento de área da ordem de 5,7% em relação à safra anterior, com a expectativa de área atingindo 66.818 hectares. Contribuiu para este aumento de área a antecipação do período chuvoso que conseqüentemente antecipa o plantio da soja proporcionando assim uma maior janela de plantio para esta cultura com relação à safra passada. Com a normalização das chuvas na região do cerrado piauiense o plantio do milho safrinha teve início na segunda quinzena de janeiro e espera-se encerrar até o final de março. Atualmente 88% da área esperada já encontra-se plantada e o clima tem sido favorável para o início do desenvolvimento da cultura que encontra-se 84% na fase de desenvolvimento vegetativo, 13% em floração/frutificação e 3% em maturação. A expectativa de produtividade gira em torno dos 4.409 kg/ha.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, o plantio já foi encerrado, com as condições climáticas se apresentando excelentes para a cultura. O plantio

Figura 37 - Milho em estágio reprodutivo no município de Corrente – PI



Fonte: Conab.

foi realizado na janela ideal, e isso deverá impulsionar a produtividade média regional por conta também do maior emprego de tecnologia.

Em Mato Grosso, o milho segunda safra encontra-se com plantio encerrado desde meados de março. O clima favorável ofereceu oportunidade de semeadura para maior parte da safra dentro da janela ideal de plantio. A maior parte das lavouras encontra-se em fase de floração, e o desenvolvimento é considerado excelente até o momento, tendo em vista a elevada umidade do solo, como decorrência do volume de chuvas abundante e generalizado que incide sobre o estado desde o início da safra. A produtividade média está projetada em 6.150 kg/ha, 4,9% acima dos 5.860 kg/ha obtidos no ciclo passado. O regime de chuvas de abril deverá ser determinante para o resultado da presente safra, sendo que o quadro neste momento é bastante positivo. Eventual excesso de chuvas em abril pode ser prejudicial, ao promover, caso ocorra, em casos pontuais a lixiviação de fertilizantes. O espaço destinado ao milho obteve incremento de 7,1%, partindo de 4.471,2 mil para 4.788,7 mil hectares, havendo relato de casos em que houve extensão do plantio além do prazo da janela, de forma pontual, devido ao otimismo em relação ao clima.

Em Mato Grosso do Sul, houve forte plantio do cereal em janeiro devido à antecipação da colheita da soja em comparação com safras anteriores. As chuvas frequentes em fevereiro fizeram o ritmo descolar um pouco da colheita, uma vez que se consegue retornar o plantio cerca de 1,5 dia após o sol abrir, para o retorno das semeadoras ao campo. O zoneamento agroclimático para a cultura do milho no Mato Grosso do Sul encerrou-se no último dia 20 de março e poucos produtores arriscarão semeadura fora do período reco-



mentado, devendo apenas concluir as áreas que já estavam planejadas e com os insumos adquiridos e que tiveram os trabalhos atrasados em consequência das chuvas. Quanto à área semeada de milho, aproximadamente 95% já havia sido plantada em fins de março. Deste total, 5% das lavouras estavam em germinação, 70% em fase de desenvolvimento vegetativo, 20% em floração e 5% em enchimento de grãos. O pacote tecnológico médio do milho manteve-se semelhante a safra passada, sendo caracterizado pelo uso de sementes de híbridos simples na sua maioria, seguido de híbrido triplo e híbrido duplo, mais o emprego de adubação média de 250 kg/ha da fórmula 10-15-15 e uma aplicação de fungicida na altura da última entrada do trator. Esta tecnologia permite uma expectativa de produtividade média de aproximadamente 100 sacas por hectare, considerando a manutenção das condições climáticas por todo o ciclo da cultura. No geral, as lavouras estão com um bom crescimento e desenvolvimento no estado. O manejo das lavouras têm relação direta com o desempenho das culturas em campo. Desta forma, atualmente os produtores estão investindo bem em adubações e controles de pragas e doenças dada a expectativa de alta produtividade. Em Goiás, as áreas de milho segunda safra estão muito bem desenvolvidas no estado e a expectativa é de uma boa produção se as chuvas persistirem por mais

Figura 38 - Milho segunda safra em espigamento consorciado com Brachiaria em Sidrolândia - MS



Fonte: Conab.

30 dias. Lavouras em geral estão em fase final de desenvolvimento vegetativo e início da fase reprodutiva. A janela de zoneamento ideal para o plantio de milho se estendeu até o dia 20 de fevereiro. Os plantios após esta data dificilmente obtêm financiamento e seguro rural. A expectativa é que ocorra uma recuperação da produtividade neste ano.

Na Região Sudeste estima-se um aumento de 0,4% na área de plantio de milho segunda safra em comparação com a safra anterior em razão dos bons preços do produto no mercado, além do cenário favorável do

clima nos estados produtores, São Paulo e Minas Gerais. Em São Paulo, há uma sinalização para a redução na área plantada, estimando-se em 4,8% quando se compara com o executado no exercício anterior, apesar da expectativa de boa produtividade em razão das boas condições do clima. Se observa que o sorgo vem ganhando espaço, devido à maior resistência das lavouras e também ao fato do produto apresentar custo de produção menor que o milho. Em Minas Gerais, estima-se um aumento de 8,6% na área de plantio de milho em comparação com a safra anterior. O bom volume de chuvas em fevereiro e março gera a expectativa de boas produtividades, cuja média esperada é de 5.663 kg/ha. As lavouras se encontram com bom desenvolvimento, mas o plantio encontra-se atrasado em razão dessa condição chuvosa, que limita as operações de colheita pelo encharcamento do solo. Os preços praticados são remuneradores, sendo também um importante fator para o incremento de área.

Na Região Sul o calendário de plantio no Paraná, apresenta-se desuniforme nesta safra. Enquanto as regiões oeste e sudoeste estão com a safra bem

Figura 39 - Lavoura de milho segunda safra em Pedro Soares - MG

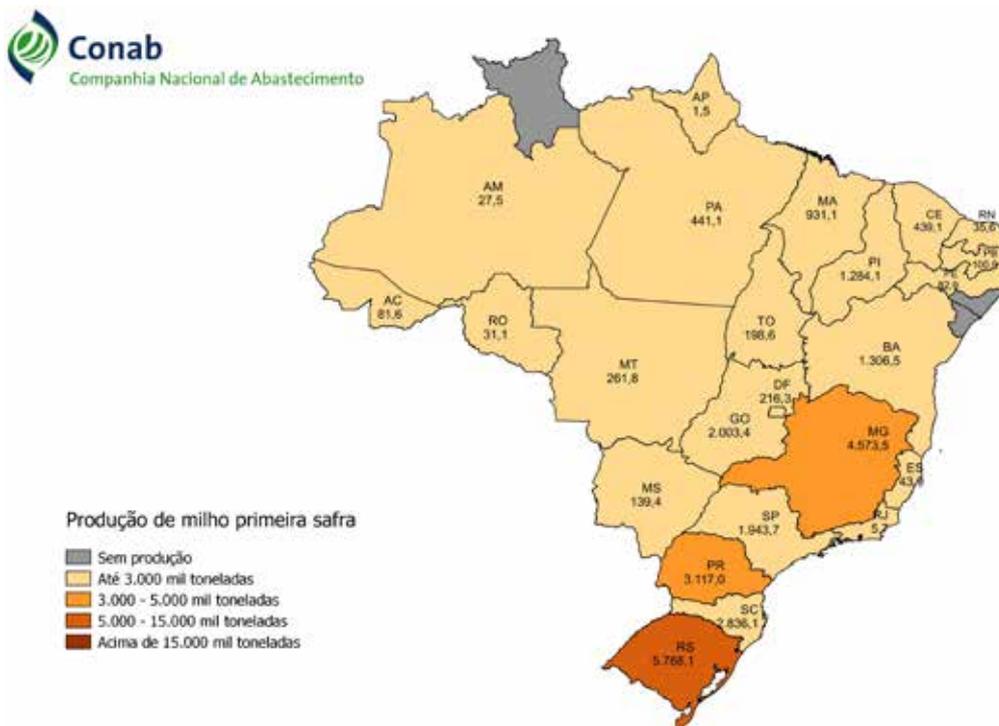


Fonte: Conab.

adiantada, com boa parte das lavouras já em fase de enchimento de grãos, o norte central e norte pioneiro do estado ainda estão com mais de 90% das plantações ainda em desenvolvimento vegetativo, mais atrasadas que o normal. Durante março, o clima foi bastante favorável para as lavouras. As temperaturas mantiveram-se elevadas e as chuvas foram regulares até o final do mês. Atualmente o rendimento estimado é de 5.719 kg/ha, 33,9% superior à safra passada. Houve forte quebra de produtividade em 2018 devido a uma estiagem superior a 50 dias que assolou a região produtora nas fases de maior demanda hídrica. A área de 2,23 milhões de hectares é superior em 6% à área semeada em 2018, mas ainda abaixo dos 2,4 milhões de hectares colhidos em 2017.

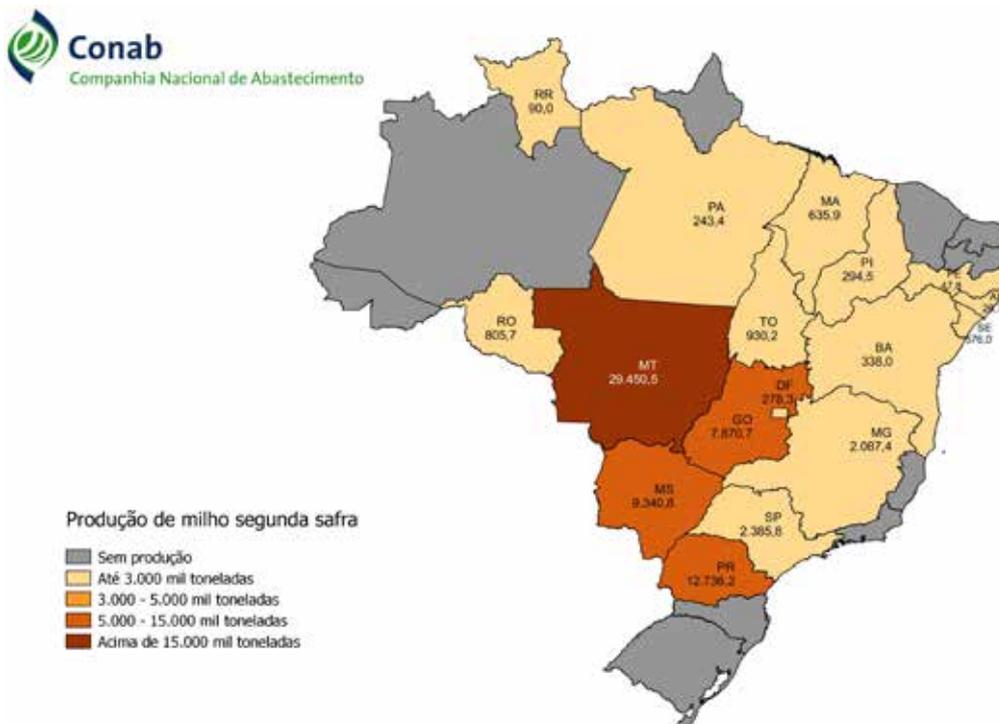


Figura 40 - Mapa da produção agrícola - Milho primeira safra



Fonte: Conab.

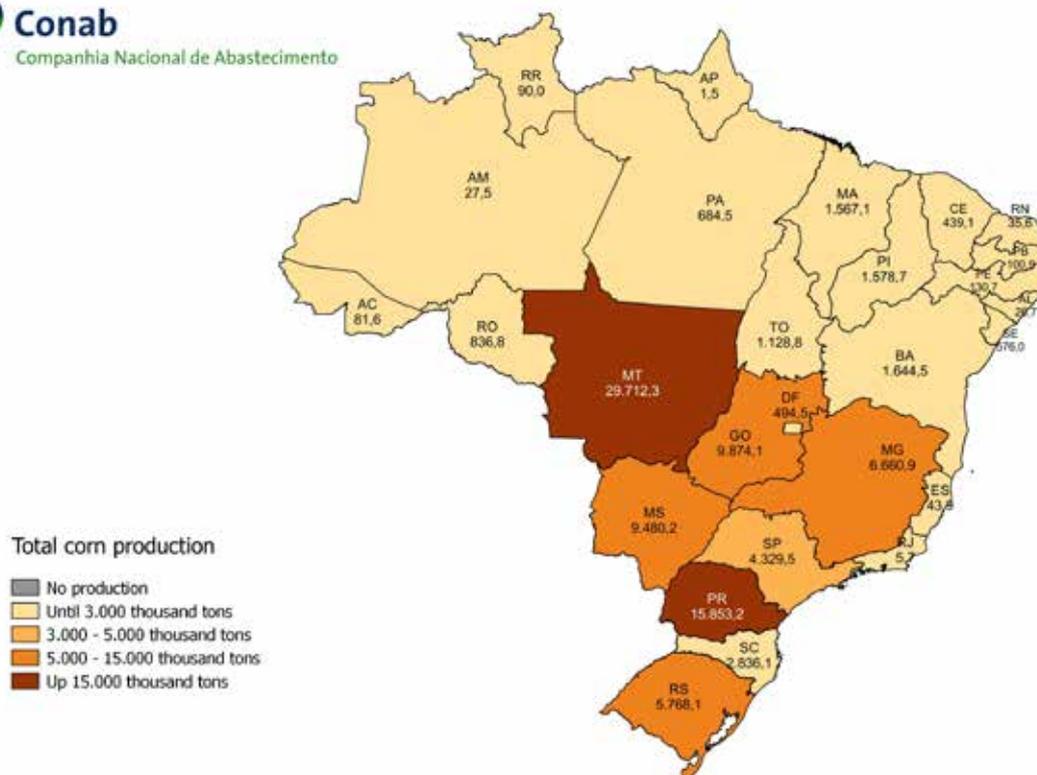
Figura 41 - Mapa da produção agrícola - Milho segunda safra



Fonte: Conab.



Figura 42 - Mapa da produção agrícola - Milho total



Fonte: Conab.

Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraibano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Agreste Paraibano									P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertão Pernambucano								PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M	M/C	C						
DF	Distrito Federal			PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paraiba			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
RS	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
TO	Oriental do Tocantins - TO	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MA	Sul Maranhense - MA	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Agreste Pernambucano - PE	FR/M	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - GO	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - GO					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - MG	C					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
SP	Assis - SP					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Itapetininga - SP					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	290,9	251,4	(13,6)	3.302	3.108	(5,9)	962,0	781,4	(18,8)
RO	29,1	12,6	(56,6)	2.471	2.471	-	71,9	31,1	(56,7)
AC	31,0	32,0	3,2	2.616	2.549	(2,6)	81,1	81,6	0,6
AM	8,1	11,0	36,0	2.560	2.500	(2,3)	20,7	27,5	32,9
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	167,9	156,7	(6,7)	3.286	2.815	(14,3)	551,7	441,1	(20,0)
TO	53,2	37,5	(29,6)	4.417	5.296	19,9	235,0	198,6	(15,5)
NORDESTE	1.937,2	1.859,1	(4,0)	2.889	2.249	(22,2)	5.596,0	4.180,2	(25,3)
MA	311,0	221,7	(28,7)	4.854	4.200	(13,5)	1.509,6	931,1	(38,3)
PI	425,3	382,3	(10,1)	3.309	3.359	1,5	1.407,3	1.284,1	(8,8)
CE	535,1	588,6	10,0	778	746	(4,1)	416,3	439,1	5,5
RN	40,9	55,8	36,4	473	638	34,9	19,3	35,6	84,5
PB	108,6	111,2	2,4	780	907	16,3	84,7	100,9	19,1
PE	136,0	138,2	1,6	485	600	23,7	66,0	82,9	25,6
BA	380,3	361,3	(5,0)	5.503	3.616	(34,3)	2.092,8	1.306,5	(37,6)
CENTRO-OESTE	284,7	346,0	21,5	8.012	7.575	(5,5)	2.281,0	2.620,9	14,9
MT	27,2	37,3	37,1	7.331	7.019	(4,3)	199,4	261,8	31,3
MS	15,5	17,0	9,7	9.212	8.200	(11,0)	142,8	139,4	(2,4)
GO	214,2	265,0	23,7	8.000	7.560	(5,5)	1.713,6	2.003,4	16,9
DF	27,8	26,7	(4,0)	8.100	8.100	-	225,2	216,3	(4,0)
SUDESTE	1.191,9	1.115,4	(6,4)	6.465	5.887	(8,9)	7.706,1	6.566,8	(14,8)
MG	825,7	748,9	(9,3)	6.535	6.107	(6,5)	5.395,9	4.573,5	(15,2)
ES	13,4	14,3	6,7	2.995	3.070	2,5	40,1	43,9	9,5
RJ	1,0	1,8	80,0	3.069	3.151	2,7	3,1	5,7	83,9
SP	351,8	350,4	(0,4)	6.444	5.547	(13,9)	2.267,0	1.943,7	(14,3)
SUL	1.377,4	1.446,6	5,0	7.453	8.103	8,7	10.265,6	11.721,2	14,2
PR	330,0	357,7	8,4	8.748	8.714	(0,4)	2.886,8	3.117,0	8,0
SC	319,0	335,0	5,0	7.997	8.466	5,9	2.551,0	2.836,1	11,2
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.651	15,4	4.827,8	5.768,1	19,5
NORTE/NORDESTE	2.228,1	2.110,5	(5,3)	2.943	2.351	(20,1)	6.558,0	4.961,6	(24,3)
CENTRO-SUL	2.854,0	2.908,0	1,9	7.096	7.190	1,3	20.252,7	20.908,9	3,2
BRASIL	5.082,1	5.018,5	(1,3)	5.275	5.155	(2,3)	26.810,7	25.870,5	(3,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



6.1.7.3. MILHO SEGUNDA SAFRA

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	385,6	477,7	23,9	3.850	4.332	12,5	1.484,7	2.069,3	39,4
RR	9,6	15,0	56,7	4.857	6.000	23,5	46,6	90,0	93,1
RO	149,1	178,8	19,9	4.497	4.506	0,2	670,5	805,7	20,2
PA	69,0	74,4	7,8	3.403	3.271	(3,9)	234,8	243,4	3,7
TO	157,9	209,5	32,7	3.374	4.440	31,6	532,8	930,2	74,6
NORDESTE	715,4	739,3	3,3	1.188	2.596	118,5	849,9	1.918,9	125,8
MA	172,4	192,7	11,8	2.172	3.300	51,9	374,5	635,9	69,8
PI	63,2	66,8	5,7	1.289	4.409	242,0	81,5	294,5	261,3
PE	79,7	79,7	-	600	600	-	47,8	47,8	-
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	143,0	143,0	-	808	4.028	398,5	115,5	576,0	398,7
BA	230,9	230,9	-	875	1.464	67,3	202,0	338,0	67,3
CENTRO-OESTE	7.457,4	7.914,6	6,1	5.253	5.931	12,9	39.170,2	46.940,2	19,8
MT	4.471,2	4.788,7	7,1	5.860	6.150	4,9	26.201,2	29.450,5	12,4
MS	1.720,0	1.830,1	6,4	3.685	5.104	38,5	6.338,2	9.340,8	47,4
GO	1.230,4	1.258,7	2,3	5.200	6.253	20,3	6.398,1	7.870,7	23,0
DF	35,8	37,1	3,6	6.500	7.500	15,4	232,7	278,3	19,6
SUDESTE	875,0	878,5	0,4	3.912	5.092	30,2	3.423,3	4.473,2	30,7
MG	339,4	368,6	8,6	4.981	5.663	13,7	1.690,6	2.087,4	23,5
SP	535,6	509,9	(4,8)	3.235	4.679	44,6	1.732,7	2.385,8	37,7
SUL	2.100,9	2.227,0	6,0	4.270	5.719	33,9	8.970,8	12.736,2	42,0
PR	2.100,9	2.227,0	6,0	4.270	5.719	33,9	8.970,8	12.736,2	42,0
NORTE/NORDESTE	1.101,0	1.217,0	10,5	2.120	3.277	54,5	2.334,6	3.988,2	70,8
CENTRO-SUL	10.433,3	11.020,1	5,6	4.942	5.821	17,8	51.564,3	64.149,7	24,4
BRASIL	11.534,3	12.237,1	6,1	4.673	5.568	19,2	53.898,9	68.137,9	26,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



6.1.7.4. MILHO TOTAL

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	676,5	729,1	7,8	3.617	3.910	8,1	2.446,6	2.850,7	16,5
RR	9,6	15,0	56,3	4.857	6.000	23,5	46,6	90,0	93,1
RO	178,2	191,4	7,4	4.166	4.372	4,9	742,4	836,8	12,7
AC	31,0	32,0	3,2	2.616	2.549	(2,6)	81,1	81,6	0,6
AM	8,1	11,0	35,8	2.560	2.500	(2,3)	20,7	27,5	32,9
AP	1,6	1,6	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	(6,3)
PA	236,9	231,1	(2,4)	3.320	2.962	(10,8)	786,5	684,5	(13,0)
TO	211,1	247,0	17,0	3.637	4.570	25,7	767,7	1.128,8	47,0
NORDESTE	2.652,6	2.598,4	(2,0)	2.430	2.347	(3,4)	6.445,8	6.099,3	(5,4)
MA	483,4	414,4	(14,3)	3.897	3.781	(3,0)	1.884,0	1.567,1	(16,8)
PI	488,5	449,1	(8,1)	3.048	3.515	15,3	1.488,8	1.578,7	6,0
CE	535,1	588,6	10,0	778	746	(4,1)	416,3	439,1	5,5
RN	40,9	55,8	36,4	473	638	34,9	19,3	35,6	84,5
PB	108,6	111,2	2,4	780	907	16,3	84,7	100,9	19,1
PE	215,7	217,9	1,0	527	600	13,7	113,8	130,7	14,9
AL	26,2	26,2	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	(6,6)
SE	143,0	143,0	-	808	4.028	398,5	115,5	576,0	398,7
BA	611,2	592,2	(3,1)	3.755	2.777	(26,0)	2.294,8	1.644,5	(28,3)
CENTRO-OESTE	7.742,1	8.260,6	6,7	5.354	6.000	12,1	41.451,2	49.561,1	19,6
MT	4.498,4	4.826,0	7,3	5.869	6.157	4,9	26.400,6	29.712,3	12,5
MS	1.735,5	1.847,1	6,4	3.734	5.132	37,4	6.481,0	9.480,2	46,3
GO	1.444,6	1.523,7	5,5	5.615	6.480	15,4	8.111,7	9.874,1	21,7
DF	63,6	63,8	0,3	7.199	7.751	7,7	457,9	494,5	8,0
SUDESTE	2.066,9	1.993,9	(3,5)	5.385	5.537	2,8	11.129,4	11.040,0	(0,8)
MG	1.165,1	1.117,5	(4,1)	6.082	5.961	(2,0)	7.086,5	6.660,9	(6,0)
ES	13,4	14,3	6,7	2.995	3.070	2,5	40,1	43,9	9,5
RJ	1,0	1,8	80,0	3.069	3.151	2,7	3,1	5,7	83,9
SP	887,4	860,3	(3,1)	4.507	5.033	11,7	3.999,7	4.329,5	8,2
SUL	3.478,3	3.673,6	5,6	5.530	6.658	20,4	19.236,5	24.457,4	27,1
PR	2.430,9	2.584,7	6,3	4.878	6.133	25,7	11.857,7	15.853,2	33,7
SC	319,0	335,0	5,0	7.997	8.466	5,9	2.551,0	2.836,1	11,2
RS	728,4	753,9	3,5	6.628	7.651	15,4	4.827,8	5.768,1	19,5
NORTE-NORDESTE	3.329,1	3.327,5	-	2.671	2.690	0,7	8.892,4	8.950,0	0,6
CENTRO-SUL	13.287,3	13.928,1	4,8	5.405	6.107	13,0	71.817,1	85.058,5	18,4
BRASIL	16.616,4	17.255,6	3,8	4.857	5.448	12,2	80.709,5	94.008,5	16,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.

6.1.8. SOJA

Para a temporada 2018/19, a oleaginosa experimentou crescimento na área plantada de 1,8% em relação à sa-

fra passada, correspondendo ao plantio de 35.775,2 mil hectares.

REGIÃO NORTE-NORDESTE

Na Região Norte-Nordeste, o comportamento da safra passada, com um quadro climático favorável, serviu de estímulo ao produtor local, que ampliou a área plantada. A colheita avança nas principais regiões produtoras e tem sido observado produtividades menores que na safra passada, que foi excelente devido à falta de chuvas em dezembro e janeiro.

Em Rondônia, a área cultivada é de 333,6 mil hectares. A soja, tida como primeira safra, e com a maior área, já está colhida. As condições das lavouras foram as melhores, com boa sanidade, boa formação do dossel, ferrugem controlada e poucos relatos de nematoides. De igual modo, a qualidade do produto colhido é excelente, com reduzida percentagem de grãos ardidos,



mofados, fermentados, entre outras avarias. Do total da soja colhida, cerca de 70% já foi comercializado.

A área de soja segunda safra é de aproximadamente 20 mil hectares, com produtividade um pouco menor, próxima de 2.621 kg/ha. Atualmente a semeadura já finalizou, e o estágio da cultura é 100% em desenvolvimento vegetativo..

No Acre, o plantio aconteceu entre outubro e novembro, em aproximadamente 500 hectares. Toda a área plantada já foi colhida, resultando em uma produtividade média de aproximadamente 2.938 kg/ha.

A cultura se adapta bem às condições climáticas locais, temperatura, umidade e fotoperíodo. O índice pluviométrico varia entre 2.250 e 2.750 mm, quantidade além da exigida pela cultura.

No Amazonas, a área e produção de soja vêm aumentando. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas, aliadas à facilidade de escoamento, por meio de hidrovias, fazem com que os produtores se sintam estimulados a continuar apostando na cultura.

Os avanços dessa cultura em Humaitá têm sido visíveis, com perspectivas de aumento da produção e de melhoria da infraestrutura de escoamento, considerando a posição geográfica privilegiada do município de Humaitá, até mesmo com a criação de um porto apenas para isso. Dessa forma, a área atualmente plantada corresponde a 1,9 mil hectares, com uma produtividade média de 3.600 kg/ha (melhor que a nacional), totalizando a produção em 6,8 mil toneladas, as quais serão destinadas exclusivamente à exportação. Ressalte-se que é apenas o início deste projeto e corresponde a apenas uma empresa.

No Pará, a soja, nesse levantamento, recuou e teve um decréscimo de área de 4% em relação ao levantamento passado. No entanto, a produtividade teve um salto de 7,9% em relação à última avaliação e passou de 2.846 para 3.071 kg/ha, um acréscimo de 10,3% em relação à safra passada.

A região de Paragominas tem sofrido com chuvas intensas, que causam problemas graves no desenvolvimento da cultura e em sua colheita. A colheita já iniciou, mas de forma lenta em razão das precipitações. No sul do estado, a soja está quase toda colhida, restando apenas 10% no campo.

Em Tocantins, a cultura teve sua colheita iniciada após a primeira quinzena de janeiro, visto que mais de 70% da área já foi colhida. A expectativa de maior produtividade que existia no início da safra foi substituída

por apreensão dos produtores de todo o estado. Veranicos que ocorreram em dezembro e janeiro prejudicaram as lavouras em todas as fases de desenvolvimento, sendo as áreas mais arenosas e de cascalho as mais atingidas. Há relatos de produtores que tiveram que replantar extensas áreas na região sul do estado.

Devido ao plantio espaçado, as lavouras se encontram em diversos estádios de desenvolvimento, a grande maioria em enchimento de grãos e maturação e em praticamente todo o estado, estiagens provocaram danos às lavouras. Houve diminuição da população de plantas nas lavouras plantadas tardiamente, abortamento de flores nas lavouras semeadas em novembro e redução do desenvolvimento dos grãos nas lavouras semeadas precocemente.

Figura 43 - Colheita de soja paralisada pela chuva em Tocantins



Fonte: Conab.

No Maranhão, o fator climático tem sido determinante para o diagnóstico dos resultados obtidos na condução das lavouras de soja, sobretudo na região centro e sul do estado, esse último, considerado principal polo produtor. Nessas regiões, as instabilidades do período chuvoso têm favorecido a obtenção de rendimentos médios ligeiramente próximos a 45 scs/ha, bem abaixo do estimado para a região, de 52 scs/ha.

É importante lembrar que as lavouras de soja da região centro-sul do estado foram fortemente afetadas por deficit hídricos ocorridos em dezembro e janeiro, exatamente no período de floração e enchimento dos grãos, estádios em que a disponibilidade de água é extremamente importante, principalmente naquelas unidades produtivas localizadas em relevos de baixa altitude e que fizeram uso de variedades precoces, normalmente mais suscetíveis a alterações fisiológicas devido ao estresse hídrico.

Nas demais regiões não evidenciamos a existência de perdas significativas em razão da existência de fortes veranicos e as lavouras vêm sendo conduzidas normalmente.



A área plantada é superior à safra 2017/18, saltando dos 951,5 mil hectares para 992,1 mil hectares semeados.

No Piauí, o plantio encerrou na primeira quinzena de fevereiro. No período do levantamento, a colheita atingia 37% da área total. Do restante da área, 9% estavam em frutificação e 54% em maturação.

Devido à incidência de veranicos em grande parte das áreas cultivadas e que atingiram as culturas no final da fase vegetativa e início da fase reprodutiva, a estimativa é que a produtividade seja menor que na safra passada, ficando em 3.032 kg/ha. Apesar dos registros de veranicos, que em algumas áreas ultrapassou 35 dias, as lavouras se encontram em boas condições e são avaliadas como: 58% em boas condições, 25% em condição regular e 17% em condição ruim.

A partir do último decêndio de janeiro as chuvas retornaram com boa intensidade e abrangência em todas as áreas do cerrado piauiense. Esse fato tem sido determinante para o desenvolvimento final da cultura da soja, pois grande parte das lavouras ainda se encontrava em estágio vegetativo e início reprodutivo (até R5), fases em que a planta ainda responde positivamente ao aumento da umidade no solo, o que contribuiu para a diminuição do pessimismo com relação às expectativas de produtividades.

Em relação às pragas e doenças não houve relatos de dificuldade no controle e foram observadas pragas como percevejo, lagartas e doenças como antracnose e, em menor quantidade, mancha-alvo.

Na Bahia, a área é avaliada em 1.570,5 mil hectares e a produção deverá ser de 5.086,8 mil toneladas, com o rendimento de 3.239 kg/ha. A colheita foi iniciada e evolui em cerca de 25% da área cultivada, até o perí-

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país, o incremento na área plantada atingiu 2,7% em relação ao exercício anterior, ultrapassando os 16 milhões de hectares semeados.

Em Mato Grosso, os trabalhos de colheita de soja se encontram em fase de finalização, com 98% completo até o fechamento de março, visto que 87% da colheita ocorreu até o final de fevereiro. Ou seja, apenas parcela pontual da área estadual teve seu ciclo estendido até o abril. A produtividade média é estimada em 3.313 kg/ha, resultado bastante satisfatório, apesar de 2,4% inferior aos 3.394 kg/ha registrados na última temporada.

do do levantamento. Os plantios estão distribuídos pelo Vale do São Francisco e extremo oeste, e são cultivados em regime de sequeiro e irrigado, conduzido por médios e grandes produtores.

A estimativa de produção é 19,7% menor que na safra passada, pois a área cultivada recuou 1,8% e a produtividade 18,2%. A redução na área se deve à substituição pelo cultivo de algodão, pois esse passa por um ótimo momento conjuntural, e à supersafra de soja ocorrida em 2017/18, que foi impactada pela deficiência no transporte e armazenamento, freando a expansão do cultivo. A redução da expectativa de produtividade se deve ao veranico ocorrido em dezembro e janeiro.

Com a colheita evoluindo em 25% da área cultivada, as produtividades estão oscilando entre 30 e 73 scs/ha, enquanto as lavouras irrigadas atingem rendimentos de até 100 scs/ha. As chuvas ocorridas em março não compromete a qualidade dos grãos, mas limitam o avanço da colheita.

Figura 44 - Vagens de soja pouco desenvolvidas devido ao veranico em dezembro e janeiro, em Barreiras – Ba



Fonte: Conab.

A ocorrência de veranicos, especialmente em dezembro, não derrubou a produtividade média estadual, à medida que as chuvas abundantes e generalizadas contemplaram o estado tanto nos meses iniciais da safra, desde setembro, quanto no primeiro trimestre de 2019. Dessa forma, Mato Grosso colherá a segunda maior safra de sua série histórica, de 32.134,4 mil toneladas, apenas 0,5% inferior ao seu recorde, de 32.306,1 mil toneladas, registradas em 2017/18.

A comercialização em Mato Grosso é calculada em 68,1%, uma vez que o produtor ainda é cauteloso à espera de oportunidades de mercado, com preços superiores a R\$ 70 a saca de 60 quilos. As negociações da



safr 2019/20, que já haviam iniciado antes de março, especialmente por meio de barter, ganham impulso com a atual conjuntura de câmbio e já contabilizam 11,5%.

Em Mato Grosso do Sul, com aproximadamente 95% das lavouras colhidas até o período do levantamento, houve a confirmação de uma grande quebra da produtividade, a qual está estimada em 2.960 kg/ha, um valor 17,6% menor em relação à safra anterior.

As lavouras foram acometidas por dois grandes períodos de estresse hídrico (dezembro de 2018 e janeiro de 2019, a depender da região produtora), além de chuvas muito esparsas em fevereiro de 2019. A variabilidade das perdas decorre principalmente da variedade utilizada, qualidade da semente, época de semeadura, manejo utilizado e textura do solo.

As sojas plantadas e colhidas mais cedo, a maioria em janeiro, tiveram maior quebra de produtividade. Com o tempo chuvoso, em meados de março, houve problemas para a colheita das lavouras remanescentes, com grãos ardidos. Mas com o clima ensolarado da última semana de março, a colheita deverá terminar ainda em março. Os grãos ficaram menores e mais leves devido ao estresse climático, e apesar de problemas pontuais de grão chochos e/ou esverdeados, a grande parte dos produtores não tem sido penalizados com descontos, visto que a qualidade do produto está dentro dos padrões comerciais.

A comercialização média estadual está em aproximadamente 55% do volume esperado da safra, sendo grande parte resultante do cumprimento de barter e contratos futuros firmados durante o planejamento e

Figura 45 - Soja em ponto de colheita, em Bonito – MS



Fonte: Conab.

desenvolvimento das lavouras.

Em Goiás, na região sul do estado, toda a soja já foi colhida, enquanto na região leste, a colheita se aproxima de 90% da área. A soja de ciclo tardio é a mais comum na região norte e ainda está na fase de maturação e algumas áreas em colheita.

Na região sul do estado, onde houve relatos de talhões com rendimento muito baixo, com variedades de soja precoce, as variedades de ciclo médio e tardio aumentaram as médias de produtividade.

Há muitos registros de produtividade entre 65 e 70 scs/ha nas mesmas regiões onde foram cultivadas variedades precoces, que foram atingidas pelo veranico. Estes fatores climáticos, como falta de chuvas e altas temperaturas, somados a outros fatores como o tipo de solo e/ou a correção deste solo, são algumas das variáveis para o alto ou o baixo rendimento.

Mesmo com a volta das chuvas em janeiro, a estimativa de produtividade está abaixo do esperado. A produtividade média é estimada em 3.240 kg/ha.

Orizona foi o município em que registramos a menor média de produtividade até o momento, rendimento de 2.700 kg/ha. Em Campo Alegre, as chuvas dificultaram a colheita da soja, onde parte dela está sendo colhida com umidade do grão mais elevada, aumentando o custo na secagem dos grãos e podendo ocorrer uma quebra mecânica na hora da colheita.

No Distrito Federal, a área plantada foi acrescida em 2,4%, comparativamente à safra passada. A produtividade média estimada de 3.310 kg/ha é inferior em 6,5% à obtida na safra anterior, recuo ocasionado pelo veranico ocorrido em janeiro.

As lavouras de ciclo precoce já foram colhidas, restando em campo as lavouras de ciclo médio e tardio, as quais estão em fase de maturação e colheita.

A diminuição na produtividade ocorreu, sobretudo, em lavouras de ciclo precoce, notadamente na parte norte/nordeste do Distrito Federal, ocasionado pela escassez hídrica.

Assim, fica mantida a previsão de redução de 4,3% na produção em comparação à safra passada, saindo das



253,1 mil para 242,3 mil toneladas.

REGIÃO SUDESTE

A área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 3,3% em relação à safra passada.

Em Minas Gerais, a área está estimada em 1.574,9 mil hectares, representando incremento de 4,4% sobre a área da safra anterior, motivado principalmente pelas boas perspectivas de mercado e pelos excelentes resultados alcançados na safra 2017/18. Houve incremento de área em relação ao levantamento anterior (1,1% de ajuste).

A produtividade das lavouras de soja variou de acordo com a região de cultivo, o período de plantio e a variedade cultivada. As lavouras estão em fase de maturação e a colheita se encontra em andamento, não foi boa, pois não havia reserva de água suficiente para irrigar as lavouras.

REGIÃO SUL

Ocorreu incremento percentual na área plantada de 0,4% em relação ao observado no exercício anterior. No Paraná, 80% da área plantada está colhida e 35% da produção já foi comercializada.

A produtividade está estimada em 3.011 kg/ha, o que representa uma redução de 14,2% quando comparada à safra passada. Essa redução se deve à diminuição dos índices pluviométricos, registrada em novembro e dezembro de 2018, associada às altas temperaturas, baixa umidade relativa do ar e alta insolação, principalmente nas regiões oeste e sudoeste do estado.

Os danos ocorreram em cultivos de variedades precoces, que se encontravam, nesses meses, nos estádios de florescimento e/ou enchimento de grãos. Em cultivos mais tardios tem se observado uma produtividade normal.

Em Santa Catarina, a colheita da soja atingiu em torno de 49% até o final de março, não sendo maior devido às instabilidades climáticas que atingem a maioria das regiões produtoras. Chuvas constantes e dias sombreados dificultam a entrada das máquinas e aumentam a umidade do grão, impossibilitando sua colheita sem que haja perda em qualidade. Além disso, a condição climática observada no momento está sendo prejudicial, principalmente, para as lavouras destinadas à produção de sementes, pois a variação da umidade do grão tende a reduzir sua qualidade e

ligeiramente atrasada em razão das fortes chuvas em fevereiro e março.

Em São Paulo, as maiores áreas de grãos estão concentradas nas regiões oeste e sudoeste do estado, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições propícias para o seu desenvolvimento. O crescimento na área plantada com a oleaginosa foi de 1,5% e a intensificação no cenário agrícola do estado fez a soja se destacar como a principal cultura de verão.

Em razão das condições climáticas adversas, ocorridas durante a safra, a produtividade diminuiu consideravelmente em relação à temporada passada. Mesmo na região sudoeste do estado, onde existe a forte presença de áreas irrigadas por pivôs, a produtividade

vigor por questões físicas e fisiológicas, podendo inviabilizar a utilização do material.

Assim, o potencial produtivo observado até o momento indica que a safra atual deverá ser melhor que a safra anterior, pois as condições climáticas ocorridas durante a fase de crescimento e granação foram positivas, permitindo um bom desenvolvimento das lavouras. Exceções foram observadas em alguns municípios, onde as chuvas foram mais irregulares e pouco abrangentes, mas o resultado deve ser compensado com a melhoria da produtividade em outras praças da mesma região.

Com a condição climática observada no momento, aumentaram os casos de ocorrência de ferrugem asiática em lavouras que ainda estão em fase final de formação de grãos, as quais representam em torno de 9% do total. Assim, os produtores estão mantendo as aplicações de fungicidas para tentar controlar o patógeno ou minimizar os danos por ele causados, além de evitar sua disseminação.

Em torno de 34% do produto já está comercializado, tanto na condição de contratos firmados antes do plantio quanto na negociação livre, no momento da colheita. Os preços apresentaram variação para cima e para baixo nos últimos dias, mas têm permanecido próximos dos R\$ 70,00 a saca, um valor que ainda traz rentabilidade ao produtor.

No Rio Grande do Sul, o clima para a cultura da soja durante março foi adequado, tendo ocorrido bons



Figura 46 - Soja em Ouro Verde - SC



Fonte: Conab.

volumes de chuvas alternados com dias ensolarados, que permitiu o bom enchimento de grãos das lavouras. Além disso, essas condições também permitiram a adequada aplicação de defensivos, especialmente de fungicidas.

A colheita foi iniciada ainda no final de fevereiro, em casos isolados, e intensificou a partir de meados de março, atingindo, até o final do mês mais de 25% da área, estando o restante em maturação (53%), enchimento de grãos (22%) e menos de 1% ainda em florescimento. As regiões com maior proporção da área colhida até o momento são o Planalto Médio e Norte, já ultrapassando os 50%, seguidos pelo restante da macrorregião Noroeste Rio-grandense, que varia de 20 a 50%. Mais atrasados, encontram-se as regiões que compõem a metade sul do estado, com destaque a região sul, em qual estão recém-iniciadas as operações e a região nordeste rio-grandense.

Agora no início da colheita tem se verificado bons rendimentos das lavouras, ultrapassando os 3.600 kg/ha em muitas lavouras, no entanto, os impactos negativos das intempéries ocorridas na implantação

(chuvas em outubro/novembro) e durante o período vegetativo (estiagem em janeiro/fevereiro) estão se confirmando à medida que a colheita avança. As áreas que tiveram de ser replantadas, que ficou entre 10 e 20% da área total do estado, tiveram seu potencial de produção reduzido, o que deve se pronunciar com o decorrer da colheita.

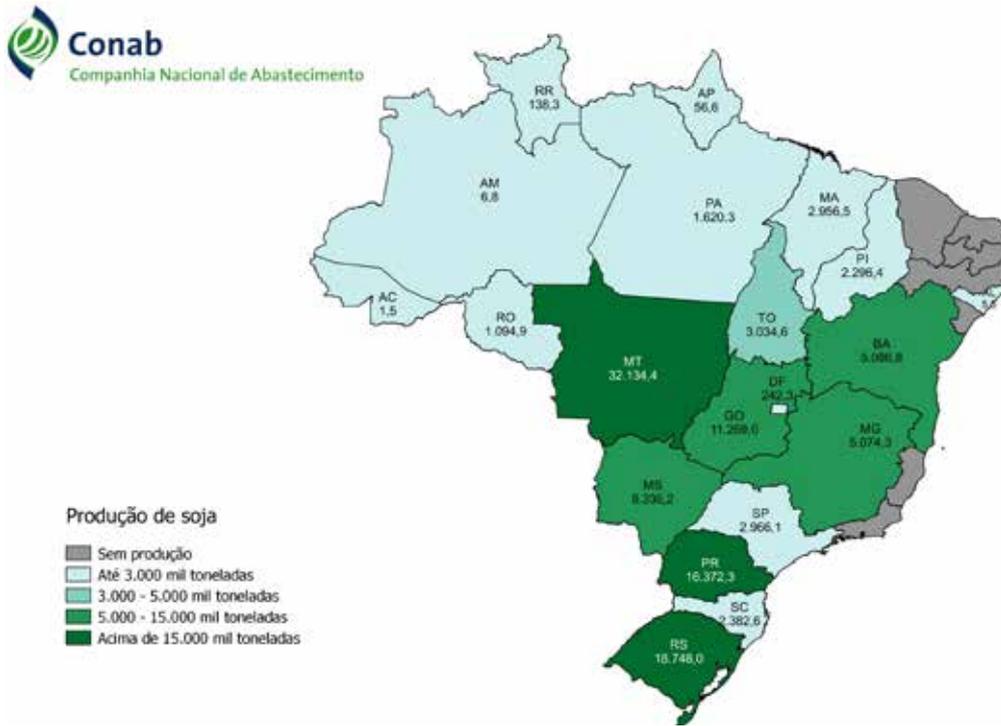
De um modo geral, na metade norte do estado, as produtividades devem ser ligeiramente menores que na safra anterior, podendo chegar a 10% em determinados locais devido aos fatores já citados. Por outro lado, na metade sul, a produtividade deve superar significativamente aquelas verificadas no ciclo anterior, já que, naquela safra, houve uma severa estiagem, que comprometeu toda a região. Nesta safra, as lavouras de Coxilha, na metade sul do estado, apresentam ótimo potencial, enquanto que as de várzea, de maneira geral, estão regulares. As chuvas de janeiro, especialmente na Fronteira Oeste, Campanha e Centro do estado, acabaram comprometendo cerca de 30% das lavouras na várzea dessas regiões.

Portanto, até o momento, espera-se que a produtividade da safra atual seja 7,7% superior à anterior, ou seja, 3.245 kg/ha. Em relação ao levantamento anterior, a diferença é de apenas 0,3%.

Além dos eventos meteorológicos já citados, como o excesso de chuvas na semeadura e emergência, estiagem e excesso de calor na floração e início de enchimento de grãos, outro fator que influencia no potencial de muitas lavouras, é a ocorrência de ferrugem da soja. Muitos produtores deixaram de efetuar algumas aplicações de fungicidas protetores, não acreditando no potencial de dano da doença, o que levou a ataques maiores que o verificado na safra anterior.



Figura 47 - Mapa da produção agrícola - Soja



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2018/19)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.931,7	1.955,4	1,2	3.056	3.044	(0,4)	5.903,9	5.953,0	0,8
RR	38,2	45,0	17,8	3.077	3.073	(0,1)	117,5	138,3	17,7
RO	333,6	333,6	-	3.282	3.282	-	1.094,9	1.094,9	-
AC	0,5	0,5	-	2.938	2.938	-	1,5	1,5	-
AM	1,5	1,9	26,7	2.250	3.600	60,0	3,4	6,8	100,0
AP	20,2	20,2	-	2.884	2.800	(2,9)	58,3	56,6	(2,9)
PA	549,6	527,6	(4,0)	2.785	3.071	10,3	1.530,6	1.620,3	5,9
TO	988,1	1.026,6	3,9	3.135	2.956	(5,7)	3.097,7	3.034,6	(2,0)
NORDESTE	3.263,5	3.322,2	1,8	3.631	3.114	(14,2)	11.850,7	10.345,2	(12,7)
MA	951,5	992,1	4,3	3.125	2.980	(4,6)	2.973,4	2.956,5	(0,6)
PI	710,5	757,4	6,6	3.573	3.032	(15,1)	2.538,6	2.296,4	(9,5)
AL	2,2	2,2	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	-
BA	1.599,3	1.570,5	(1,8)	3.960	3.239	(18,2)	6.333,2	5.086,8	(19,7)
CENTRO-OESTE	15.648,8	16.067,1	2,7	3.447	3.235	(6,1)	53.945,4	51.981,9	(3,6)
MT	9.518,6	9.699,5	1,9	3.394	3.313	(2,4)	32.306,1	32.134,4	(0,5)
MS	2.672,0	2.816,3	5,4	3.593	2.960	(17,6)	9.600,5	8.336,2	(13,2)
GO	3.386,7	3.478,1	2,7	3.480	3.240	(6,9)	11.785,7	11.269,0	(4,4)
DF	71,5	73,2	2,4	3.540	3.310	(6,5)	253,1	242,3	(4,3)
SUDESTE	2.470,1	2.550,9	3,3	3.625	3.152	(13,1)	8.955,0	8.040,4	(10,2)
MG	1.508,5	1.574,9	4,4	3.676	3.222	(12,4)	5.545,2	5.074,3	(8,5)
SP	961,6	976,0	1,5	3.546	3.039	(14,3)	3.409,8	2.966,1	(13,0)
SUL	11.835,1	11.879,6	0,4	3.264	3.157	(3,3)	38.626,7	37.502,9	(2,9)
PR	5.464,8	5.437,5	(0,5)	3.508	3.011	(14,2)	19.170,5	16.372,3	(14,6)
SC	678,2	664,6	(2,0)	3.400	3.585	5,4	2.305,9	2.382,6	3,3
RS	5.692,1	5.777,5	1,5	3.013	3.245	7,7	17.150,3	18.748,0	9,3
NORTE/NORDESTE	5.195,2	5.277,6	1,6	3.417	3.088	(9,6)	17.754,6	16.298,2	(8,2)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.497,6	1,8	3.389	3.198	(5,7)	101.527,1	97.525,2	(3,9)
BRASIL	35.149,2	35.775,2	1,8	3.394	3.182	(6,2)	119.281,7	113.823,4	(4,6)

Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em abril 2019.



Tabela 37 – Evolução de área entre as safras 2013/14 a 2018/19 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)										
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR.			
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	Mar/19	Abr/19	Percentual		Absoluta	
						(f)	(g)	(g/f)	(g/e)	(g-f)	(g-e)
NORTE	4,8	7,7	7,8	7,3	7,6	13,9	14,5	4,3	90,8	0,6	6,9
RR	-	-	-	2,5	4,8	6,0	6,0	-	25,0	-	1,2
RO	-	-	-	-	-	4,5	4,5	-	-	-	4,5
TO	4,8	7,7	7,8	4,8	2,8	3,4	4,0	17,6	42,9	0,6	1,2
NORDESTE	352,8	317,8	262,3	230,8	295,2	377,2	377,2	-	27,8	-	82,0
MA	18,6	21,4	20,9	22,5	22,3	27,6	27,6	-	23,8	-	5,3
PI	12,1	14,2	5,5	5,6	7,2	15,6	16,1	3,2	123,6	0,5	8,9
CE	1,8	0,4	0,3	0,4	1,2	1,2	0,6	(50,0)	(50,0)	(0,6)	(0,6)
RN	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,2	(33,3)	(33,3)	(0,1)	(0,1)
PB	0,1	0,2	0,1	0,4	0,5	0,5	0,7	40,0	40,0	0,2	0,2
BA	319,4	281,1	235,2	201,6	263,7	332,0	332,0	-	25,9	-	68,3
CENTRO-OESTE	734,2	627,6	660,4	682,6	841,2	1.123,0	1.145,0	2,0	36,1	22,0	303,8
MT	643,1	562,7	600,8	627,8	777,8	1.049,3	1.065,6	1,6	37,0	16,3	287,8
MS	37,5	31,1	29,9	28,6	30,4	34,0	37,0	8,8	21,7	3,0	6,6
GO	53,6	33,8	29,7	26,2	33,0	39,7	42,4	6,8	28,5	2,7	9,4
SUDESTE	28,9	22,2	23,8	18,4	30,7	48,7	48,8	0,2	59,0	0,1	18,1
MG	20,9	18,8	19,6	15,6	25,0	39,4	39,4	-	57,6	-	14,4
SP	8,0	3,4	4,2	2,8	5,7	9,3	9,4	1,1	64,9	0,1	3,7
NORTE/NORDESTE	357,6	325,5	270,1	238,1	302,8	391,1	391,7	0,2	29,4	0,6	88,9
CENTRO-SUL	764,0	650,7	685,1	701,0	871,9	1.171,7	1.193,8	1,9	36,9	22,1	321,9
BRASIL	1.121,6	976,2	955,2	939,1	1.174,7	1.569,2	1.585,5	1,0	35,0	16,3	410,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019.



6.1.9. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 816,6 mil hectares e uma produtividade de 2.789 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto se observa que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em razão do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Tocantins, o plantio do sorgo está na fase final em todo o estado e deve se estender até meados de abril. Há expectativa de incremento na área semeada em 30,7 mil hectares e incremento no também no rendimento das lavouras nessa safra em 28,7% em relação à safra 2017/18.

A cultura é praticada com muita tecnologia como também com poucas, em áreas que são semeadas com pouco investimento, visando cobertura de solo e formação de palhada.

Com relação ao crédito de custeio, 100% das áreas são por meio de recurso próprio.

Na Bahia se estima o cultivo de 104,9 mil hectares, com a produção de 71,6 mil toneladas de grãos de sorgo. Essa estimativa de produção é 27,1% menor que a produção da safra passada. A área cultivada aumentou 4,8% e espera-se o rendimento de 683 kg/ha.

O plantio está finalizado no centro-norte e centro-sul que, juntos, cultivam cerca de 60% das lavouras. Nessas duas mesorregiões o cultivo do sorgo é utilizado como alternativa à cultura do milho devido aos quadros climáticos de restrição hídrica ocorridas nas últimas safras. Ainda assim, após o veranico de dezembro e janeiro, os produtores estão optando pelo corte e processamento das estruturas vegetativas do sorgo em silagem, visando garantir a alimentação para as criações. Outros 40% restantes serão cultivados no extremo-oeste em sucessão às lavouras de soja em regime de sequeiro, em fevereiro de 2019.

Devido ao estresse hídrico e o corte das plantas para silagem foi reduzida a estimativa de produtividade em 8,3% em relação às expectativas iniciais dessa safra.

No Maranhão, a área plantada de sorgo deve permanecer no mesmo patamar evidenciado no levantamento anterior, de 104 mil hectares, 1,5% inferior à safra passada, com uma estimativa de rendimento médio do grão em torno de 2.200 kg/ha.

A produção desse cereal tem despertado o interesse dos produtores devido a cultura ser mais resistente à seca do que o milho e apresentar custos de produção relativamente inferiores, outro fator é o preço da saca de sorgo, que chega a ser comercializado por 80% do valor da saca de milho.

Na Paraíba, por fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos.

Para esta safra se registra a área de 200 hectares e a produtividade de 1.700 kg/ha.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 1,8 mil hectares, contra 1,3 mil hectares da safra passada, ou seja, um aumento de 38,5%. A produção estimada do grão será 94,1% maior que a safra 2017/18.

No Distrito Federal estima-se que haverá redução de área plantada com a gramínea, passando de 7,2 mil hectares na safra anterior para 6,7 mil hectares nesta. A produtividade deverá ter incremento em 8,1%, levando em consideração que a espécie não sofre maiores perdas quando submetida ao estresse hídrico.

Os preços praticados pelo mercado estão se mantendo acima do preço mínimo estabelecido pelo governo federal, que é de R\$ 16,37 a saca de 60 quilos.

Goiás continua sendo o maior produtor de sorgo no Brasil. Nessa safra, porém, os produtores seguem focado no plantio do milho safrinha e, logo após o término da janela, os produtores começaram a implementar a cultura do sorgo.

Cerca de 80% da área de sorgo já foi plantada nas regiões leste e estrada de ferro, a expectativa é que o plantio seja finalizado até o fim de março. Os produtores estão trabalhando com a expectativa de rendimento de 3.500 kg/ha.

Poderá ocorrer um aumento na área plantada de sorgo neste ano, porém algumas culturas como girassol e o feijão-macaçar poderão concorrer com essa cultura. O aumento de área plantada em Goiás ainda está atrelado ao fato da limitação de capacidade de rece-



bimento dos armazéns bem como ao fluxo na comercialização, que poderá ser lento em razão da demanda.

Em Mato Grosso o plantio do sorgo se estende até abril, em virtude que a cultura é mais resistente ao clima seco e possui caráter bastante secundário em relação às demais culturas de segunda safra. O cultivo do sorgo ocorre frequentemente apenas como cobertura vegetal, e sua comercialização, como substituto próximo ao milho para ração animal, a depender do preço e liquidez, sequer ocorre. A área de sorgo ainda se encontra em aberto para definição, sendo estimada em 50 mil hectares, patamar próximo ao observado em 2017/18, de 51,7 mil hectares.

Em Mato Grosso do Sul, a cultura é plantada no norte e nordeste do estado por poucos produtores. O sorgo se encontra em fase de plantio, com aproximadamente 30% da área total prevista plantada, predominando a fase de germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Os produtores plantam o cereal após a colheita da soja e plantio do milho segunda safra.

As estimativas da área total e produtividade esperada serão melhores discutidos a partir de abril, quando toda a cultura estiver plantada no estado.

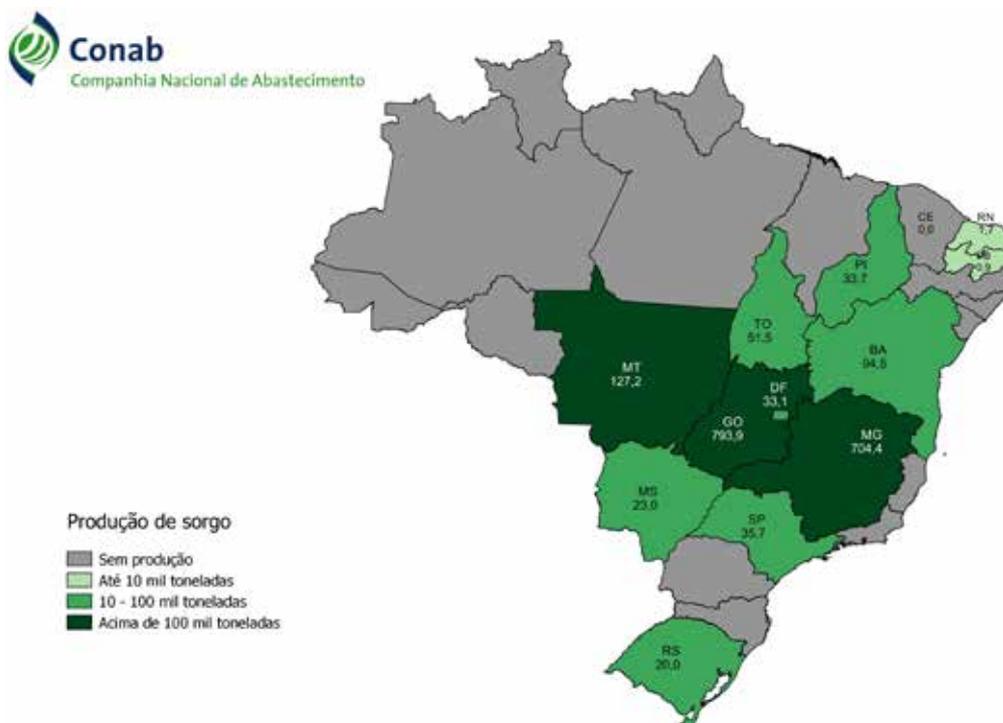
Em Minas Gerais, a área de sorgo segunda safra no estado está estimada em 226 mil hectares, apresentando aumento de 7,4% em relação à safra anterior. O clima favorável, o menor custo de plantio e a maior resistência à seca são os principais atrativos para o investimento nas lavouras. O plantio se encontra bem adiantado, devendo-se encerrar em abril. Com uma produtividade média estimada em 3.470 kg/ha, e a produção poderá alcançar 784,2 mil toneladas.

Em São Paulo, assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no país, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica.

Para compensar as perdas nas lavouras, no período onde a escassez e a distribuição, e a falta de chuvas constitui risco de perdas de produtividade para culturas graníferas, o produtor tem optado pelo cultivo do sorgo, por sua rusticidade, resistência e tolerância à períodos de baixa umidade do solo.

Apesar de todos os problemas, a cultura terá incremento de 12,6% na área e 40,2% na produtividade.

Figura 48 - Mapa da produção agrícola - Sorgo



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,7	34,8	6,4	1.651	1.653	0,1	53,9	57,5	6,7
TO	28,6	30,7	7,2	1.456	1.874	28,7	41,6	57,5	38,2
NORDESTE	224,7	227,4	1,2	1.812	1.485	(18,0)	407,1	337,7	(17,0)
PI	105,6	104,0	(1,5)	2.810	2.200	(21,7)	296,7	228,8	(22,9)
CE	16,5	16,5	-	514	2.041	297,1	8,5	33,7	296,5
RN	1,3	1,8	38,5	1.346	1.816	34,9	1,7	3,3	94,1
PB	1,2	0,2	(83,3)	1.700	1.700	-	2,0	0,3	(85,0)
BA	100,1	104,9	4,8	981	683	(30,4)	98,2	71,6	(27,1)
CENTRO-OESTE	295,1	312,2	5,8	3.022	3.349	10,8	891,6	1.045,5	17,3
MT	51,7	50,0	(3,3)	2.438	2.438	-	126,0	121,9	(3,3)
MS	7,0	7,0	-	3.500	3.285	(6,1)	24,5	23,0	(6,1)
GO	229,2	248,5	8,4	3.100	3.500	12,9	710,5	869,8	22,4
DF	7,2	6,7	(6,9)	4.250	4.594	8,1	30,6	30,8	0,7
SUDESTE	220,7	237,6	7,7	3.436	3.470	1,0	758,2	824,4	8,7
MG	210,4	226,0	7,4	3.483	3.470	(0,4)	732,8	784,2	7,0
SP	10,3	11,6	12,6	2.470	3.463	40,2	25,4	40,2	58,3
SUL	9,0	4,6	(48,9)	2.777	2.777	-	25,0	12,8	(48,8)
RS	9,0	4,6	(48,9)	2.777	2.777	-	25,0	12,8	(48,8)
NORTE/NORDESTE	257,4	262,2	1,9	1.792	1.507	(15,9)	461,0	395,2	(14,3)
CENTRO-SUL	524,8	554,4	5,6	3.192	3.396	6,4	1.674,8	1.882,7	12,4
BRASIL	782,2	816,6	4,4	2.731	2.789	2,1	2.135,8	2.277,9	6,7

Fonte: Conab.

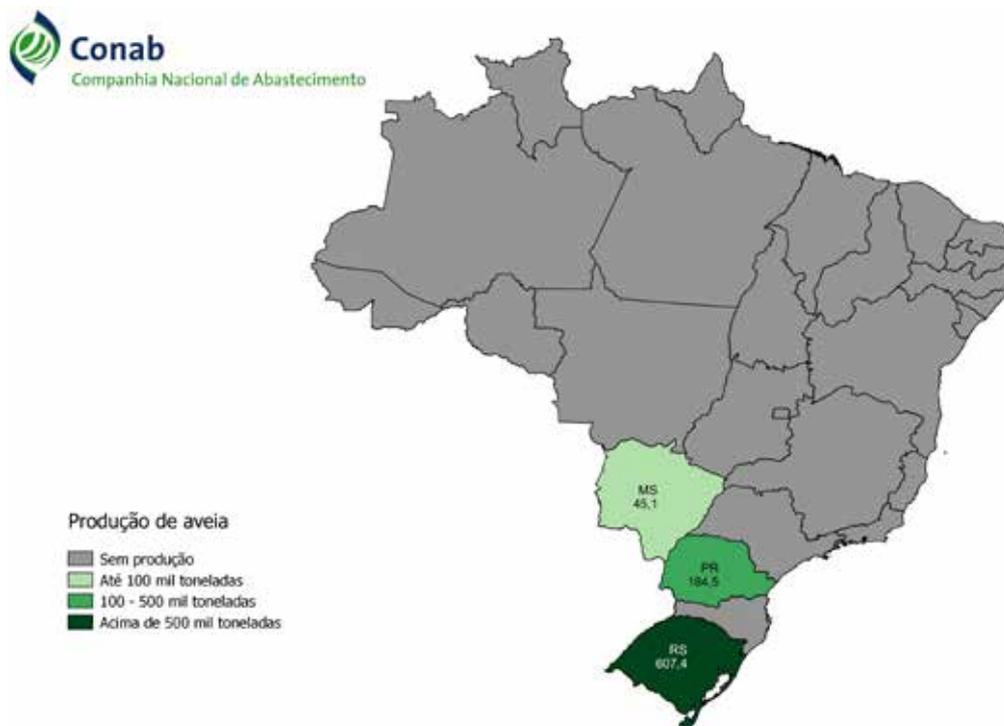
Nota: Estimativa em abril/2019



6.2. CULTURAS DE INVERNO

6.2.1. AVEIA BRANCA

Figura 49 - Mapa da produção agrícola - Aveia



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	30,0	30,0	-	1.000	1.503	50,3	30,0	45,1	50,3
MS	30,0	30,0	-	1.000	1.503	50,3	30,0	45,1	50,3
SUL	345,6	345,6	-	2.213	2.291	3,5	764,8	791,9	3,5
PR	79,8	79,8	-	1.946	2.312	18,8	155,3	184,5	18,8
RS	265,8	265,8	-	2.293	2.285	(0,3)	609,5	607,4	(0,3)
CENTRO-SUL	375,6	375,6	-	2.116	2.228	5,3	794,8	837,0	5,3
BRASIL	375,6	375,6	-	2.116	2.228	5,3	794,8	837,0	5,3

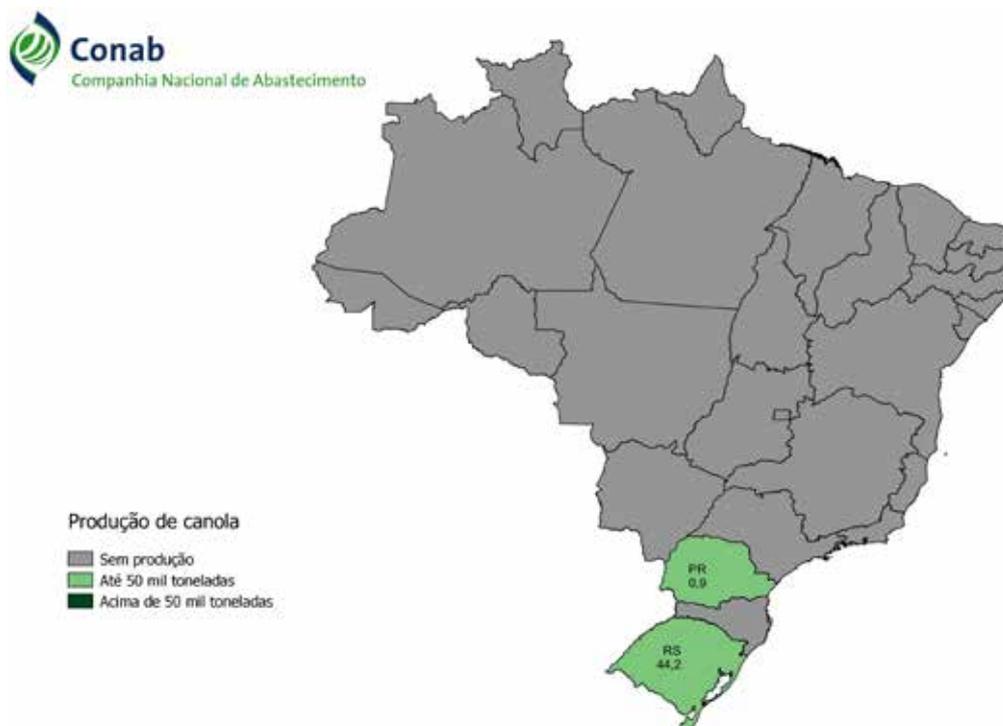
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019



6.2.2. CANOLA

Figura 50 - Mapa da produção agrícola - Canola



Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	35,5	35,5	-	1.394	1.270	(8,9)	49,5	45,1	(8,9)
PR	0,7	0,7	-	1.206	1.322	9,6	0,8	0,9	12,5
RS	34,8	34,8	-	1.398	1.271	(9,1)	48,7	44,2	(9,2)
CENTRO-SUL	35,5	35,5	-	1.394	1.270	(8,9)	49,5	45,1	(8,9)
BRASIL	35,5	35,5	-	1.394	1.270	(8,9)	49,5	45,1	(8,9)

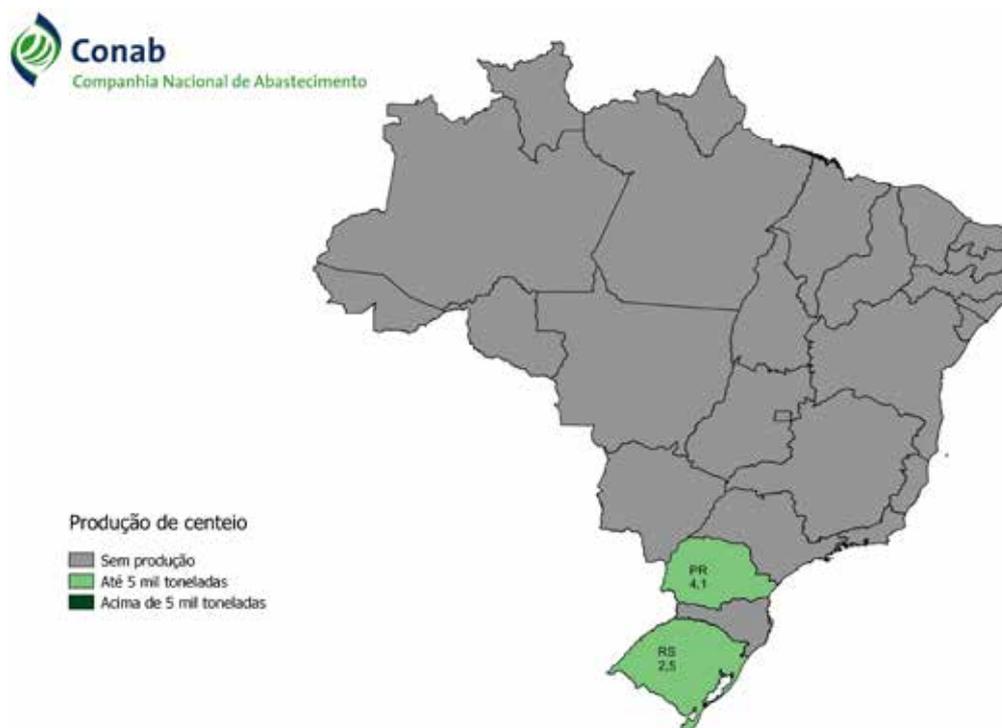
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019



6.2.3. CENTEIO

Figura 51 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,6	-	2.083	1.833	(12,0)	7,5	6,6	(12,0)
PR	2,1	2,1	-	2.130	1.976	(7,2)	4,5	4,1	(8,9)
RS	1,5	1,5	-	2.000	1.675	(16,3)	3,0	2,5	(16,7)
CENTRO-SUL	3,6	3,6	-	2.083	1.833	(12,0)	7,5	6,6	(12,0)
BRASIL	3,6	3,6	-	2.083	1.833	(12,0)	7,5	6,6	(12,0)

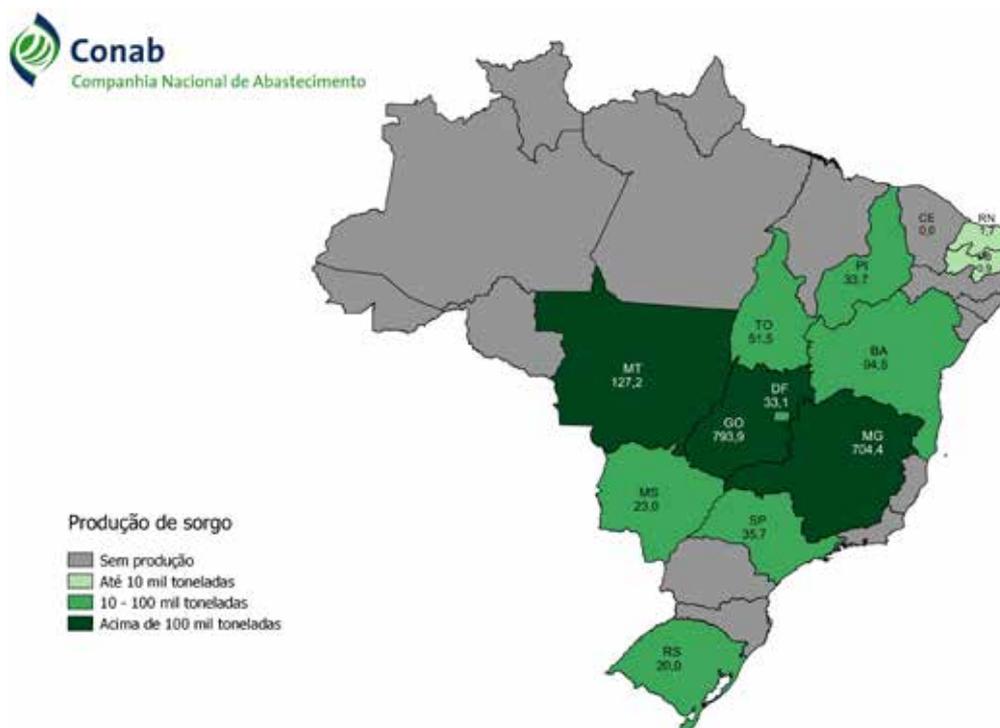
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019



6.2.4. CEVADA

Figura 52 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	111,9	111,9	-	3.159	2.989	(5,4)	353,5	334,4	(5,4)
PR	55,7	55,7	-	3.936	3.744	(4,9)	219,2	208,5	(4,9)
SC	0,6	0,6	-	3.700	3.189	(13,8)	2,2	1,9	(13,6)
RS	55,6	55,6	-	2.375	2.230	(6,1)	132,1	124,0	(6,1)
CENTRO-SUL	111,9	111,9	-	3.159	2.989	(5,4)	353,5	334,4	(5,4)
BRASIL	111,9	111,9	-	3.159	2.989	(5,4)	353,5	334,4	(5,4)

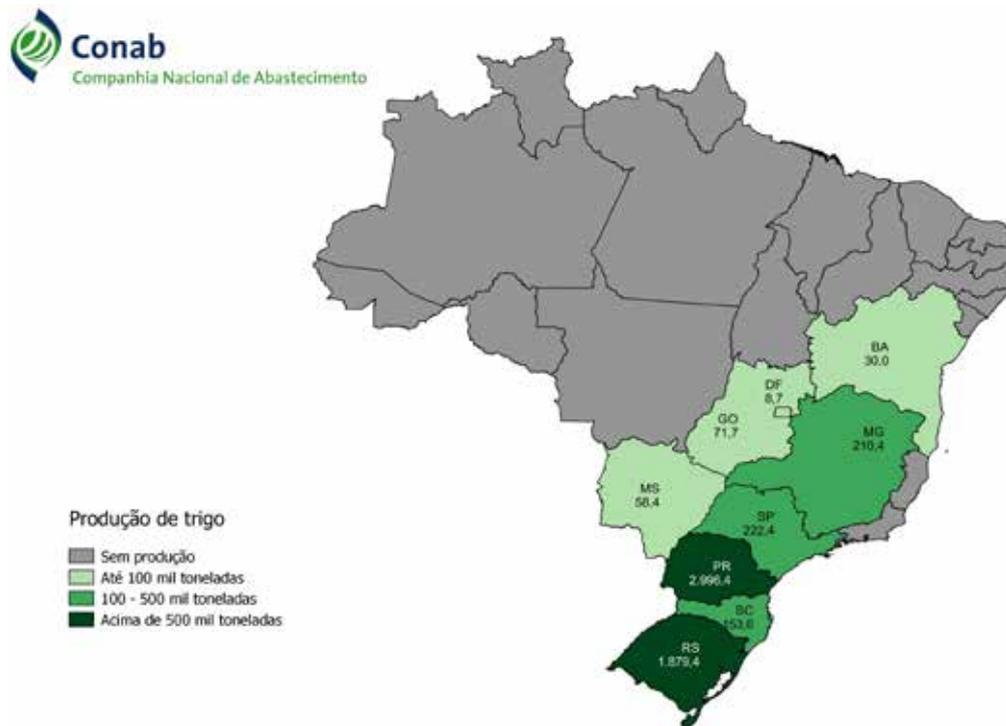
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019



6.2.5. TRIGO

Figura 53 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab.



Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %	Safra 2018	Safra 2019	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	43,3	43,3	-	3.261	3.206	(1,7)	141,2	138,8	(1,7)
MS	28,0	28,0	-	2.200	2.085	(5,2)	61,6	58,4	(5,2)
GO	13,0	13,0	-	5.400	5.514	2,1	70,2	71,7	2,1
DF	2,3	2,3	-	4.105	3.787	(7,7)	9,4	8,7	(7,4)
SUDESTE	156,3	156,3	-	2.571	2.769	7,7	401,9	432,8	7,7
MG	83,7	83,7	-	2.475	2.514	1,6	207,2	210,4	1,5
SP	72,6	72,6	-	2.682	3.064	14,2	194,7	222,4	14,2
SUL	1.837,8	1.837,8	-	2.641	2.737	3,6	4.854,5	5.029,4	3,6
PR	1.098,0	1.098,0	-	2.582	2.729	5,7	2.835,0	2.996,4	5,7
SC	58,1	58,1	-	2.540	2.643	4,1	147,6	153,6	4,1
RS	681,7	681,7	-	2.746	2.757	0,4	1.871,9	1.879,4	0,4
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	2.037,4	2.037,4	-	2.649	2.749	3,8	5.397,6	5.601,0	3,8
BRASIL	2.042,4	2.042,4	-	2.657	2.757	3,8	5.427,6	5.631,0	3,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2019





7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

7.1. ALGODÃO

7.1.1. PANORAMA MUNDIAL

Segundo a estimativa do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), em seu relatório de março, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26.950 mil toneladas. Já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 25.886 mil de toneladas, resultado que significaria uma queda de 3,95% no volume produzido.

Quanto ao consumo global de algodão, estima-se para o fechamento da safra 2017/18 um consumo de 26.688 mil toneladas, esse volume significaria um superavit de 0,98% entre produção e consumo, depois de dois anos de deficit.

Já para a safra 2018/19, o cenário deve se inverter novamente, pois a demanda projetada é de 26.910 mil toneladas, valor 3,96% maior que o previsto para a produção no período. Caso esse cenário se confirme, ter-se-ia, para o final da safra 2018/19, uma redução de 6,23% no estoque de passagem. Em resumo, o panorama das últimas quatro safras seria de deficit na produção em três delas.

A boa notícia para os produtores é em relação à China, segundo maior importador do mundo, atrás

somente de Bangladesh. A China deverá continuar a reduzir os seus estoques em 2018/19, apesar de um ligeiro declínio no uso, sendo provável que os níveis cheguem aos menores patamares desde o período 2010/11. As importações da China são importantíssimas para medir o aquecimento da demanda mundial de pluma. Desse modo, o incremento de 31% na expectativa do volume a ser importado para 2018/19, em relação à safra anterior, é comemorado por produtores.

Em 22 de fevereiro de 2019, em seu Fórum de Perspectivas Agrícolas, o Usda divulgou a sua projeção

7.1.2. PANORAMA NACIONAL

A produção brasileira de algodão estimada para a safra 2018/19 é de 2.647,7 mil toneladas de pluma, isso significaria um aumento de 32% em relação ao produzido na safra anterior, que foi de 2.005,8 mil toneladas. O aumento da produtividade, em relação à safra anterior, é estimado em 2,2%. O aumento de área esperado é de 35%, atingindo 1.585,6 mil hectares. Diante das recentes valorizações do dólar e dos contratos na Bolsa de Nova Iorque, os preços nacionais ganharam competitividade no mercado externo, a

7.2. ARROZ

Em março, o Brasil exportou 158,9 mil toneladas de arroz base casca e importou 78,7 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 483,37 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em outubro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 71,2 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 333,63 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do Sudeste brasileiro, com destaque para São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do consumo, este foi consolidado nesta atual publicação em 11,2 milhões de toneladas para a safra 2017/18. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 646,84 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 24,97 mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para a safra 2018/19, projeta-se uma estabilidade do reduzido consumo interno, ficando em 11,2 milhões de toneladas.

preliminar para a safra 2019/20 global de algodão. É previsto, inicialmente, que a oferta supere a demanda no período. Quanto à China, espera-se um aumento em produção, consumo e, principalmente, importação. Com isso, os estoques chineses devem decair pelo quinto ano consecutivo. Todavia, com o aumento dos estoques mundiais, a previsão inicial é que a cotação da pluma tenha um viés baixista, na média, no período 2019/20, mas os valores deverão continuar, ainda, proporcionando boa remuneração aos produtores de pluma de todo o mundo.

proximidade com a paridade de exportação não era tão pequena desde o ano de 2008. No final de março, a fibra no FOB Santos ficou cotada por volta de US\$0,77/lb, valor cerca de 1,6% superior ao contrato de maior liquidez na Ice Futures no mesmo período. Há um mês e há um ano esses valores eram superiores em 9,5% e 11%, respectivamente. Esse movimento é importantíssimo, pois o excedente das safras 2017/18 e 2018/19 é muito grande e tem que ser exportado para se evitar um achatamento dos preços internamente.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2018/19 deverá ser 11,7% inferior em relação à safra 2017/18, atingindo 10,7 milhões de toneladas, volume abaixo da média histórica de 12 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão da perspectiva de menor produtividade (adversidades climáticas) e de redução de área nos principais estados produtores. Sobre a balança comercial, esta encerrou com superavit de aproximadamente 865 mil toneladas na última safra em meio a preços nacionais baixos e um câmbio desvalorizado. Desvalorização na maior parte do ano passado. Já para a safra 2018/19, estima-se que ocorrerá uma reversão do superavit para déficit na balança comercial, pois a expectativa é de real mais valorizado, menor oferta do grão e, conseqüentemente, melhores preços internos ao longo de 2019.

Com base no cenário descrito, observou-se uma leve retração dos estoques de passagem ao longo de 2018, estimando-se um estoque final de 671,8 mil toneladas, para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019). Para a safra 2018/19, em meio a uma estimativa de menor produção, a projeção é de redução nos estoques para 508 mil toneladas (fevereiro de 2020).



7.3. FEIJÃO

7.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

Em São Paulo, na zona cerealista, mesmo com uma menor oferta, compradores (indústrias/empacotadores) mantiveram uma posição de cautela, com raras negociações. As sobras diárias do produto, a má qualidade dos grãos com preços elevados e a falta de interesse de compras pelo setor varejista, contribuíram para uma forte queda dos preços.

Existe a necessidade de reposição de estoques por parte dos empacotadores, mas o significativo aumento de preços do produto, verificado nas três primeiras semanas de fevereiro, tem dificultado as vendas.

A comercialização vem sendo prejudicada pelo deaquecimento das vendas no varejo. Dessa forma, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda se encontram baixos. Ainda há de se considerar a má qualidade do grão que vem sendo comercializado, deixando o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade. sileiras, principalmente do Centro-Oeste.

7.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o mercado segue calmo e os preços recuando devido à fraca demanda e à má qualidade do produto ofertado. Contudo, em vista da pouca quantidade que vem sendo ofertada e dos preços praticados para o grupo carioca, a expectativa é de um mercado mais firme

Na região Sul, primeira safra está concluída e, no Paraná, cerca de 85% da produção foi comercializada. Os produtores continuam tendo um bom retorno financeiro em suas negociações, mas os aumentos de preços vão sendo repassados para o varejo e impactando ainda mais o consumo.

Cabe esclarecer que no levantamento de campo, realizado em fevereiro, por técnicos da Conab, foi detectado uma redução da área a ser cultivada. Todavia, na presente pesquisa, apurou-se aumento no cultivo, motivado pelos atrativos preços pagos aos produtores. Assim, parte da área que seria destinada para outros cultivos, principalmente o milho, passou a ser ocupada com a leguminosa.

Em virtude da menor área semeada e das condições climáticas adversas verificadas durante o transcurso da primeira safra, impactando a produção paranaense de material de propagação para essa cultura, optou-se pela importação de “sementes” de outras regiões bra-

com aumento das cotações.

A segunda safra está concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio. Dora-vante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que deve concluir o seu plantio em março. Do volume a ser produzido naquele



país, cerca de 70% da produção de feijão-comum pre-

to é destinada ao Brasil.

7.3.3. SUPRIMENTO

Para a temporada em curso, 2018/19 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab, em março deste ano, chega em um volume médio de produção estimado em 3,1 milhões de toneladas, 0,5% superior à colheita anterior.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6, recuando para 2,8 em 2016, o me-

mente, espera-se um estoque de passagem na ordem de 307,7 mil toneladas, em torno de um mês de consumo.

7.4. MILHO

Com o aumento da estimativa de produção de milho, os estoques de passagem do cereal da safra 2018/19 devem subir para 15,3 milhões de toneladas, que representa praticamente dois meses de consumo, se considerar a demanda total de 93,5 milhões de toneladas (consumo doméstico mais exportações).

Vale salientar que a safra continua em andamento e as perspectivas são bastante positivas, ou seja, há a possibilidade de se ter novos incrementos na produção, o que acarretaria em um aumento de estoques e pressão baixista sobre os preços internos. Porque não se vê, a curto prazo, incrementos nas exportações que significariam reajuste nos 31 milhões de toneladas estimados, visto que, apesar do início do ano-safra bem positivo, como 2,6 milhões de toneladas embarcados em fevereiro e março, bem como o expressivo volume de milho já negociado, cerca de 22,4 milhões de toneladas provenientes do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná, as quais boa parte deve ser destinada ao mercado externo, os atuais prêmios dos portos para os contratos futuros estão muito baixos

nor registrado na história razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

Em 2017 houve uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas. No entanto, em 2018, o significativo declínio dos preços no varejo, em relação ao ano passado, não foi suficiente para manter o consumo, que o recuou para 3.100 mil toneladas. Dessa forma, de acordo com o volume de produção previsto, e as importações e exportações estimadas em, 130 e 140 mil toneladas, respectiva-

e em queda, o que diminui a paridade de exportação, diminuindo a possibilidade de novas negociações em grandes volumes.

A evolução do consumo doméstico passa a depender da demanda de milho para o etanol, vez que o crescimento para alimentação animal não é tão expressivo e já vinha sendo considerado no volume estimado de 62,5 milhões de toneladas.

Sabe-se que algumas indústrias em Mato Grosso estão investindo em novas plantas de etanol à base de milho, contudo, não se tem certeza se algumas já começarão a esmagar ainda neste ano, provocando um novo aumento no consumo interno do cereal.

Nesta conjuntura, com os preços do milho em Chicago em níveis abaixo dos US\$ 3,70 /bushel (US\$ 145,65 a tonelada), o único parâmetro que tem mantido a paridade acima de R\$ 37,00 a saca de 60 quilos é o câmbio, o qual, dependendo do cenário político-econômico do país, pode cair do patamar atual, que está bem elevado, pressionando ainda mais os preços internos.

Vale ressaltar que boa parte do milho primeira safra



ainda não foi negociado e, juntamente com a colheita da segunda safra, pode ser mais um ingrediente neste cenário de baixa, que vem se desenhando, para o segundo semestre de 2019.

7.5. SOJA

7.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Os preços internacionais médios em março de 2019, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), tiveram uma forte baixa, se comparados com fevereiro de 2018, passando de UScents 910,12/bu para UScents 883,60/bu.

Mais uma vez os preços internacionais CBOT têm movimentação em cima dos fundamentos de mercado da guerra comercial sino-americana, que não sinaliza, ainda, nenhuma solução que encerre o conflito. No entanto, o mercado já acredita em um acordo a curto prazo. Não está sendo apenas a dita guerra que vem influenciando o cenário agrícola mundial, mas também um possível atraso de plantio de milho, motivado pelas

-americana deve ser de apenas 117,28 milhões de toneladas, enquanto que na safra 2018/19 este valor foi de 123,66 milhões de toneladas, mas com a produtividade de 3.470 kg/ha.

7.5.2. MERCADO NACIONAL

No Brasil, os preços nacionais de março de 2019 não se alteraram se comparados aos de fevereiro de 2019, mesmo com os preços internacionais com fortes baixas e os prêmios de porto (Paranaguá-PR) passando da média de UScents 52,00/bu para UScents 40,00/bu, o dólar tem segurado uma queda dos preços nacionais, a média dos preços do dólar em fevereiro de 2019 foi de R\$ 3,70 e a de março de 2019 R\$ 3,84.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de soja em grãos em março de 2019 fecharam em 8,95 milhões de toneladas. Esse valor foi muito menor que o estimado pelo line-up de 10 milhões de toneladas.

Esse valor foi também 12,3% maior que o estimado em março de 2018, aferido em 8,81 milhões de toneladas. O que consolida o fato de que as exportações de 2019, que estavam muito fortes no início do ano, começaram a arrefecer.

A soma das exportações de 2019 está em 17,24 milhões

enchantes ocorridas principalmente no sul dos Estados Unidos, que podem vir a atrasar o plantio do milho estadunidense. Como a janela de plantio de soja é maior que a de milho, existe a perspectiva de que as áreas deste grão, que foram impossibilitadas de plantio no momento ideal, possam ir para a soja, motivando uma queda de preços CBOT.

Outro fator importante divulgado em março foi a divulgação, feita pelo Usda, da estimativa de intenção de plantio para a safra 2019/20 dos Estados Unidos. Segundo o Usda os americanos devem reduzir a área plantada em aproximadamente 5%, passando de 89,19 milhões de acres (36.236 milhões de hectares) para 84,6 milhões de acres (34.243 milhões de hectares).

Com a média de produtividade dos últimos três anos em 3.423 kg/ha, a produção para a safra 2019/20 norte-

de toneladas, enquanto que no mesmo período de 2018 esse valor era de 13,24 milhões e em 2017, de 13,40 milhões de toneladas.

Caso os valores continuem dentro da média das exportações de 2018 e 2017, as exportações de abril devem ser de aproximadamente 10,40 milhões de toneladas.

Com a queda prevista para a safra 2018/19, estimada em 113,46 milhões de toneladas, as exportações devem sofrer uma forte redução em 2019, ficando em um valor estimado de 70 milhões de toneladas.

Se defrontado a 2018, o valor estimado de exportação para 2019 será 13,6 milhões de toneladas menor, por outro lado será quase 2 milhões de toneladas superior ao exercício de 2017, onde a safra colhida foi de 114 milhões.

O consumo interno deve girar em torno de 44 milhões de toneladas, sob uma forte pressão do aumento de produção de óleo de soja para biodiesel, assim, possivelmente, os estoques de passagem deverão ser bastante baixos.



7.6. TRIGO

A cotação média de março do trigo pão, tipo 1, PH 78, foi de R\$ 49,09 a saca de 60 quilos no Paraná, valor ligeiramente inferior ao observado ao longo de fevereiro, correspondente a R\$ 49,27 por saca de 60 quilos. Ainda que o mercado tritícola brasileiro tenha se mantido abastecido, com baixa liquidez e estabilidade nos preços, o setor esteve bastante movimentado por conta de basicamente duas ocorrências: a primeira diz respeito à cota de importação de 750 mil toneladas de trigo sem a incidência da Tarifa Externa Comum – TEC de 10% para países fora do Mercosul, anunciada durante a visita do presidente brasileiro e alguns ministros aos Estados Unidos, na segunda quinzena de março. Esta cota foi inicialmente prevista em um compromisso firmado pelo Brasil durante a Rodada do Uruguai da OMC, em 1994, e agora a sua efetivação depende de uma publicação oficial por parte do Governo Federal.

Apenas nos três primeiros meses de 2019 o Brasil importou o equivalente a 1,89 milhão de toneladas de trigo, sendo 1,74 milhão de toneladas oriundas da Argentina. Especificamente em março, o volume total de trigo internalizado pelo país correspondeu a 659,5 mil toneladas que, além do argentino, contou com a entrada do grão vindo dos Estados Unidos e do Paraguai.

A segunda ocorrência refere-se ao estudo recentemente divulgado pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo – Abitrigo, que estimou uma moagem total de aproximadamente 12,2 milhões de toneladas de trigo ao longo de 2018, resultando numa disponibilização de farinhas para o mercado da ordem de 9,5 milhões de toneladas neste mesmo ano. Segundo a entidade, esta última pesquisa foi capaz de abranger um maior número de moinhos por todo o Brasil, de modo que os valores agora divulgados estão ainda mais condizentes com a realidade do setor industrial. Diante dos dados apresentados a Conab revisou os números relativos ao Quadro de Oferta e Demanda para a safra 2018/19, bem como iniciou a divulgação dos números relativos à safra 2019/20, que deverá iniciar em agosto deste ano. Para a safra ainda em vigor, diante da menor disponibilidade de trigo nacional de qualidade e do atual ritmo das importações nacionais, espera-se que as importações desta safra atinjam um valor de aproximadamente 7,3 milhões de toneladas.

Para a safra vindoura, a Conab estima que sejam cultivados 2,04 milhões de hectares de trigo no Brasil, além de uma recuperação de produtividade de 3,8%, o que poderá resultar em uma safra de 5,63 milhões de toneladas do grão.



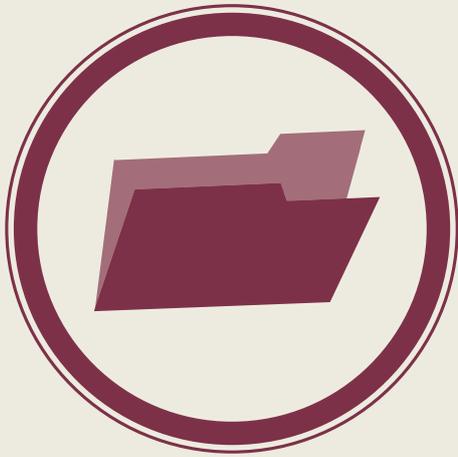
Tabela 44 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPOR-TAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2015/16		349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17		201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	Mar/19	245,3	2.005,8	30,0	2.281,1	680,0	936,0	665,1
		Abr/19	245,3	2.005,8	30,0	2.281,1	680,0	936,0	665,1
	2018/19	Mar/19	665,1	2.575,4	5,0	3.245,5	720,0	1.450,0	1.075,5
		Abr/19	665,1	2.647,4	5,0	3.317,5	720,0	1.650,0	947,5
Arroz em casca	2015/16		962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17		430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	Mar/19	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.300,0	1.710,2	610,8
		Abr/19	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	Mar/19	610,8	10.636,2	1.300,0	12.547,0	11.300,0	900,0	347,0
		Abr/19	671,8	10.653,8	1.300,0	12.625,6	11.200,0	900,0	525,6
Feijão	2015/16		198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17		186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	Mar/19	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.100,0	162,4	237,4
		Abr/19	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	Mar/19	237,4	3.075,1	150,0	3.462,5	3.100,0	120,0	242,5
		Abr/19	287,4	3.130,3	130,0	3.547,7	3.100,0	140,0	307,7
Milho	2015/16		10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17		6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	Mar/19	17.246,5	80.786,0	901,8	98.934,3	59.844,8	24.767,0	14.322,5
		Abr/19	17.246,5	80.709,5	901,8	98.857,8	59.844,8	24.767,0	14.246,0
	2018/19	Mar/19	14.322,5	92.807,5	500,0	107.630,0	62.500,0	31.000,0	14.130,0
		Abr/19	14.246,0	94.008,5	500,0	108.754,5	62.500,0	31.000,0	15.254,5
Soja em grãos	2015/16		2.373,6	95.434,6	382,1	98.190,3	41.500,0	51.581,9	5.108,4
	2016/17		5.108,4	114.075,3	253,7	119.437,4	43.800,0	68.154,6	7.482,8
	2017/18	Mar/19	7.482,8	119.281,7	187,0	126.951,5	42.600,0	83.605,2	746,3
		Abr/19	7.482,8	119.281,7	187,0	126.951,5	42.600,0	83.605,2	746,3
	2018/19	Mar/19	746,3	113.459,1	400,0	114.605,4	44.000,0	70.000,0	605,4
		Abr/19	746,3	113.823,4	400,0	114.969,7	44.000,0	70.000,0	969,7
Farelo de Soja	2015/16		2.758,8	30.415,0	0,8	33.174,6	15.500,0	14.443,8	3.230,8
	2016/17		3.230,8	32.186,0	1,6	35.418,4	17.000,0	14.177,1	4.241,3
	2017/18	Mar/19	4.241,3	31.262,0	0,2	35.503,5	17.200,0	16.862,0	1.441,5
		Abr/19	4.241,3	31.262,0	0,2	35.503,5	17.200,0	16.862,0	1.441,5
	2018/19	Mar/19	1.441,5	32.340,0	1,0	33.782,5	17.200,0	14.400,0	2.182,5
		Abr/19	1.441,5	32.340,0	1,0	33.782,5	17.200,0	15.000,0	1.582,5
Óleo de Soja	2015/16		785,6	7.702,5	66,1	8.554,2	6.380,0	1.254,2	920,0
	2016/17		920,0	8.151,0	58,1	9.129,1	6.800,0	1.342,5	986,6
	2017/18	Mar/19	986,6	7.917,0	35,2	8.938,8	7.100,0	1.414,5	424,3
		Abr/19	986,6	7.917,0	35,2	8.938,8	7.100,0	1.414,5	424,3
	2018/19	Mar/19	424,3	8.190,0	40,0	8.654,3	7.200,0	1.100,0	354,3
		Abr/19	424,3	8.190,0	40,0	8.654,3	7.200,0	1.050,0	404,3
Trigo	2016		809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017		2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	Abr/19	1.685,6	5.427,6	7.300,0	14.413,2	12.481,4	600,0	1.331,8
	2019	Abr/19	1.331,8	5.631,0	7.200,0	14.162,8	12.481,4	300,0	1.381,4

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2017/18; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em março/2019/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



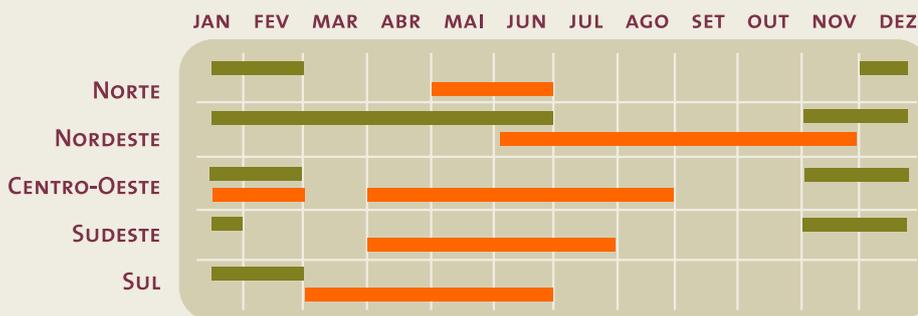


8. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

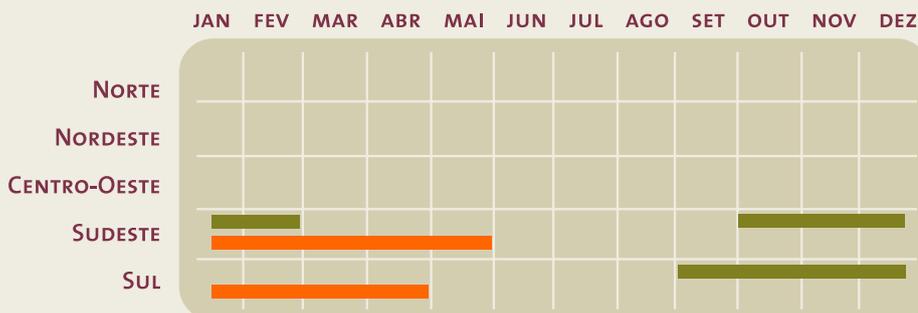
Plantio Colheita



Algodão



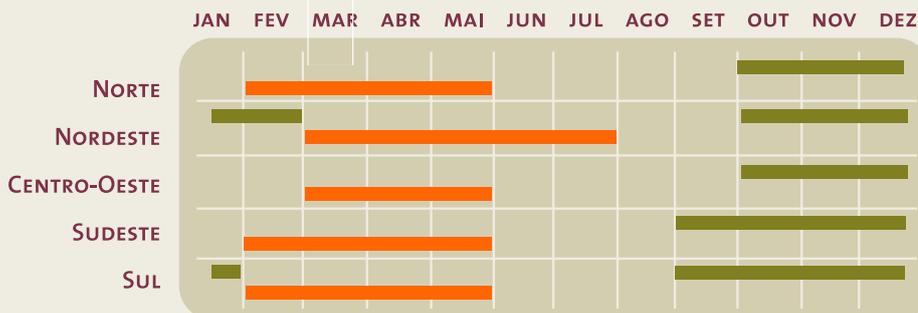
Amendoim
1ª safra



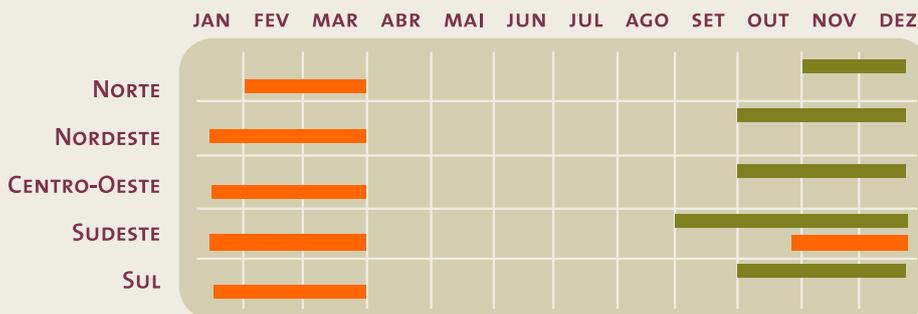
Amendoim
2ª safra



Arroz

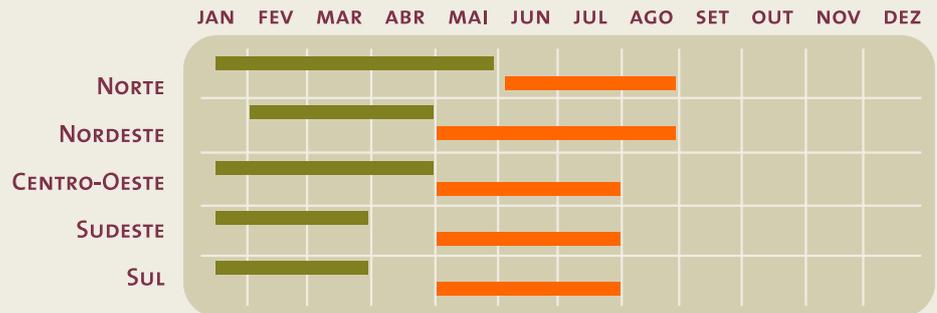


Feijão 1ª safra

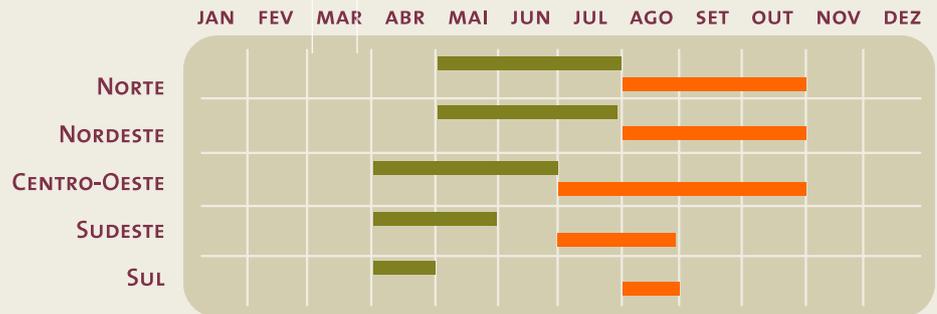




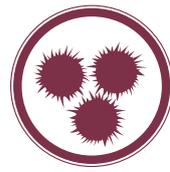
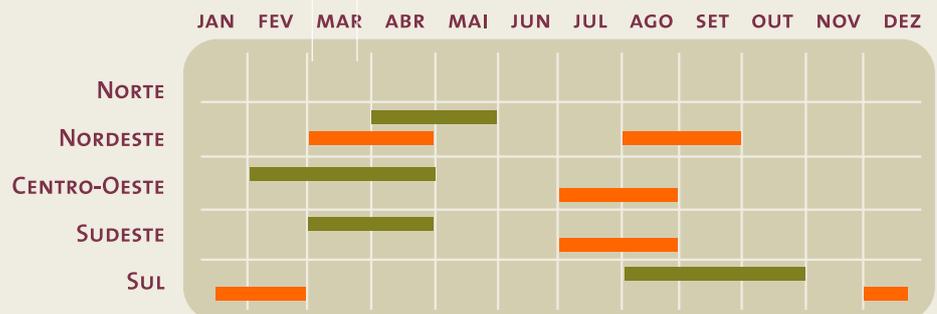
Feijão 2ª safra



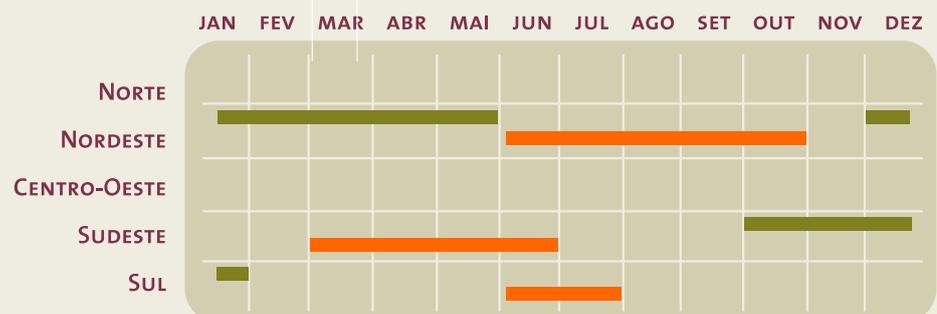
Feijão 3ª safra



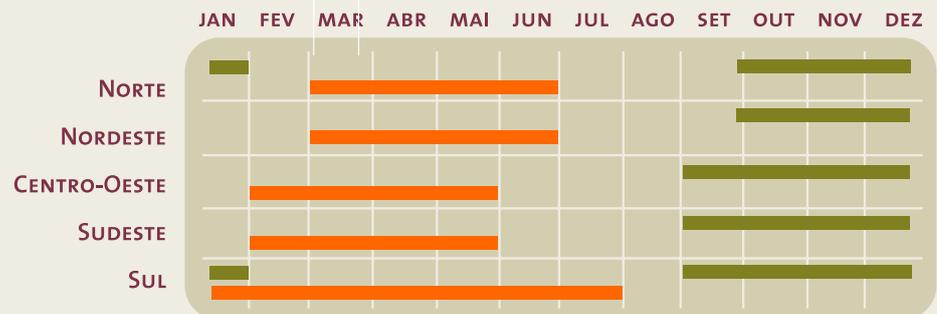
Girassol



Mamona



Milho 1ª safra





Milho 2ª safra



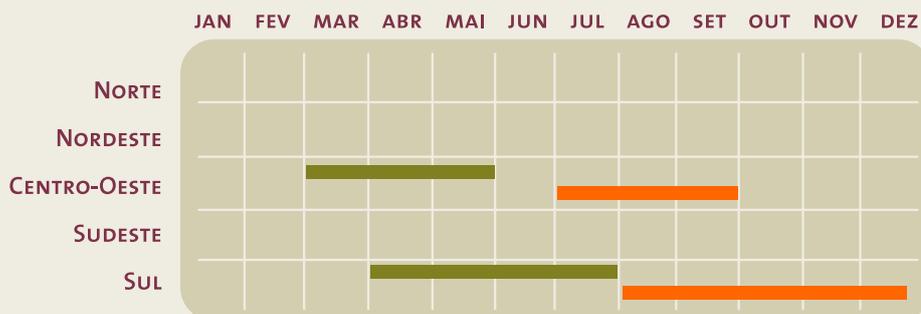
Soja



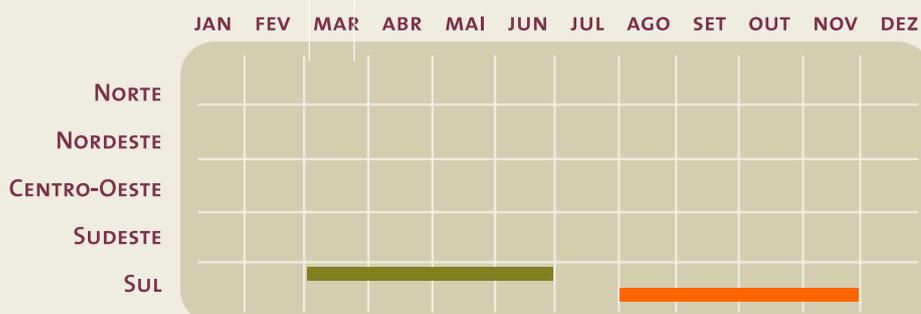
Sorgo



Aveia

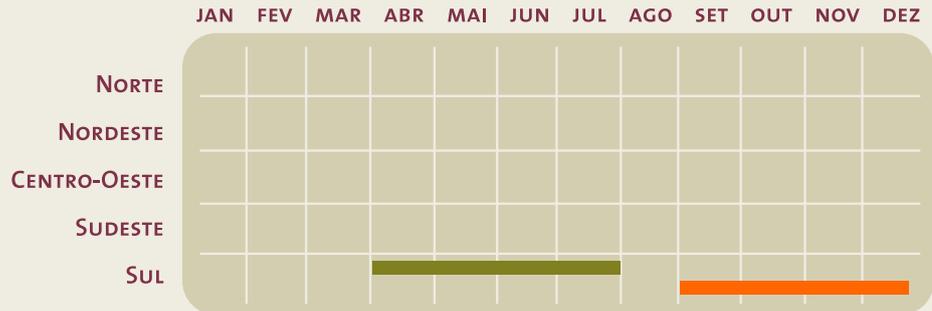


Canola

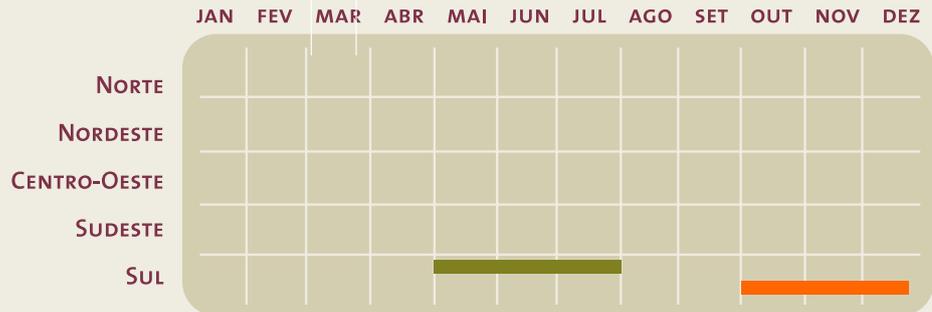




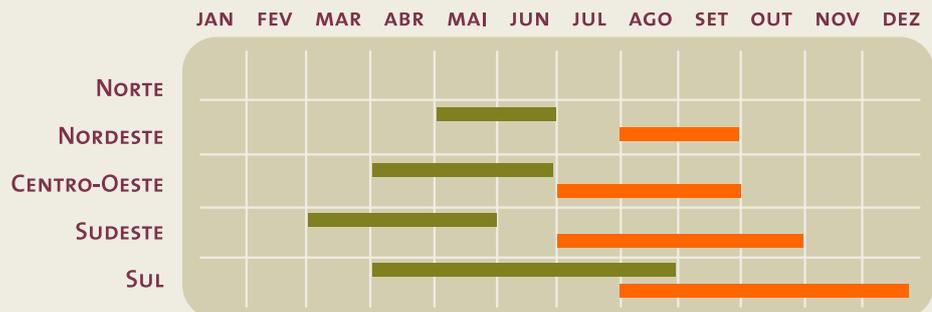
Centeio



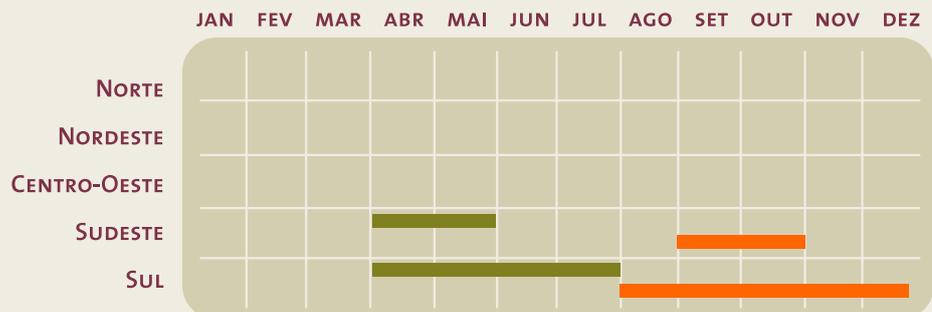
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

